

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA – MESTRADO**

RODRIGO ESTEBAN GUTIÉRREZ HERRERA

**CORPOS E AMBIVALÊNCIAS: UMA ETNOGRAFIA NA PRAIA DE CAMBURI NA
CIDADE DE VITÓRIA/ES**

**VITÓRIA - ES
2018**

RODRIGO ESTEBAN GUTIÉRREZ HERRERA

**Corpos e ambivalências: Uma etnografia na praia de Camburi na cidade de
Vitória/ES**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para a obtenção do título de mestre em Educação Física, na área de concentração Educação Física, Corpo e Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Marcelo Gomes

**Vitória
2018**

RODRIGO ESTEBAN GUTIÉRREZ HERRERA

**CORPOS E AMBIVALÊNCIAS: UMA ETNOGRAFIA NA PRAIA DE CAMBURI NA
CIDADE DE VITÓRIA/ES**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para a obtenção do título de mestre em Educação Física, na área de concentração Educação Física, Corpo e Movimento Humano.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Dr. Ivan Marcelo Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Professor Dr. Felipe Quintão de Almeida
Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Dr. Deonir Luis Kurek
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

AGRADECIMENTOS

Agradezco primero a mis padres Silvita y Juanito. Gracias por las enseñanzas que me dieron y aun más importante por el amor y el apoyo incondicional que me han brindado. A mi familia y en especial a mi abuela y mis tias.

Al Profesor Dr. Ivan Marcelo Gomes, por la paciencia de escuchar y entender a este servidor, por la ayuda, la gran disposición, sus consejos musicales pero por sobre todo por redefinir mis nociones de éxito en la vida.

A los miembros del Leseff por ser mi principal familia brasileira, por la acogida, por las piadas, por los webeos, por el cariño, los furingos, por enseñarme el amor al café.

A la galera OEA 2015, 2016 y 2017, son muchos, gracias por las sonrisas.

Personalmente a mis amigos que se volvieron hermanos, a Abibão por su entrega. A Dabito por ser el más pulento. A Vitor por ser un verdadero hermano. A Flor por la confianza. A Valeria por el cariño. A la Agus por la contención. A Ale por ser ella misma.

A mis viejos amigos que creyeron en mi y que me cuidaron de lejos. A Vicho por pavimentarme el camino. A Sabata, a la Gearbi, Pipe, Poshi, Jara y tantos otros que deje en Chile.

A Taiga por nuestros intervalos, por las correcciones y las charlas en Onofre.

No he visto esta estadía sino como un proceso colectivo, 2 años no se reducen simplemente en una tesis por lo tanto, gracias a tantas otras personas que me han brindado una mano en este viaje, a los que me han hecho la carga más ligera, a los que no tenían porque y estuvieron allí sin que se los pidiera. Gracias totales minha gente.

RESUMO

A dissertação tem por objetivo principal interpretar os entendimentos sobre o corpo por parte dos freqüentadores (indivíduos que realizam praticas corporais) da praia de Camburi localizada no município de Vitória/ES. Estes entendimentos de corpo estão atravessados por uma diversidade de discursos desenvolvidos na modernidade e na alta modernidade. São analisadas assim questões relacionadas a saúde e estética principalmente. A pesquisa se desenvolveu por meio de uma etnografia na praia de Camburi onde também foram realizadas entrevistas semi estruturadas das quais se desenvolveram diferentes categorias de análises: saúde, sociabilidade e estética. As análises das práticas deram como resultado uma direta relação com motivações de saúde, visando assim uma necessidade permanente de sensações de bem-estar como acontece em relação aos diferentes tipos de consumo nos que se destacam o espaço de praia, a atividade física e o lazer.

Palavras chave: Corpo, Saúde, Estética, Práticas corporais.

ABSTRACT

The main objective of the dissertation is to interpret the body understandings by the goers (individuals who realizes corporal practices) of the Camburi beach located in the city of Vitória/ES. These body understandings are crossed by a diversity of discourses developed in the modernity and high modernity. Thus, issues related to health and aesthetics are analyzed. The research was developed through an ethnography on the Camburi Beach where semi-structured interviews were also carried out, from which different categories of analysis were developed: health, sociability and aesthetics. The analyzes of the practices resulted in a direct relationship with health motivations, thus aiming a permanent need for feelings of wellbeing as it happens in relation to the different types of consumption in which they stand out in the beach space, physical activity and leisure are highlighted.

Key Words: Body, Health, Aesthetics, Corporal practices.

RESUMEN

La disertación tiene por objetivo interpretar los entendimientos de cuerpo de frequentadores (individuos que realizan prácticas corporales) de la playa de Camburi ubicada en el municipio de Vitória/ES. Estos entendimientos de cuerpo están atravesados por una diversidad de discursos desarrollados en la modernidad y alta modernidad. Se analizan así cuestiones relacionadas a salud y estética principalmente. La investigación se desarrolló por medio de una etnografía en la playa de Camburi donde además fueron realizadas entrevistas semi estructuradas de las cuales se desarrollaron diferentes categorías de análisis: salud, sociabilidad y estética. Los análisis de las prácticas dieron como resultado una relación directa con motivaciones de salud, visando así una necesidad permanente de sensaciones de bienestar como ocurre en relación con los diferentes tipos de consumo en los que se destacan el espacio de playa, la actividad física y el ocio.

Palabras Clave: Cuerpo, Salud, Estética, Prácticas Corporales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa da Praia de Camburi.....	25
Figura 2. Praia de Camburi desde kiosque 1.....	64
Figura 3. Uso do espaço na orla.....	65
Figura 4. Baia de Skate.....	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Lista de atividades.....	68
Quadro 2. Caracterização dos entrevistados.....	74
Quadro 3. Atividades na praia.....	77
Quadro 4. Atividades com pessoas.....	93

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 DOS INTERESSES PESSOAIS.....	15
1.2 A INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA.....	18
1.3 DAS PRÁTICAS CORPORAIS E OS CORPOS.....	19
1.4 METODOLOGIA A UTILIZAR.....	22
1.5 DO CAMPO A PESQUISAR.....	24
2 CAMINHADA TEÓRICA.....	28
2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	29
3 O CORPO E A ORLA: APONTAMENTOS TEÓRICOS.....	44
3.1 CORPOS DO MERCADO E A SAÚDE.....	44
3.2 PRÁTICAS CORPORAIS E ATIVIDADE FÍSICA.....	52
3.3 DO SÍMBOLO AO DISCURSO: PRODUÇÃO DA CORPORALIDADE.....	56
3.4 PRÁTICAS ENTRE A NATUREZA E A CIDADE.....	59
4 PRODUÇÃO NA ORLA: ANDANÇAS NO CAMPO.....	62
4.1 ETAPA 1: ANDANDO NO CAMPO.....	63
4.1.1 CARATERIZAÇÃO DA LOCAÇÃO DA PESQUISA.....	64
4.1.2 CARATERIZAÇÃO DAS ATIVIDADES.....	68
4.1.3 LIMITAÇÕES AUTOANTROPOLOGICAS.....	71
4.1.4 INTERAGINDO COM AS PESSOAS.....	72
4.2 ETAPA 2: PENSANDO O CAMPO.....	76
4.2.1 AS ATIVIDADES.....	77
4.2.2 A PRAIA.....	79
4.2.3 SAÚDE.....	80
4.2.4 ACADEMIA VERSUS PRAIA.....	87
4.2.5 SOCIABILIDADE.....	93
4.2.6 ESTÉTICA.....	96
4.2.7 RESISTÊNCIAS OU AMBIVALÊNCIAS?.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	112
ANEXOS.....	119

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

*No se debiera hablar en primera persona
del singular - es falta de modales
habría que reducirse al mínimo
habría que arrodillarse y llorar.*

Nicanor Parra

Artefactos

A atual pesquisa vem se desenvolvendo numa época da história difícil de catalogar. Na hora de construir uma pesquisa, penso-a, por um lado, de modo a tirar uma foto e apreciar uma imagem congelada no tempo, por outro lado, não tenho certeza nenhuma do que o que essa apresenta tenha algum grau de continuidade ou que represente a visão de um tempo, uma geração ou uma percepção geral do século XXI em si.

Ao parecer, estamos situados num tempo rápido, efêmero, no qual desde o século passado, as décadas no mundo ocidental vêm se apresentando com diferentes posturas, modas, visões e expressões de todo tipo. As pessoas olham os anos 60's, 70's e 80's já com suas categorias marcadas, suas músicas, sua cultura respectiva, seus acontecimentos históricos num nível macro, de grandes rupturas, das guerras, o surgimento de novas nações, e de um momento para o outro junto ao desenvolvimento da tecnologia, e com ela, das mídias, encontramos-nos frente a um novo século, mais "complexo" para alguns, num panorama de caráter "global". Alguns teóricos dizem que entramos na pós-modernidade, outros que passamos desde a modernidade sólida à modernidade líquida¹ e outros afirmam que nossas sociedades não têm mais esse interesse nas tradições como eixo de ação, de um jeito funcionalista e estruturalista².

¹ Referente a importantes teóricos das ciências sociais como Zygmunt Bauman ou Anthony Giddens.

² Como é o caso das vertentes da antropologia do século XX, a Antropologia Funcionalista e a Antropologia Estruturalista e seus teóricos como Evans Pritchard, Radcliffe Brown ou Claude Lévi-Strauss.

No século passado dois livros importantes (O admirável mundo novo, escrito por Aldous Huxley e publicado em 1932, e o livro 1984 escrito por George Orwell e publicado em 1949) falam de sociedades distópicas onde os Estados desenvolvidos nestas obras controlam todas as políticas em relação à vida. Estados que possuíam uma quantidade de dispositivos para controlar a população toda de jeitos distintos, junto às diferentes (bio) tecnologias, mantinham a ordem social e econômica numa cultura fechada à mudança.

É até particular pensar que hoje a realidade é completamente outra, não me atreveria dizer melhor nem pior, mas onde o Estado tem perdido esse grau de controle em ordem de um mercado global, em ordem às grandes corporações transnacionais que têm exercido um poder político através de suas “manobras” econômicas, diretas e até militares, pelo menos na situação sul-americana.

O presidente chileno Salvador Allende, em 1972, fez uma chamada de alerta na Organização de Nações Unidas por causa desse iminente conflito contra as corporações transnacionais que hoje marcam um capítulo neoliberal em matéria de economia internacional. Hoje é esse mesmo neoliberalismo que Allende denunciava que propõe uma cultura de consumo, de posse de experiências, de recursos, tanto do material e do imaterial. É aqui que a ênfase da vida foi mudando. O mercado não se baseia mais ao redor do indivíduo produtor. Hoje, o mercado tem como protagonistas os consumidores nos seus vários aspectos de suas vidas. Ele atinge as diferentes escolhas das pessoas e não segue uma linha com um sentido só, alimenta-se das diferentes modas, dos acontecimentos e oferece soluções às crescentes necessidades que vão se criando e até noutros casos substituindo-as.

Embora esta pesquisa tenha um interesse pelas conturbadas situações contemporâneas, ela não tem como fim criar uma categoria de análise ou apontar em direção a uma estrutura, apenas atingir uma pequena esfera de saber, mais reduzida. Tampouco se pretende fazer um estudo geral das influências ou controvérsias do mercado, isto é, uma das (tantas) variantes em aspectos sociais e culturais que se apresentam nos estudos das ciências sociais e humanas atualmente.

Hoje, as ciências sociais, assim como a educação, tem outros interesses, talvez, não com esse interesse messiânico de ensinar o caminho que as pessoas têm que seguir, senão de conseguir entender o porquê ou de que jeito acontecem certas situações e, desta maneira, agir em ações mais diretas, pequenas, em situações específicas. Ajudar também a que os diferentes modos de vida, os diferentes caminhos e posturas sejam respeitadas e que, principalmente, estes não se posicionem como verdades absolutas, o que pode também acontecer com a ciência mesma como um único espectro da verdade.

No modo de integrar as perspectivas, a ciência tem que abrir espaços a novas interpretações, criar conexões e não barreiras, sobretudo em aspectos interdisciplinares. Desse modo, começo contextualizando os problemas contemporâneos sob uma perspectiva das ciências sociais, fundadas em interesses pessoais. Meu interesse surge destas formas hegemônicas que sujeitam o indivíduo, sejam sociais, econômicas ou culturais, dessas “doutrinações” das sociedades nas quais se constroem certos conhecimentos e, assim, se monopoliza uma única versão das coisas, uma única interpretação. Desta maneira, o mundo ocidental, em sua maioria, se vê influenciado por uma série de perspectivas as quais se posicionam hierarquicamente frente a outras como acontece muitas vezes entre as perspectivas das ciências naturais por sobre as perspectivas das ciências sociais.

Não se pode esquecer (também) de ter cuidado com as diferentes interpretações, com as ciências naturais, também chamadas de ciências “duras”, não cair (tampouco) num determinismo biológico a priori. Há que lembrar que na história já experimentamos um forte processo eugênico e racista, no qual foram gerados massacres e genocídios de mãos dadas com os conhecimentos aprovados pela ciência e o campo da saúde³.

Aqui é onde surgem outras das minhas preocupações, diante de uma cultura onde, ao que parece, o natural corresponde ao biológico, às pessoas parecem não conseguir se desprender do aspecto fisiológico mecanicista, da ideia do corpo

³ Lembrando dos crimes de lesa-humanidade e suas fundamentações teóricas e científicas na Segunda Guerra Mundial.

máquina⁴, da ideia do homem quantificável, influenciadas pelos conceitos gregos de soma e psique, da perspectiva cartesiana, a dualidade entre a alma/espírito e o corpo como se este fosse um objeto-invólucro, assim também, como aconteceu posteriormente com a perspectiva cristã⁵.

O corpo é precisamente o eixo central desta pesquisa, como este mesmo é atravessado pelos distintos discursos midiáticos, pelos discursos de saúde, entendidos como mecânicas de poder sobre a vida. E como também as pessoas vão configurando seu próprio corpo de uma maneira discursiva, nas práticas e formas, pensando-as desde uma perspectiva foucaultiana de potência da vida. Potência que nos ajuda na elaboração das resistências aos discursos hegemônicos de corpo assim como de outras formas de assujeitamentos da vida.

Mais adiante vamos dar uma olhada para essas perspectivas do corpo voltado ao biológico e da atividade física, mas por enquanto, e voltando para o contemporâneo, há um interesse nas mudanças que tem acontecido ultimamente, nas maneiras de viver. Meu interesse encontra-se nessas perspectivas que vão por fora das visões marcadas pelo mercado, para onde vão se dirigindo, como vão se construindo, como vão se dirigindo esses saberes em relação ao corpo, ou melhor dito, os corpos, mediante o uso do poder midiático, estatal, biomédico, institucionalizado, politizado, de diferentes jeitos, como funcionam as perspectivas diferenciadas num mundo onde ao que parece, numa visão da globalização, opera homogeneizando, desintegrando e eliminando certas tradições em ordem à visão mercantilista dos processos da vida.

Agora, para começar, planejo em primeira instância e a modo de contextualizar, indicar os interesses pessoais e as justificativas da pesquisa, assim como a minha inserção na Educação Física brasileira que são pontos fundamentais para começar a falar das problemáticas do corpo e as práticas corporais brasileiras.

⁴ O conceito de Homem-máquina foi elaborado por JulienOffray de La Mettrie, médico e filósofo francês do século XVIII.

⁵ Segundo Assmann (2013), o dualismo platônico da antiga Grécia foi introduzida no cristianismo entre o século IV-V.

1.1 DOS INTERESSES PESSOAIS

Este trabalho tem diferentes justificativas, que vão desde os meus interesses pessoais, passando pela tarefa da disciplina antropológica, e a tarefa de continuar com a tradição de estudos relacionados com o corpo e as práticas corporais na Educação Física no Estado de Espírito Santo/Brasil, contribuindo desta maneira também com as teorizações das disciplinas sociais.

Os meus interesses pessoais surgiram primeiramente no marco da cultura capixaba⁶ contemporânea em relação ao corpo, às práticas, à atividade física. Foi um ponto em destaque em oposição à realidade chilena da qual eu venho. Daí surgiu um pensamento que tive de ir desfibrando de pouco a pouco.

Minha experiência no Brasil vem-se dando desde a minha chegada em fevereiro do ano de 2016. Minha estadia não está isenta das problemáticas da história brasileira atual, com crises políticas e econômicas, tal como nos seus países vizinhos no contexto latino-americano. Fui começando a apreciar as similitudes dos aspectos governamentais e da política partidária, assim como dos mitos originados no capitalismo e compartilhados entre Chile e Brasil.

Daí surge essa impressão de que os brasileiros (ou, em particular, os capixabas), e em oposição a minha realidade do centro-sul do Chile, têm um (intenso) interesse na atividade física, tem todo um marco cultural ao redor da praia como locação, uma cultura praiana de lazer, mas também um culto a um corpo em específico que pude apreciar na quantidade de academias que tem em espaços relativamente pequenos⁷.

Aqui, fui pensando em que o bombardeio midiático não é forte só lá no Chile, se não aqui também, no Brasil, criando diferentes necessidades em relação a sua realidade, ao seu cotidiano. Existe a venda de suplementos alimentícios e as chamadas bombas, há todo um mercado em relação ao exercício físico e as academias. Esta

⁶ Capixaba é a pessoa natural de Vitória, ES, mas também é utilizado para descrever a pessoa que mora no Estado do Espírito Santo.

⁷ Percebi que no bairro Jardim da Penha em Vitória, ES, de classe média-alta/alta, tem pelo menos umas sete academias.

não é a primeira vez que me interesso no corpo desde a teoria, nem a prática, mas nesta ocasião queria dar uma mergulhada com outros fins, outros horizontes.⁸

E é justamente com essa nova justificativa, de como as pessoas vão assimilando os saberes fornecidos pelas diferentes vertentes, mídias, saberes populares e ao mesmo tempo, como os mesmos indivíduos vão construindo, articulando e gerando novos saberes em relação ao corpo, e, além disso, como vão se constituindo novos saberes por fora dos discursos criados pelos interesses econômicos, midiáticos e hierarquizantes. Nesta linha ou na visão do mercado, onde a vida mesma opera sob os parâmetros do mercado assim como das instituições do Estado.

Nessa perspectiva me encontrei com os textos de um autor que, embora tinha lido anteriormente, tem me servido na presente construção teórica, ao longo desta pesquisa. A obra de Michel Foucault encontra-se inserida dentro do movimento filosófico francês da segunda metade do século XX, influenciado pelas obras dos alemães Nietzsche e Heidegger. Michel Foucault compartilhou espaços com intelectuais como Jean-Paul Sartre, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jacques Derrida, entre outros.

A guerra contra Argélia assim como o maio francês (na França de Charles de Gaulle) marcou fortemente a posição desses intelectuais. Meu interesse na obra de Foucault vem de seu período genealógico assim como de cuidado de si nos quais evidencia suas análises da modernidade, o nascimento das diferentes instituições e seu rigoroso estudo pelo poder, as redes que ele forma, como é exercido e como funcionam seus distintos mecanismos.

Foucault tem vários processos de deslocamento de si mesmo, onde ele vai mudando seus estudos e vai articulando sobre seus novos “descobrimentos”. Acho necessário, como parte do perfil de quem faz estudos em ciências sociais, ir articulando, mas sobretudo (re)pensando e mudando o próprio pensamento, o tempo vai passando, o mundo vai sendo outro, pelo qual as categorias de análise tem que

⁸ Meu Trabalho de conclusão de curso (Gutiérrez, 2013), que em Chile supõe escrever uma tese, foi acerca de antropologia da corporeidade com uma metodologia própria da somatologia.

ser outras⁹. Nesse sentido, e citando Foucault, “uma das grandes tarefas dos indivíduos atualmente seria promover novas subjetividades através da recusa do tipo de individualidade que foi imposta a nós por séculos” (FOUCAULT, 1988), referente ao discurso hegemônico estatal e que hoje também articula ao discurso mercantil.

Continuando com essa tarefa de criar novas subjetividades, minha pesquisa encontra-se na linha de quem tem certa insatisfação de como as problemáticas estão se abordando nas questões políticas e econômicas, num nível latino americano, onde como países do “terceiro mundo”¹⁰, nos encontramos dentro de uma perspectiva global que nos relega do protagonismo político. Assim, articular diferentes discursos de resistências, construir novas formas de se relacionar, novas subjetividades e porque não, contribuir em novas interpretações do corpo de maneira mais integral, mais diversa e mais empática, como também escreve Assmann (2013) em relação a mudar as políticas da vida a partir de uma nova relação entre o corpo e a vida.

Em outra direção, entendo as práticas humanas desde as ciências sociais ou, especificamente, desde a antropologia, a qual tem já uma tradição de antropologia do corpo, assim como uma antropologia da corporeidade as quais estudam as diversas visões das diferentes culturas respeito ao corpo. A sociologia também desenvolveu uma sociologia do corpo. Aqui, a tarefa do antropólogo ou sociólogo frente ao quadro heterogêneo da cultura corporal é entender, segundo Le Breton (2011), a corporeidade mesma, a qual seria uma estrutura simbólica da qual dependem distintos usos físicos e sociais. Desta maneira, o corpo seria uma elaboração social e cultural, “No interior de uma mesma comunidade social, todas as manifestações corporais do ator são virtualmente significantes [...] elas só têm sentido quando relacionadas ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social” (p. 9). Acho que como antropólogo, o interesse surge desde os estudos da diversidade, do diferente, além, acho nestas perspectivas do corpo simbólico, embora algumas perspectivas antropológicas não estejam em concordância direta

⁹ Citação que achei muito acertada de uma aula do dia 8 de junho da matéria “Políticas do corpo e da Educação Física na América do Sul” pelo professor Felipe Quintão de Almeida.

¹⁰ Em relação à divisão que foi realizada pelo economista francês Alfred Sauvy durante o contexto da guerra fria em relação aos países que não participavam dos dois grandes blocos. Hoje considerados como os países periféricos em vias de desenvolvimento.

com o enfoque da minha pesquisa, certa utilidade na hora de fazer a revisão bibliográfica respeito às contribuições tanto das ciências sociais como do campo da Educação Física, ao respeito das perspectivas de corpo pelos indivíduos que realizam práticas corporais.

Outro dos pontos em destaque nesta experiência no Brasil, tem sido como muitas pessoas de diferentes áreas e disciplinas já perguntaram para mim: “Um cara da antropologia faz o que num programa de mestrado em Educação Física?”. Vou usar esse espaço a modo de explicar e ao mesmo tempo justificar essa interação com a disciplina da Educação Física no Brasil.

1.2 A INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

Voltando para o contexto brasileiro, a atual pesquisa encontra-se inserida dentro de uma linha que, na tradição da Educação Física, chama-se de vertente sociocultural pedagógica. A sua vez, esta vertente está subdividida em outros eixos, na qual essa pesquisa encontra-se situada na linha “Educação Física, Corpo e Movimento Humano” do Programa de Pós-graduação em Educação Física (PPGEF/UFES).

Atualmente, estas linhas de pesquisa são desenvolvidas dentro do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) o qual pertence à Universidade Federal de Espírito Santo (UFES), aqui encontra-se o grupo do Laboratório de Estudos de Educação Física (LESEF), laboratório do qual encontra-se inserida a presente pesquisa. O LESEF tem atualmente uma trajetória (até o momento) de 21 anos e já várias contribuições à disciplina, pesquisas feitas como Carneiro (2017), Firme (2013), Correia (2016) tem influenciado a articulação da presente pesquisa assim como na revisão de literatura. Dentro desse contexto do LESEF, as pesquisas as quais ainda encontram-se em elaboração passam por diferentes processos de revisão, também de maneira grupal, processos no quais a pesquisa é apresentada e discutida frente aos distintos membros deste laboratório o que ajuda notavelmente no desenvolvimento do mesmo trabalho.

Além disso, devido a uma parceria entre o LESEF/UFES com o Centro InterdisciplinarioCuerpo, Educación, Sociedad da Universidade de La Plata (CICES/UNLP), foi desenvolvido o projeto de cooperação internacional “Sentidos sobre educação do corpo no Brasil e na Argentina: artefatos culturais e biopolítica” projeto no qual encontra-se inserida o atual trabalho.

A atual pesquisa também se encontra situada num programa de cooperação internacional por parte dos países pertencentes à Organização dos Estados Americanos (OEA) e ao Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras¹¹ (GCUB), grupo no qual se encontra inserida a UFES¹².

1.3 DAS PRÁTICAS CORPORAIS E OS CORPOS

Na Educação Física brasileira o conceito de prática corporal não tem sido demarcado de uma forma muito específica, é majoritariamente utilizado em pesquisas mais relacionadas com as ciências humanas como bem aponta Lazzarotti et al. (2009) na sua pesquisa onde faz uma revisão da literatura científica brasileira respeito ao termo. Do mesmo jeito, ele explica que “quanto às contribuições dos pesquisadores que ajudam a conceituar práticas corporais, percebemos algumas indicações de outra perspectiva ontológica e seu desdobramento em uma compreensão de corpo que se opõe ao biologicismo”, isto é, pelas vertentes da educação física ou das ciências sociais que pesquisam essas práticas não determinadas por uma questão quantificável ou só pelo biológico.

Nesta mesma linha encontra-se o conceito de prática corporal do Argentino Ricardo Crisorio. Esse conceito remete a um entender não biológico do corpo se não de um

¹¹ O Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB) é uma associação civil, de direito privado, sem fins lucrativos, de caráter acadêmico, científico e cultural, composta por 77 instituições brasileiras de Educação Superior, fundada em 29 de outubro de 2008, em Brasília, DF.

A missão do GCUB é promover relações acadêmicas, científicas e culturais entre as instituições associadas e parceiros internacionais, por meio de programas, projetos e ações de cooperação internacional, bilaterais e multilaterais. (Informação obtida da página http://www.grupocoimbra.org.br/Sobre_o_Grupo.aspx)

¹² Atualmente estou desenvolvendo minha pós-graduação no Brasil por conta deste programa que assegurou uma bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) para desenvolver o mestrado acadêmico.

corpo ligado à política, como aponta ele as “Práticas corporais [...] não são um equivalente de atividade física ou de movimento humano, senão que indica as práticas históricas, pelas tanto políticas que tomam o corpo como objeto”.

Diferente do conceito de práticas corporais, a atividade física só remete a um entender do corpo quantificável, remete a um entender do corpo mecanicista, o conceito de “atividade física” é de um jeito indissolúvel, tem sentido próprio sem advertir os significados e conotações de cada um dos componentes do conjunto (CRISORIO, 2013). Desta maneira, no Brasil, o conceito de Atividade Física como bem aponta Lazzarotti et al. (2009) é um conceito mais relacionado com o campo da saúde, as pesquisas biológicas onde tem se presente os caracteres mais mensuráveis das pesquisas quantitativas.

Respeito ao corpo no contexto atual, como bem fala Costa (2005), tornou-se um referente privilegiado para a construção das identidades pessoais. Na mesma linha, Sacchi e Saliba (2015) indicam que as identidades pessoais estão fortemente ligadas a os nossos atributos físicos. Indicando, desta maneira, uma forte ligação entre o corpo material e características comportamentais. No contexto da praia carioca, autores como Goldenberg e Silva (2007), Malysse (2007), Edmonds (2007) estudaram uma série de práticas relacionadas à questão identitária que atravessam o corpo, entre as quais se destacam a cirurgia plástica, o uso de drogas anabólicas e atividades em relação ao *bodybuilding*. Estas pesquisas dão conta de diferentes justificativas dentro da sociedade brasileira atual.

Segundo Goldenberg (2007), os indivíduos se apropriam do corpo físico como um meio de expressão ou representação do eu. No contexto brasileiro do século XX surgiu sob estes entendimentos uma cultura corporal, que se fundamenta em uma concepção de beleza e de forma física importada dos EUA (EDMONDS, 2007). Articulo desta maneira, a ideia de um corpo hegemônico, a ideia que têm os indivíduos de poder obter¹³ um corpo perfeito mediante estas atividades. Atribui esta ideia do corpo hegemônico perfeito, diretamente, à cultura corporal que pode-se

¹³Segundo as pesquisas de Edmonds (2007) a beleza constitui-se um atributo que todo mundo pode alcançar. O sentido de “obter um corpo” segue a linha dos conceitos gregos de soma/psyche (como foi dito anteriormente) que segundo Sacchi e Saliba (2015) expõem o pensamento de guardar um “eu psicológico interno”.

apreciar de maneira geral nas praias do Brasil, e também no estado de Espírito Santo. Esta cultura corporal encontra-se atravessada por dois discursos: o primeiro é midiático e tem uma finalidade mercantil e, o segundo, é ao respeito dos discursos administrados pelo campo da saúde que tem uma finalidade ao respeito da saúde do corpo.

O primeiro discurso tem uma origem na cultura norte americana que influenciou a cultura brasileira com filmes de Hollywood e revistas que retratavam as famosas (EDMONDS, 2007), estes discursos midiáticos têm exercido um papel efetivo na construção das identidades. Reforçaram um sentido de beleza e do estético alheio ao próprio do Brasil. Segundo Sabino (2007), os meios de comunicação veiculam e propagandeam os padrões estéticos em voga.

O segundo discurso está influenciado pelos estudos relacionados ao corpo, estudos delimitados por parâmetros quantificáveis e biológicos, o que Sacchi e Saliba (2015) chamam de imperativos de saúde. Continuando esta linha, Ortega (2008) indica que este discurso encontra-se ancorado a um vocabulário médico-fisicalista baseado em constantes biológicas, taxas de colesterol, tono muscular, desempenho físico, capacidade aeróbica, etc. Este discurso embora esteja ligado a este vocabulário não tem necessariamente uma base científica, senão mais bem, encontra-se ligado ao primeiro discurso estético propagandeado pelas mídias.

Ambos os discursos nos levam a contemplar doenças que retorcem a figura humana como sendo sinônimo de fracasso individual (ORTEGA, 2008). Vendo desta maneira o corpo como um objeto em permanente (re)elaboração assim como permanentemente ameaçado por doenças. Isto se pode apreciar e articular com as pesquisas de Sabino (2007) e Edmonds (2007), nas quais, os corpos são submetidos a uma série de práticas de mudanças corporais nos seus caracteres biológicos mensuráveis, caracteres que são vistos de um jeito clínico ou patológico, na procura desta “perfeição” estética e beleza ideal.

Aqui é precisamente onde enquadro meu objeto de estudo e os objetivos da presente pesquisa, assim, colocam em ênfase a questão dos entendimentos em relação ao corpo, como este é entendido ou como este é percebido pelas pessoas

que realizam práticas corporais na praia às luzes dos discursos hegemônicos de saúde e de uma estética específica na atualidade.

O objetivo principal desta pesquisa é interpretar os entendimentos sobre o corpo por parte dos freqüentadores (indivíduos que realizam praticas corporais) da praia de Camburi localizada no município de Vitória/ES. Para isso, não vou focar em alguma prática específica, senão que se analisaram os discursos de indivíduos que realizam diferentes atividades dentro da mesma locação. Serão estudadas as perspectivas dos sujeitos que realizam práticas corporais na orla da praia de Camburi. Quais são os fins dessas práticas. Se estas supõem ou não um interesse nesse fim estético imposto pelas mídias, e também, numa direção oposta, até onde podem se dirigir esses saberes criados a modo de resistências. Nessa trajetória pretendem-se abordar diferentes entendimentos em relação às motivações passando assim pelo espaço da praia, a saúde e a estética.

1.4 METODOLOGIA A UTILIZAR

Em relação aos os objetivos da pesquisa já fixados e tendo presente a perspectiva desde onde se apresenta a pesquisa, achei preciso utilizar uma metodologia qualitativa com principais elementos elaborados pela tradição antropológica, disposta com elementos da etnografia.

A etnografia, segundo Wikin (1998), é ao mesmo tempo “uma arte e uma disciplina científica, que consiste em primeiro lugar em saber ver, [...] saber estar com [...] saber escrever”. Ou seja, o pesquisador tem que inserir-se numa realidade, apreciando desse jeito as práticas ou fatos cotidianos alheios à própria realidade do pesquisador, ao mesmo tempo entender as práticas como observador e também como participante destas mesmas, saber posicionar-se como um membro mais do grupo escolhido para pesquisar e tentar observar a realidade com esses olhos, a perspectiva de uma cosmovisão diferente. Desta maneira, a etnografía tenta cumprir a tarefa segundo Peirano,

da eterna procura do ponto de vista nativo à constatação de que a antropologia é uma disciplina, sobretudo artesanal, interpretativa e microscópica, que liga o particular mais minúsculo ao universal mais abrangente, dá-se início a um processo de desconstrução das categorias abstratas da nossa própria sociedade (PEIRANO, 1995 p. 126).

Para Wagner (2010), a quantidade de experiência necessária para realizar uma etnografia depende totalmente do pesquisador, dos recursos que ele possua principalmente e dos fins para realizar o trabalho de campo. Aqui o antropólogo encontra-se comprometido com outro tipo de rigorosidade não baseado em questões necessariamente mensuráveis senão que de profundidade e abrangência no entendimento da cultura ou das práticas estudadas. Para Wagner (2010) a cultura se torna visível mediante a escrita e a invenção.

Assim, a etnografia é como tentar ler ou construir uma leitura das práticas de alguma sociedade em específico, de suas tradições, sua cultura, sejam ou não coerentes¹⁴. Esta tentativa pela compreensão de expõe a normalidade da sociedade sem reduzir as particularidades (GEERTZ, 2008). Desta maneira se tentará apreciar e entender aspectos, ações e simbolismos que ficam por trás, mas que nesta análise é preciso obter e valorizar embora sejam de um caráter comum, cotidiano e banal.

Como parte da etnografia vão ser utilizadas técnicas como as entrevistas ou falas com os sujeitos na praia. No caso das entrevistas, estas terão um principal caráter semi-estruturado, com uso de material para tomar notas ou gravador de som, uso de quadros para a classificação da informação obtida na coleta de dados, seja por observação ou fala. Outros aspetos metodológicos da própria pesquisa vão ser trabalhados durante o desenvolvimento desta.

A pesquisa tem sido elaborada em três períodos principalmente: o primeiro de abordagem teórico-metodológico ao objeto de estudo ou aos objetivos traçados num começo. Um segundo período de caminhada etnográfica na qual se planeja fazer a observação-participante onde ocorre a maioria da produção de dados de campo ou no campo. E por último, o terceiro período de análise de dados, onde se planeja juntar os aspetos teóricos da primeira etapa com os resultados do campo e as

¹⁴ Acho importante esta questão devido a que muitos noções têm um sentido único na sua própria cultura ou sociedade, isto na antropologia é um princípio chamado de relativismo cultural, e tenta não supor ou entender aspectos de uma cultura baseando-se numa outra.

entrevistas desenvolvidas no segundo período. Para entender a produção teórico-metodológica acho preciso não esquecer que no centro de toda pesquisa encontra-se o pesquisador, e este nunca está livre de toda mediação nem de saberes localizados em relação ao espaço-tempo onde ele/a se desenvolve. Desse jeito acho necessário destacar a posição privilegiada dentro da escrita, e a tentativa de operar como bem argumenta Goldenberg (2004, p. 24) que o texto antropológico não é fruto da observação pura e simples, mas de um diálogo e de uma negociação de pontos de vista, do pesquisador e pesquisados. Gomes (2013 com aportes de Peters, 2008, p. 218) também assinala o deslocamento da relação pesquisador-pesquisado, propondo um “diálogo construído [...] embora com diferentes papéis e responsabilidades” para os dois pólos da relação (pesquisador-pesquisado), deste modo colocando em ênfase o caráter privilegiado do pesquisador.

1.5 DO CAMPO A PESQUISAR

A cidade de Vitória apresenta diferentes conexões entre as culturas do interior e do litoral. A zona rural como as cidades do interior influenciam tanto assim como a cultura marinha, ressaltando atualmente desta maneira, uma cultura voltada à praia e as atividades que surgem na orla, práticas e atividades que tem tanto um caráter esportivo, de saúde como de lazer.

O trabalho de campo, a observação participante assim como as entrevistas da presente pesquisa serão desenvolvidas na orla da praia de Camburi. Esta se encontra no município de Vitória/ES, junto aos bairros de Jardim da Penha, Mata da Praia e Jardim Camburi. Este setor é conhecido por ser de classe média-alta/alta¹⁵. A praia tem 6 km de extensão¹⁶, é a maior praia da parte continental de Vitória, possui diferentes quiosques tanto de venda como de outras atividades, dos quais se destacam os dois quiosques sede do “Serviço de orientação ao exercício” (SOE), nos quais se realizam práticas como capoeira, yoga e condicionamento físico, e o Centro de Atendimento ao Turista (CAT). A orla tem diferentes espaços remarcados para o desenvolvimento de diferentes atividades das quais se destacam ao longo da

¹⁵ Estes dados segundo a página web da prefeitura de Vitória/ES.

¹⁶ Informação obtida da página da prefeitura de Vitória/ES <http://www.vitoria.es.gov.br/cidade/praias> .

A orla da praia pode ser entendida com as mesmas características das outras instituições, embora a praia seja um lugar aberto, é um sistema delimitado onde se desenvolvem certas tarefas específicas designadas pela cultura e mantidas pela sociedade, desse jeito a praia tem uma tarefa de manter certas necessidades sociais.

Assim, este espaço público pode ser entendido de uma maneira sistêmica com suas respectivas caracterizações, com uma funcionalidade em específico para o desenvolvimento da cidade, e como instituição encontra-se inserida em políticas públicas relacionadas à vida, o lazer, seja com um caráter esportivo ou de desenvolvimento da saúde da população.

Para fechar esse capítulo e, articulando com o que vem mais adiante, o segundo capítulo pretende apresentar os pressupostos teóricos todos estes apresentados como ponto de partida desde uma perspectiva foucaultiana em relação a sua etapa genealógica e de cuidado de si, seus estudos das redes do poder para assim conseguir entender conceitos relacionados ao como os sujeitos entendem e percebem seus corpos em relação aos processos de normalidade ou também às resistências que estes podem apresentar a estes processos.

O terceiro capítulo pretende apresentar uma caminhada pela revisão bibliográfica desenvolvendo principalmente o conceito de corpo e práticas corporais trabalhados tanto pela Educação Física como a Antropologia em relação ao contexto da cultura de praia brasileira, e assim conseguir entender como foi elaborando a visão do corpo e como pode ser entendido nesses contextos atuais.

O quarto capítulo pretende apresentar a produção do trabalho de campo, as interpretações e a discussão da pesquisa em si, as interpretações das entrevistas realizadas e assim como as perspectivas entendidas pelos diferentes indivíduos que realizam práticas corporais na praia de Camburi, perspectivas relacionadas ao que foi visto no terceiro capítulo. Por último as categorias das análises desenvolvidas pelas entrevistas semi-estruturadas: saúde, estética e sociabilidade.

Para fechar a pesquisa e a modo de conclusão, não menos importantes são as considerações finais do trabalho, o que foi encontrado e as posturas em relação ao desenvolvido metodologicamente.

CAPÍTULO 2

CAMINHADA TEÓRICA

*Trata-se antes de dizer que nada é político,
tudo é politizável,
tudo pode tornar-se político.*

Michel Foucault

Manuscritsurlagouvernementalité

Achei preciso desenvolver e articular esta pesquisa através de uma perspectiva com influências foucaultiana, isto devido às análises da modernidade referente às práticas disciplinadoras e as biopolíticas assim como dos seus estudos em relação à criação de conhecimento e sua articulação entre o poder e saber.

Assim é como acho necessário começar entender os saberes em relação ao como eles vão se construindo histórica e socialmente, não só desde uma visão interna e estruturalista a qual poderia ser focada em outro nível do saber, senão uma visão de como essa estrutura vem sendo constituída, como bem escreve Foucault no capítulo XII (Verdade e Poder) do livro *Microfísica do poder*:

El problema consiste al mismo tiempo en distinguir los sucesos, en diferenciar las redes y los niveles a los que pertenecen, y en reconstruir los hilos que los atan y los hacen engendrarse unos a partir de otros. De aquí el rechazo a los análisis que se refieren al campo simbólico o al dominio de las estructuras significantes (FOUCAULT, 1979, p. 179)¹⁸

Nesse sentido, Foucault distingue a visão estruturalista da sua própria, onde a estrutura está num nível diferente de abordagem do saber. Na visão Foucaultiana as questões simbólicas e estruturais da sociedade não são tão significantes como desde outras perspectivas, e isto é devido à relação que Foucault tem com os saberes, disciplinares e não disciplinares, numa relação diferente com a sua epistemologia. Segundo Dreyfus e Rabinow o esforço de Foucault, como

¹⁸ Tradução livre do autor: O problema consiste ao mesmo tempo em distinguir os sucessos, em diferenciar as redes e os níveis aos que pertencem, e em reconstruir as linhas que os atam e os fazem engendrar se uns a partir dos outros. Daqui a rejeição às análises que se referem ao campo simbólico ou ao domínio das estruturas significantes

genealogista, é permanecer o máximo possível na superfície das coisas, para evitar recorrer a significações ideais, tipos gerais ou essências (1995, p.147).

Embora essa pesquisa pretende trabalhar com conceitos da etapa genealógica e ética¹⁹ ou de cuidado de si de Foucault, não pretende ser uma análise de uma pesquisa genealógica, de um trabalho histórico de como se consegue entender um saber em específico, mas sim se pretende trabalhar com um nível de criação de conhecimento, de criação de subjetividades, um nível por onde as pessoas não são representantes das estruturas simbólicas senão também como construtoras de subjetividades próprias no seu exercício do poder.

E é precisamente nesse sentido que tenho articulando as perguntas e os tópicos para desenvolver na presente pesquisa.

2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para entender as questões normativas da atualidade e desenvolver as percepções de corpo como parte importante da pesquisa achei preciso mergulhar numa conceitualização mais ligada à vertente foucaultiana, especialmente aos termos desenvolvidos na sua etapa genealógica, desde aqui tracei um ponto de partida e fiz uma caminhada conceitual desde suas análises do poder soberano.

A história ligada à condução das vidas das pessoas remete aos modos em como elas vão sendo governadas, como vão sendo dirigidas suas condutas (ALVES, 2008), aqui é importante lembrar-se de como na história na França de Foucault, a história européia e até a nossa história americana foi mudando em relação aos seus processos políticos, sociais e governamentais. Antigamente, nas monarquias e na idade clássica, como bem descreve Foucault em suas aulas de 1976 intituladas “Em defesa da sociedade”, existia o que ele chamou de poder soberano, o poder exercido pelos reis e governantes absolutos no qual tinham de um jeito “tirânico” um

¹⁹ Segundo o autor Veiga-Neto (2011), Michel Foucault possui três deslocamentos de desenvolvimento da sua obra, uma primeira arqueológica, uma segunda genealógica e uma terceira ética.

direito sobre a vida das pessoas, eles podiam “deixar viver e fazer morrer”. Daí surge a condução sobre as condutas das pessoas nesse período pré-moderno, por uma ordem superior, pela vontade do governante e seu exercício do poder soberano (FOUCAULT, 1999).

Foi a mesma época no globo onde começam os processos históricos revolucionários no mundo ocidental, a revolução francesa, a revolução industrial, a independência dos estados americanos anteriormente submetidos como colônias européias, processos influenciados pelas idéias do século das luzes, novas maneiras de entender a sociedade, a educação, a saúde, e os governos entre outros elementos que serviam como sementes precursoras das novas políticas institucionais.

Começa desde uma visão macro e continua a modernidade e os projetos de Estado-Nação sujeitos a uma forte questão identitária nos diferentes países. É o momento onde começa um processo de “democratização” dos Estados, o poder soberano deixa de ser um denominador comum junto aos absolutos governantes e os Estados começam se interessar pela governamentalidade, e além da vida em suas diferentes etapas, dos processos biológicos de mãos com as descobertas tecnológicas e sanitárias, e onde surge esse novo poder exercido pelo Estado de “fazer viver e deixar morrer”²⁰.

O Estado muda de premissa, e ele precisa das pessoas para forjar esse novo projeto, daí essa nova consideração pela vida, pela educação e pela saúde, junto com a nova forma de governar surgem novas instituições como as escolas, as prisões, os hospitais além de outras instituições sub-estatais. Portanto, o Estado precisava de outra nova forma de políticas, as políticas ligadas às pessoas, o corpo, e os processos da vida (FOUCAULT, 1999, 2008).

Para entender os distintos mecanismos de poder que o Estado começa utilizar nos séculos XIX e XX, Foucault na suas aulas dos anos 1976 e 1977, descreve duas formas principalmente: a anatomopolítica e a biopolítica.

²⁰ Foucault desenvolve a ideia de que o poder soberano na sua constituição tinha a capacidade de “fazer morrer e deixar viver” o que foi mudando ao tempo em que os estados desenvolveram a governamentalidade.

As anatomopolíticas são as políticas adotadas principalmente pelos Estados após o surgimento destes, estas políticas são desenvolvidas principalmente como saberes os quais vem junto a um mecanismo disciplinar. As anatomopolíticas estão ligadas diretamente à questão disciplinar e uma de suas principais características é que se desenvolvem com estes dispositivos. Foucault esclarece:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. (FOUCAULT, 1987, p. 164)

Esses dispositivos disciplinares tem como fim o controle dos corpos num nível individual, geri-los, administrá-los, assim como a vida humana, torna-os em sua utilidade e exploração otimizada de suas capacidades e potencialidades (DUARTE, 2008). Os Estados, no seu surgimento, procuravam seguir a modo de uma linha de produção a criação de indivíduos “adestrados” para o posterior realce das diferentes esferas de sua nação em aspectos éticos, econômicos, políticos e culturais: “A disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados eventualmente punidos” (FOUCAULT, 1999, p. 289). Os mecanismos disciplinares assim como as anatomopolíticas tem direta relação com o corpo em relação ao sujeito individual, exemplos disto podem ser todas as políticas sanitárias e eugênicas que foram adotadas no século XIX e princípios do XX, as instituições de saúde se baseiam nessas premissas para adotar as políticas raciais e eugênicas, as ciências sociais encontravam-se também num período de evolucionismo social os quais também estavam baseados nessa premissa racial onde o biológico, o social e o cultural estavam colados de um jeito quase indissociável. Foucault descreve:

A invenção dessa nova anatomia política não deve ser entendida como uma descoberta súbita. Mas como uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem, ou se imitam, apóiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral. (FOUCAULT, 1987, p. 165)

As políticas estaduais na procura de “bons” cidadãos precisavam saberes os quais tinham que ser obedecidos para desenvolver a nova nação, além disto o estado precisava de uma série de dispositivos disciplinares para manter aos indivíduos sujeitos às necessidades deste, é preciso obedecer a norma enquanto é a norma (CRISORIO, 2007), isto constitui o seu caráter disciplinar primário (FOUCAULT, 2008).

O conceito *Biopolitique* (Biopolítica) começa ser usado por Foucault desde 1974 numa conferência feita por ele em Rio de Janeiro chamada “*La naissance de la medecine sociale*”, O nascimento da medicina social, se bem Foucault tinha já desenvolvido seus estudos relativos ao poder, o estado e as instituições o conceito dá conta de um entender do sistema capitalista e neoliberal atual. Embora Foucault apropria-se desse conceito, o termo de biopolítica foi criado por um autor sueco chamado Rudolf Kjellen (CASTRO, 2007).

Castro (2007) descreve as duas acepções do termo utilizadas ao longo do século XX. A primeira acepção ligada à primeira parte do século tratando o termo como um entender do Estado como ente biológico em termos patológicos, mais ligado ao entender de Kjellen. A segunda acepção do conceito Biopolítica surgiu dos estudos da etapa genealógica de Foucault em relação ao poder e a politização da vida, estudos que vem se dando desde a década de 1970 até hoje através de diferentes pesquisas e autores com uma maior especificidade. Foucault abriu todo um campo de análise em relação às políticas em relação à vida. A Biopolítica de Foucault é uma técnica criada pelo Estado desde o século XVII em diante, a qual a diferença com a técnica anatomopolítica tem um interesse pela vida populacional e não mais pela vida individual:

Ao que essa nova técnica de poder não disciplinar se aplica é - diferentemente da disciplina que se dirige ao corpo - a vida dos homens, ou ainda, se vocês preferirem, ela se dirige não ao homem-corpo, mas ao homem vivo, ao homem ser vivo; no limite se vocês quiserem, ao homem-espécie (FOUCAULT, 1999, p. 289)

Foucault é claro na hora de identificar os diferentes mecanismos normativos e os separa em dois conjuntos diferentes. O primeiro em relação aos mecanismos disciplinares mais ligados à anatomopolítica, e o segundo que atua em um nível regularizador ligado ao aspecto biopolítico. Ambos os mecanismos atuam em distintos níveis pelo qual não precisam de excluir-se, pelo contrário permitem-se articular um encima do outro (FOUCAULT, 1999 p. 227).

A Biopolítica faz uso desses mecanismos não utilizados pela Anatomopolítica descrita anteriormente, a Biopolítica alimenta-se além da tecnologia, de um processo que o mesmo Foucault chama de Normalização, conceito chave o qual difere do mecanismo normativo disciplinador, mas não se encontra com esta em oposição devido aos distintos níveis nos quais eles operam. A normalização trabalha sutilmente com os saberes da população criando-os e/ou modificando-os, atua sobre os saberes da população, limita e define ao anormal, ao que não é “natural”²¹, ao patológico, ao louco, etc. Desse jeito e em oposição, a população consegue entender e delimitar a sua vez os conceitos de normalidade, naturalidade, saudável e às pessoas sensatas.

Para que esses processos de normalização façam sentido é preciso configurar um saber em específico, um saber disciplinar não aleatório. Assim é como esse processo de normalização utiliza os distintos saberes construídos através das distintas disciplinas.

Esses processos de normalização ajudaram na atualidade a identificar a população que não se encontrava na linha de cidadãos produtivos ideais. Desta maneira, surgiu toda uma nova população discriminada e marginalizada na modernidade originados por esses novos preceitos, como é o caso da loucura bem exemplificada no livro “História da loucura na idade clássica” de Foucault no ano 1961.

Foucault fala dos distintos saberes construídos institucional e disciplinarmente, como são os casos dos saberes biomédicos os quais se encontram em oposição aos

²¹ Aqui tomando em conta a posição de Foucault respeito a que ele duvida de uma natureza humana essencial, e se inclina mais por características criadas social e historicamente.

pacientes já que são os médicos que definem estes sujeitos, à sua vez como quem exerce o poder judicial define quem pode ser punido mediante a lei, e os psiquiatras quem definem em sua contraparte aos loucos. É desta maneira como as políticas começam se interessar pela vida, seus processos, quem pode e quem não pode ser útil num sistema que no começo pretende quase ser uma banda produtiva de sujeitos que se podem desenvolver em os diferentes aspectos da vida para com a nação.

Embora sejam diferentes mecanismos, tanto as Anatomopolíticas quanto as Biopolíticas operam através do poder, de sua configuração em rede, os saberes são construídos mediante o exercício de o poder, mas como entendia Foucault o conceito de poder?

O poder como conceito tem se entendido de diferentes jeitos ao longo da modernidade, mas na obra de Foucault sai do senso comum e é delimitado e conceitualizado, trabalhado desde sua etapa arqueológica. Mas o conceito é polido especialmente no seu período genealógico, com publicações como Vigiar e Punir, História da sexualidade I: a vontade do saber, além de suas aulas feitas no Colledge de France principalmente em 1976, 1977 e 1978. O conceito começa ficar mais e mais claro no jeito de como o autor foi se desenvolvendo nos trabalhos deste período. Também como o conceito de biopolítica, o conceito de poder abriu todo um campo de estudo, não precisamente como uma teoria em si, senão como uma (re)conceitualização colocando ênfase em suas diferentes disposições e mecanismos fugindo do termo atingido pelo senso comum. O poder como Foucault o entendeu, trabalhava mais como uma rede que como um objeto/essência concentrada e de uso discriminatório. Para entender as diferentes acepções do poder feitas por Foucault vamos nos aproximar em primeira instância, no exemplo que sinala como a hipótese repressiva do poder.

A hipótese repressiva²² do poder remete a um entender histórico do poder como um objeto material que se pode possuir ou manter, seguindo a mesma lógica seria um

²² A hipótese repressiva está ancorada numa tradição que pensa o poder apenas como coação, negatividade e coerção. Com uma recusa sistemática em aceitar a realidade, como um instrumento repressivo, como uma proclamação de verdade, as forças do poder previnem ou, pelo menos,

material que as pessoas poderiam acumular e pelo qual poderia ser concentrada ou difusa/dispersa. Desta maneira o poder acumulado pelos governantes e outros indivíduos privilegiados seria utilizado sempre de um jeito negativo, reprimindo, submetendo, restringindo as liberdades individuais, este poder não é visto como um capacitador, de uma forma positiva ou produtiva.

Foucault encontrava-se mais perto dessa noção repressiva do poder na etapa que tempo depois ele chama de transitória, nos anos 1970-1971 em suas aulas inaugurais do College de France intitulada A ordem do discurso, que anos mais tarde ele ratifica no seu livro Microfísica do poder:

Hasta ese momento me parece que aceptaba la concepción tradicional del poder, el poder como mecanismo esencialmente jurídico, lo que dice la ley, lo que prohíbe, lo que dice no, con toda una letanía de efectos negativos: exclusión, rechazo, barrera, negaciones, ocultaciones, etc. Ahora bien, considero inadecuada esta concepción (FOUCAULT, 1979 p.154)²³

Ao longo da trajetória acadêmica de Foucault, ele foi entendendo o poder de um jeito mais aberto e com um caráter capacitador, e é na revolução iraniana de 1979 onde ele começa operar com sua conceptualização da resistência. Aqui é onde exalta as formas de poder além da repressão:

Si el poder no fuera más que represivo, si no hiciera nunca otra cosa que decir no, ¿pensáis realmente que se le obedecería? Lo que hace que el poder agarre, que se le acepte, es simplemente que no pesa solamente como una fuerza que dice no, sino que de hecho la atraviesa, produce cosas, induce placer, forma saber, produce discursos; es preciso considerarlo como una red productiva que atraviesa todo el cuerpo social más que como una instancia negativa que tiene como función reprimir (FOUCAULT, 1979 p. 182)²⁴

Duarte (2008) na questão do poder Foucaultiano esclarece também que:

distorcem a formação do saber. O poder o faz suprimindo o desejo, alimentando a falsa consciência, promovendo a ignorância e utilizando uma série de outros artifícios. Já que teme a verdade, o poder deve suprimi-la. (DREYFUS, RABINOW, 1995 p. 143)

²³ Tradução livre do autor: Até esse momento me parece que aceitava a concepção tradicional do poder, o poder como mecanismo essencialmente jurídico, o que diz a lei, o que proíbe o que diz não com todo um distanciamento de efeitos negativos: exclusão, rejeição, barreira, negações, ocultações, etc. Agora bem, considero inadequada essa concepção.

²⁴ Tradução livre do autor: Se o poder não fosse mais que repressivo, se não fizera nunca outra coisa que dizer que não. Pensam realmente que se obedecerá? O que faz o poder fique, que se o aceite, é simplesmente que não pesa somente como uma força que diz não, senão que de fato o atravessa, produz coisas, induz prazer, forma saber, produz discursos; é preciso considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social mais que como uma instância negativa que tem como função reprimir.

Foucault não concebe o poder nem como violência legalizada nem como a violência que escapa à lei, pois, segundo suas análises, as relações de poder não se constituem na base das relações legais, no nível do direito e dos contratos, mas sim no plano das disciplinas e de seus efeitos de normalização e moralização (DUARTE, 2008, p. 47).

Isto é posto em evidência no livro “Vigiar e Punir”, onde explica como na história francesa tem mudado a realidade penal em respeito aos crimes. Aqui, Foucault exemplifica com um caso de Paris do século XVIII, como foi modificado o marco legal parando os castigos físicos e criando as prisões até chegar ao contexto da modernidade²⁵, isto com uma alta ênfase no poder e na disciplinarização dos indivíduos. Aqui é onde começa visualizar não somente uma questão institucional senão como o estado tem desenvolvido diferentes tecnologias para o sujeitamento dos indivíduos em seus diferentes aspectos ao longo da vida e em relação à diferentes políticas que são postas em jogo pelo mesmo Estado e suas diferentes instituições tanto estatais como sub-estatais. Nessa linha, e com a influência da economia política, Foucault trabalha o conceito dos “corpos dóceis”, os quais são corpos que podem ser submetidos, que podem ser utilizados, transformados e aperfeiçoados (FOUCAULT, 1987) mediante os distintos dispositivos disciplinares, deste jeito

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar, e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (FOUCAULT, 1987, p. 164-165)

Essa “docilidade” tem uma ordem e um sentido restrito, que no contexto do século XIX e XX, tem como objetivo o melhoramento da produtividade em seus diversos sentidos, atingindo os corpos individuais assim como também são atingidos pelas biopolíticas e a normalização os corpos num nível de população/espécie em seus aspectos biológicos. Neste nível de população e onde:

Nos procedimentos da biopolítica trata-se não apenas de distribuir, vigiar e adestrar os indivíduos no interior de instituições (como a prisão, o hospital, a

²⁵ Não é a primeira vez que Foucault indica a criação de uma instituição moderna, veja-se “O Nascimento da clínica” de 1963.

fábrica), mas trata-se de dar conta de fenômenos mais amplos da vida biológica. Trata-se de organizar um meio que permita circulações; trata-se de regular os processos da vida (como a natalidade, a mortalidade, a morbidade, os deslocamentos) segundo o princípio geral da “segurança”, trata-se em suma, de atuar sobre fenômenos naturais que se manifestam em uma determinada população (ALVES, 2008, p. 157).

Essas análises desde o livro *Vigiar e Punir* em diante abrem novas perspectivas dos estudos a respeito do governo dos corpos e da vida, nos quais Foucault trabalha com um termo em específico, o biopoder.

Assim como o conceito de Biopolítica, o conceito de biopoder pode ser abordado desde duas perspectivas diferentes. A primeira desde as teorias de direito e as teorias da política (dos juristas do século XVII e XVIII) e, a segunda, desde os mecanismos, as técnicas e tecnologias de poder (FOUCAULT, 1999). A obra de Foucault pode-se situar nesta segunda perspectiva²⁶. Foucault trabalha o conceito de biopoder como:

essa série de fenômenos que me parece bastante importante, a saber, o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. (FOUCAULT, 2008 p. 3)

Um exemplo de biopoder é como mediante mecanismos em relação ao trabalho, ao modo de produção se criou um modo de vida em relação a essa produção, e até hoje pelo menos em grande parte dos países ocidentais o modo de vida criado na revolução industrial tem modificado a disponibilidade das horas de comida, de sono e de lazer.

Portanto, o biopoder que tem por interesse e como alvo a vida, no sistema capitalista pode ser entendido como um elemento indispensável, que têm servido para a inserção controlada dos corpos nesse aparato produtivo e para ajustar os fenômenos da população aos processos econômicos (FOUCAULT, 1998).

²⁶ Aqui acho necessário esclarecer que os conceitos de biopolítica e biopoder não ficam do todo claro na obra de Foucault, para isto entendo o biopoder como Judith Revel (2005) menciona “biopolítica como um conjunto de biopoderes” mas também trabalhando a mesma vida como um poder, nos desejos, nos afetos e na sexualidade.

Agora entendendo de melhor jeito o conceito de poder e biopoder trabalhado por Foucault, é preciso ir se aproximando na questão política, estatal, pelo qual acho importante tratar como o termo de governamentalidade, trabalhado por Foucault na suas aulas feitas no College de France, do ano 1976 “Em defesa da sociedade” e em 1977 “Segurança, território e população”, mas é no livro a “História da sexualidade I: A vontade do saber” onde Foucault fala da governamentalidade em relação direta com a biopolítica.

Foucault fala das distintas acepções que tem o termo governamentalidade, no qual são atribuídos três principais formas:

1) el conjunto constituido por las instituciones, los procedimientos, análisis y reflexiones, cálculos y tácticas que permiten ejercer esta forma de ejercicio del poder que tiene por objetivo principal la población, por forma mayor la economía política, y por instrumento técnico esencial los dispositivos de seguridad; 2) la tendencia, la línea de fuerza que en Occidente condujo hacia la preeminencia de este tipo de poder que es el gobierno sobre todos los otros – la soberanía, la disciplina -, y que, por otra parte, permitió el desarrollo de toda una serie de saberes; 3) el proceso o, mejor, el resultado del proceso por el cual el Estado de justicia de la Edad Media se convirtió, durante los siglos XV y XVI, en el Estado administrativo y finalmente en el Estado gubernamentalizado (FOUCAULT em CASTRO, 2007, p. 11)²⁷

Para Foucault, o processo de governamentalidade é como o Estado faz sua administração geral após sua criação. O qual em si é muito amplo e abrange os dispositivos disciplinadores que vimos, ou seja, situa se junto às mecânicas de poder e suas políticas em relação à vida, tanto num nível de anatomopolíticas como de biopolíticas.

Foucault não fala dos “governos” em relação ao seu regime político assumido pelo Estado. Refere-se ao governo como ao problema da “gestão das coisas e das pessoas”, refere-se ao problema de sua “condução”, refere-se ao problema da “condução das condutas” dos indivíduos de uma sociedade (ALVES, 2008, p. 158)

²⁷ Tradução livre do autor: 1) O conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma de exercício do poder que tem por objetivo principal a população, por forma maior a economia política, e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança; 2) A tendência, a linha de força que em ocidente liderou para a preeminência desse tipo de poder que no governo sobre os outros - a soberania, a disciplina -, e que, por outra parte, permitiu o desenvolvimento de toda uma série de saberes; 3) O processo ou, melhor, o resultado do processo pelo qual o estado de justiça da idade média se converteu durante os séculos XV e XVI, em o estado administrativo e finalmente no Estado governamentalizado.

Castro (2007) aponta a governamentalidade como uma arte de dirigir as condutas das pessoas. Nessas artes de governar encontrariam-se o estudo do governo de si (ética), o governo dos outros (as formas políticas da governamentalidade) e as relações entre o governo de si e o governo dos outros²⁸. O conceito de governo é entendido desde a perspectiva Foucaultiana como o conjunto de ações sobre ações possíveis, trabalhando no campo de possibilidades no que vem se inscrever o comportamento dos sujeitos que atuam: incitando, induzindo, desviando, facilitando ou dificultando, estende ou limita, faz mais ou menos provável, levando ao limite, obriga ou impede absolutamente. Mas sempre é uma maneira de atuar sobre um ou vários sujeitos atuantes, enquanto atuam ou são suscetíveis de atuar. Uma ação sobre outra ação (FOUCAULT em CASTRO, 2007, p.11).

Assim é que Foucault trabalha o que pode ser entendido como Estado governamentalizado, este seria o Estado moderno²⁹. O Estado governamentalizado tem por objetivo sua população, e não o território, utilizando um saber econômico para controlar a sociedade mediante os dispositivos disciplinares.

As políticas dos estados governamentalizados agrupam-se atuando em redes de poder, suas biopolíticas atuam ao redor, não somente com uma finalidade repressiva senão também entendidos como objetos atravessados pelo poder pelo qual também podem ser objetos das resistências. Estou falando precisamente do corpo e da vida; os quais segundo Foucault não tem uma essência, senão pelo contrário são objetos do poder que vem sendo constituídos nos últimos séculos pelas diferentes instituições estatais, para o “aproveitamento” e direcionamento destes.

Crisorio (2007) assinala que o corpo é uma criação histórica, e exemplifica desta maneira com o caso das guerras na antiga Grécia onde não se encontravam corpos no campo de batalha, no sentido da cultura grega clássica encontravam-se braços, pernas, mãos, cabeças. Os corpos só faziam sentido na ordem dos corpos jogados, os corpos mortos.

²⁸ Estas artes de governar encontrar-se-iam na linha da visão foucaultiana, originadas a partir da obra de Foucault nas aulas do College da France e no livro História da sexualidade I.

²⁹ O Estado surgido na modernidade das sociedades de controle e as sociedades disciplinares.

Embora desde as ciências naturais, a biologia, bioquímica, etc., têm trabalhado como disciplinas o corpo com metodologias mensuráveis e quantificáveis, Foucault trabalha o corpo além desses saberes, assim como foi entendida a anatomopolítica e a biopolítica em si, desenvolve as idéias do corpo múltiplo, entre os quais vai se destacar o corpo social, esse corpo construído social e historicamente. Bem fala Foucault que tem sido uma construção para relacionar o biológico com a questão política da governamentalidade:

O homem ocidental aprende pouco a pouco o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar, e um espaço em que se pode repartir-las de modo ótimo. Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder. Este não estará mais somente a voltas com sujeitos de direito sobre os quais seu último acesso é a morte, porém com seres vivos, e o império que poderá exercer sobre eles deverá situar-se no nível da própria vida; é o fato do poder encarregar-se da vida, mais do que a ameaça da morte, que lhe dá acesso ao corpo (FOUCAULT, 1988, p. 134)

Aqui em direta relação com a biopolítica, os corpos e a vida são alvo do estado governamentalizado, as políticas criadas em relação ao corpo, a vida e os processos da vida são chaves na condução da vida das pessoas na atualidade. As novas políticas surgidas com o Estado governamentalizado começaram criar um marco em relação aos processos da vida, entendida como a vida biológica e além de seus processos biológicos, ao respeito desta criação de políticas e leis da vida Foucault assinala

O “direito” à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades; o “direito”, acima de todas as opressões ou “alienações”, de encontrar o que é e tudo o que se pode ser, esse “direito” tão incompreensível para o sistema jurídico clássico, foi a réplica política a todos esses novos procedimentos de poder que, por sua vez, também não fazem parte do direito tradicional da soberania (FOUCAULT, 1988, p. 135).

Edgardo Castro (2009) utiliza o conceito de vida desde uma interpretação Foucaultiana: “Como o objeto privilegiado de investimento e de apropriação do Estado moderno, o poder sobre a vida que toma a política biopolítica bem como o

lugar, o topos³⁰ onde se situam as possibilidades de superação e de resistência do contra-fático, o poder da vida”.

A vida aqui pode ser entendida com uma dupla característica, como uma dualidade quase oposta, na mesma ordem que a vida é o alvo das políticas dos estados governamentalizados, a vida é objeto do poder com um sentido produtivo, um sentido de resistências, é o que Assmann chama de poder da vida.

Esta característica da vida e o exercício do poder vão além do que se comentou da hipótese repressiva do poder, tem uma visão do poder mais positivamente, de um jeito mais produtor, Foucault bem assinala acerca do poder

Si es fuerte, es debido a que produce efectos positivos a nivel de deseo – esto comienza a saberse – y también a nivel del saber. El poder lejos de estorbar al saber, lo produce. Si se ha podido constituir un saber sobre el cuerpo, es gracias al conjunto de una serie de disciplinas escolares y militares. Es a partir de un poder sobre el cuerpo como un saber fisiológico, orgánico ha sido posible (FOUCAULT, 1979, p.107)³¹

É um ponto importante por conta dos conceitos que Assmann et. al (2007) aponta ao entender a vida como lugar de resistência para promover novos sentidos de políticas, na formação intelectual e moral sem que esta converta-se numa nova visão hegemônica. Também Assman lembrando o caráter capacitador do poder escreveu:

Não é [...] fundamentalmente contra o poder que nascem as lutas, mas contra certos efeitos de poder, contra certos estados de dominação, num espaço que foi, paradoxalmente, aberto pelas relações de poder. E inversamente: se não houvesse resistência não haveria efeitos de poder, mas simplesmente problemas de obediência (ASSMANN et. al, 2005, p. 76).

Isto em principal relação com uma das possibilidades que podem ser encontradas na hora de pesquisar os entendimentos relacionados aos corpos, sejam mediante a resistência ou pela permanência das diferentes formas de atividades corporais que podem ou não estar conduzidas por estas formas de hegemonia.

³⁰ Topos entendido como o lugar comum ou a convenção.

³¹ Tradução livre do autor: Se é forte é porque que produz efeitos positivos ao nível de desejo - isto começa se souber - e também no nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas escolares e militares. É a partir de um poder sobre o corpo como um saber fisiológico, orgânico tem sido possível.

Desde este ponto é preciso começar falar do mundo de hoje, das mudanças que tem acontecido nos últimos tempos e que não tem os mesmos preceitos, não têm os mesmos fins, já que muitos dos estados nacionais tem-se reduzido à ordem do mercado global.

É o que Foucault chamou de política econômica a respeito do desenvolvimento do Estado governamentalizado e suas políticas acerca da vida. Essa é a linha que fiz, desde os dispositivos de poder, até continuar agora com o poder em relação com a vida³², mas desde a subjetividade. Desde o exercício de poder por parte dos indivíduos, em direta relação com seus corpos e a sua vida. Como se mostrou, as pessoas não se encontram somente “submetidas” a esse poder, pelo contrário, estes indivíduos são atravessados por ele e podem também exercê-lo, aqui é necessário lembrar que como bem assinala Foucault,

No se trata de liberar la verdad de todo sistema de poder – esto sería una quimera, ya que la verdad es ella misma poder – sino de separar el poder de la verdad de las formas de hegemonía (sociales, económicas, culturales) en el interior de las cuales funciona por el momento (FOUCAULT, 1979, p. 189)³³

Ou seja, que o poder como foi dito anteriormente, não é constituído só pelo poder soberano. O poder existe quando é posto em ação, como ação sobre uma ação, o poder existe só em seu exercício, assim também como nos atos de resistência, num grau menor como num maior. Aqui vou me deter no conceito que Foucault desenvolve como sociedades disciplinares, mas apontando mais diretamente no que Deleuze (em sucessão à obra de Foucault)³⁴ chama de Sociedade de controle. Aqui Deleuze faz a diferenciação:

As sociedades disciplinares têm dois pólos: a assinatura que indica o indivíduo, e o número de matrícula que indica sua posição numa massa. É que as disciplinas nunca viram incompatibilidade entre os dois, e é ao mesmo tempo que o poder é massificante e individuante, isto é, constitui

³² O poder sobre a vida e o poder da vida como assinala ASSMANN (2005).

³³ Tradução livre do autor: Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder - isto seria uma quimera, já que a verdade é ela mesma poder - mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento.

³⁴ As análises da modernidade de Foucault pararam com sua prematura morte no ano 1984, deixando uma obra inconclusa a qual foi desenvolvida posteriormente por outras perspectivas e teóricos.

num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo [...] Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais a assinatura e nem o número, mas uma cifra: a cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “dividuais”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “bancos” (DELEUZE, 1992, p. 222).

Entendo que o conceito de sociedade de controle ajuda a contextualizar a praia que vai ser analisada colocando em conta este termo e este marco conceitual e teórico. No modo de finalizar essas considerações teóricas iniciais me interessei por Foucault como um ponto de partida, sua obra inconclusa pela morte do autor em 1984, deixa questões respeito ao poder e as resistências com muitas perguntas nos quais outros autores têm ido desenvolvendo as idéias de poder da vida, ou outros conceitos como potência da vida. Se bem me baseio em supostos teóricos foucaultianos, o mundo descrito por Foucault mudou, é claro que as análises da modernidade têm ainda muito por fazer, sobretudo pelo seu caráter rápido e efêmero. Essa pesquisa tem como finalidade entender uma pequena parte desta modernidade.

Estes pontos desenvolvidos nos pressupostos teóricos são só o ponto de partida para dialogar com o que vai ser trabalhado e contextualizado em torno às fundamentações das práticas de praia no seu contexto capixaba, das atividades físicas, e como estas vão se desenvolvendo entre o que pode ser entendido como hegemônico, o normal ou o saudável e também pelo contrário o que pode ser entendido como doente ou pouco saudável na hora de entender o corpo ou as práticas que os sujeitos realizam.

CAPÍTULO 3

O CORPO E A ORLA: APONTAMENTOS TEÓRICOS

*Advertising has us chasing cars and clothes,
working jobs we hate so we can buy shit we don't need.*

We're the middle children of history, man.

No purpose or place.

We have no Great War.

No Great Depression.

Our Great War's a spiritual war... our Great Depression is our lives

Tyler Durden

Fight Club

Neste capítulo vamos entrar na discussão de como é entendido o corpo da praia brasileira, como é atravessado pelos discursos tanto midiáticos como de saúde. Para isso, será necessário fazer uma leitura das pesquisas e dos distintos dados dos quais - como se falou no primeiro capítulo - teriam como paradigma o ideal de corpo voltado ao determinismo biológico, quantificável. Um ideal de corpo sujeito a permanentes modificações e intervenções, que estaria atravessado por discursos midiáticos, de estética, desde o campo da saúde, articulando desta maneira uma versão moderna do paradigma cartesiano que não opõe a alma com o corpo, sendo entendido este último como descartável, senão que opõe o corpo ao próprio sujeito (LE BRETON, 2013). Estes diálogos e problematizações seriam pressupostos para os posteriores análises e a produção de dados no quarto capítulo desta pesquisa.

3.1 CORPOS DO MERCADO E A SAÚDE

Rodriguez e Seré (2013) argumentam que o corpo não significa nada até que significa alguma coisa para alguém. Continuando a mesma linha, os corpos têm diferentes sentidos nas diferentes culturas onde se encontram inseridos, porém, hoje existe uma visão de um corpo no mundo ocidental e na América latina ancorada numa única perspectiva construída pelo mercado, que vem se acrescentando desde a segunda metade do século XX de mãos com uma cultura que pode ser chamada

de capitalismo cultural, capitalismo pós-moderno ou capitalismo pós-fordista (PELBART, 2003).

Segundo Bauman (1999), os discursos propiciados na modernidade liquidasão ambivalentes, são discursos ambíguos, em relação a diferentes problemas e noções como a natureza, a saúde assim como também relacionados ao corpo, independe do seu contexto. O corpo tem virado um objeto que se relaciona não mais só com a produtividade própria das sociedades disciplinares senão que agora também se encontra relacionado com o consumo, os prazeres e a criação de subjetividades. É assim como nos últimos anos, a questão corpo virou um investimento, não só nos contextos brasileiros e de praia (dos quais esta pesquisa se interessa) senão também nas diferentes cidades e capitais como Santiago de Chile ou Buenos Aires³⁵.

Segundo autores como Boltanski (2004), o corpo é olhado como um investimento, que é trabalhado maioritariamente pelas classes sociais mais altas Boltanski (2004) indica a diferenciação nos aspectos simbólicos dos corpos em relação à classe social na qual se encontram, isto é como as classes têm seus próprios valores, suas regras e como estas regem a relação que os indivíduos mantêm com seus corpos, como as classes sociais diferenciam seus corpos e sua sexualidade, como mantêm suas regras sanitárias, códigos conforme ao contexto social, etc. Isto, segue a mesma linha que o que acontece com os corpos nas praias cariocas, onde segundo Goldenberg e Silva (2007, pg 38), o corpo é um objeto de investimento e pode ser entendido, dentro destes contextos, como um corpo distintivo tendo suas próprias significações dentro de diferentes contextos e de classes sociais. É visto assim, como um corpo valor que identifica ao indivíduo e simultaneamente o distingue de outros. Na mesma linha, Bourdieu (1994, pg. 190) indica como o corpo é a materialização do gosto de uma classe.

Este corpo de investimentos abre mão para uma série de entendimentos a respeito do mesmo, o corpo ao voltar se um investimento ou um capital vira também uma responsabilidade. Segundo a pesquisa de De Sant'Anna (2005), os indivíduos, no

³⁵Cidades das quais li autores e tenho mais conhecimentos que outras da America Latina.

contexto de praia, olham o fato de “possuir”³⁶ ou não um corpo belo depende só da própria vontade, a beleza torna-se uma qualidade que pode ser obtida por cada pessoa e não é vista mais como o privilégio de alguns, seja por meio das intervenções plásticas, mediante as atividades de academia ou também a mudança das práticas alimentares como é o caso dos regimes dietéticos.

É assim como surgiu todo um mercado em relação aos corpos, há um consumo em relação à produção do próprio corpo. Esta produção do corpo é entendida como uma produção pessoal individual da própria identidade (LE BRETON, 2013). Produção que atua como bricolagem cultural por meio do mercado. Este mercado em relação à produção dos corpos tem ido em ascensão nas últimas décadas. Assim é como a quantidade de produtos corporais, suplementos alimentares ou o surgimento de academias de musculação tem ido em ascensão nas diferentes cidades latino-americanas.

Desse jeito têm surgido diferentes produtos em relação a diferentes fins, diferentes mensagens. Mensagens produzidas pelo mercado das quais muitas destas estão relacionadas só a interesses lucrativos. Da Costa (2016) indica que nesta conjuntura do mercado atual prima por disseminar mensagens ambíguas sobre nossa saúde e também sobre nossos corpos.

Aqui destaco as mensagens em relação do corpo com a mercadoria e a saúde, as quais estariam ligadas. Para Sabino a relação

saúde-mercadoria, reiterada pelos usos e abusos da medicina estética, acabam por corroborar a transformação do corpo em objeto descartável, pois implantes de órgãos e próteses diversas confundem a fronteira do que é mineral, máquina, e do que está vivo. Também o uso do conhecimento científico, no caso específico das ciências biológicas e médicas, traduzindo em remédios, suplementos alimentares e vitamínicos por ele produzidos através das intermitentes pesquisas, serve à composição da poderosa e crescente indústria da saúde (2007, pg.156-157).

³⁶ Segundo Le Breton (2006) os pesquisadores devem evitar “dar” um corpo às pessoas como se este fosse um em si, esta visão anatomofisiológica da medicina tem que ser evitada de ver como a realidade objetiva em relação ao corpo, sem prestar atenção nos usos sociais ou culturais deste.

Esta ideia de corpo descartável ou de corpo frágil vem junto à ideia de reafirmar ou melhorar³⁷ o corpo de qualquer jeito, problematizando tanto questões de saúde como de estética. Segundo Da Costa (2016), as condições não doentias são olhadas como problemas médicos, ou seja, tratados como doenças. Para Le Breton (2013), o corpo atualmente encarna a parte ruim do indivíduo, o rascunho que tem que ser corrigido para poder-se adequar às necessidades da sociedade ou ao mundo onde ele está situado. É claro que certas empresas trabalham com estas mensagens em relação ao corpo com interesses econômicos, aprofundando desta maneira os discursos e criando novas necessidades. Assim condições como a calvície ou a falta de libido, aspectos que não são considerados doenças, são tratados como tal.

Le Breton (2013) indica que atualmente há um uso excessivo de psicofarmacológicos em corpos que não se encontram nem um pouco doentes. As maneiras para se relacionar com o mundo precisam intervenções devido ao sistema cada vez mais ativo e exigente. Nas últimas décadas tem ido em ascensão as vendas em relação ao uso de pílulas para dormir ou de pílulas antidepressivas. Assim existe uma desconfiança no próprio corpo, percebido como falho pelas atuais exigências da vida cotidiana. Os corpos deficientes se envolveriam numa forte ambivalência. Nos discursos sociais das sociedades ocidentais indicariam o indivíduo com deficiência como um indivíduo normal, mas ao mesmo tempo, o mesmo indivíduo seria classificado “objetivamente” dentro de uma marginalidade, baixo olhares de angústia, compaixão e de reprovação (LE BRETON, 2006). Para Silva (2001) no Brasil há uma disseminação grande em relação às expectativas de certos tipos de corpo e de realização pessoal.

Continuando a mesma linha, Ortega (2008) indica que os discursos e mensagens propiciados pelas mídias e as empresas transnacionais atingem a produção do corpo em relação à saúde, visando as doenças como se fossem sinônimos do fracasso individual. Oliveira e Gomes (2001, pg. 42) indicam que o corpo, em termos físicos, é visto e pensado como algo incompleto, como um objeto a ser feito, a ser transformado, gerenciado, moldado conforme as exigências da sociedade.

³⁷Acho que na língua inglesa a palavra “Enhance” ficaria mais descritiva.

Como foi visto no segundo capítulo, os corpos desde a modernidade não somente voltaram-se alvos dos processos biopolíticos senão que foram atravessados por estes, tornaram-se objetos controvérsias, que segundo Pelbart (2003), são tanto objetos alvos do poder como objetos atravessados pelo poder. Tanto corpo como vida, tornaram-se, de um jeito inevitável, objetos de poder, isto é, que pode-se exercer o poder através deles. Para Pelbart (2003) não é senão através deles que se podem articular as diferentes resistências aos diferentes tipos de assujeitamentos³⁸.

Estes assujeitamentos do corpo, como foi dito no primeiro capítulo, estão ancorados num entender de um corpo específico, uma visão do que chamei de um corpo hegemônico, o qual está atravessado por diferentes discursos dos que destaquei dois principalmente: o primeiro é midiático e reproduz um corpo com uma estética determinada, o segundo discurso é influenciado pelos discursos biomédicos e está desenvolvido numa linguagem médico-fisicalista, com toda classe de constantes biológicas.

O primeiro discurso encontra-se vinculado à produção mercantil, ao merchandising e à lógica da cultura capitalista atual. Pelos diferentes processos históricos, a América Latina tem sido influenciada pelos Estados Unidos midiaticamente mais intensamente desde a segunda metade do século XX. É assim como países como Brasil, Chile ou Argentina tem tomado muitas das influências, os estilos de vida assim como o conceitualização de beleza do país do norte.

Estes processos de influência Estadunidense foram dando-se pelo merchandising e pela intensa valorização de uma estética em específico mostrada nos seriados, pelas revistas de moda com estrelas relatando suas receitas de beleza e pelo cinema Hollywoodense (DE SANT'ANNA, 2005; EDMONDS, 2007). A pesquisa de Edmonds (2007) acerca das cirurgias plásticas no contexto das praias de Rio de Janeiro, mostram o grande crescimento deste tipo de tratamentos no Brasil.

³⁸Segundo Foucault (1979) existem três tipos de lutas sociais, a primeira é de dominação, de um grupo étnico sobre outro como os casos raciais. O segundo tipo de luta é de exploração, de uma classe social sobre outra. E o último tipo de luta social são com os problemas de assujeitamento, os quais são lutas sociais pelos diferentes estilos de vida.

Desse jeito conceitos próprios dos EUA como *peeling*, *lifting*, *minilifting* (EDMONDS, 2007), dão conta de como as intervenções plásticas introduziram-se no Brasil junto a uma visão particular de beleza que ainda é reproduzida pelas mídias brasileiras (DE SANT'ANNA, 2005). Para Malysse (2007, pg. 93) as mídias da sociedade brasileira produzem um corpo virtual, o qual resulta um corpo de mentira, medido, calculado e artificialmente preparado para ser traduzido em imagens para assim tornar-se uma poderosa mensagem da corpolatria. Corpolatria influenciada pelas novas modas corporais, uma corpolatria em constante transformação.

Essa estética influenciou à sociedade brasileira, porém algumas outras características a respeito do imaginário do corpo brasileiro se mantiveram. Para Edmonds (2007, p. 247), há uma experiência de beleza universal que no Brasil sofreria uma refração criando também seus próprios simbolismos respeito à beleza como é o caso das coxas grossas e redondas ou as “bundas empinadas”. Segundo a mesma pesquisa de Edmonds (2007), outras características dos corpos no Brasil como os cabelos loiros são influências externas que atualmente são olhados como status onde as pessoas estão mais habituadas a investir em estas. Estas características mostram brevemente como acontece a refração cultural.

Na mesma linha, a pesquisa de Farias (2007) indica que a cor da pele tem sido entendida como um capital simbólico, no que a gente investe. A cor da pele mais bronzeada é vista como um caráter de status. Segundo Farias, a “morenidade”, o bronzeado poderia indicar um simbolismo respeito ao privilégio de uma forma de vida marcada pela possibilidade de fruição dos prazeres desta. O tom amorenado indicaria também um sinal de “brasilidade” aos corpos dos indivíduos nas praias. A pesquisa de Farias (2007) assinala também toda uma problemática racial e de mestiçagem respeito a esta representação ideal dos corpos.

Segundo Malysse (2007), os indivíduos das praias brasileiras parecem dar maior importância ao corpo em relação à beleza. Para Malysse, há um discurso totalitário

sobre a beleza do corpo no contexto de praia brasileira, uma corpolatria específica ou uma nova cultura somática³⁹.

O segundo discurso não vem necessariamente do discurso biomédico mas é claro que toma elementos dele, sobretudo respeito ao uso da linguagem médico fisicalista, além do uso de classificações próprias das ciências médicas assim como de certos resultados do seus estudos. Mas que como veremos não possui necessariamente uma lógica de saúde tratando reais doenças ou estados prejudiciais de saúde.

Primeiramente, há que entender que hoje em dia, no atual capitalismo cultural, há um novo imaginário de saúde. Segundo Da Costa (2016), a noção de saúde mudou de lugar, anteriormente era entendida como um estado de não-doença, um estado do qual as pessoas esquecem e pelo qual não era necessário investir para mantê-lo. A saúde atualmente virou um estado, ao contrário, pelo qual as pessoas têm que lutar constantemente para conseguir alcançar e manter. Desse jeito, Da Costa fala da saúde como um horizonte ao qual os indivíduos, por muito que eles avancem, nunca conseguiram chegar, um horizonte da saúde quase inalcançável. Oliveira e Gomes (2001), por sua parte, indicam que a saúde tem relação com a noção de corpo consumidor, um corpo consumidor que se encontra em ajustes constantes reciclando desta maneira antigos elementos. O encontro com a aptidão necessária é uma procura que nunca é definitiva, não pode ser precisada com clareza e está sujeita a um eterno recomeço.

Oliveira e Gomes (2001) baseiam esta forma de entender a saúde nas pesquisas de Bauman. Para Bauman (2001), há uma diferenciação entre os conceitos de saúde e aptidão⁴⁰. Aqui primeiro

Saúde, como todos os conceitos normativos da sociedade dos produtores, demarca e protege os limites entre “norma” e “anormalidade”. “Saúde” é o estado próprio e desejável do corpo e do espírito humanos - um estado que (pelo menos em princípio) pode ser mais ou menos exatamente descrito e também precisamente medido. Refere-se a uma condição corporal e psíquica que permite a satisfação das demandas do papel socialmente

³⁹ Cultura somática entendida por Boltanski como as relações sociais e culturais que se dão através do corpo, dando ênfase em suas distinções de classe, regras, sexualidade, comportamentos corporais baseados no seu grupo social, etc.

⁴⁰ Fitness é a palavra original utilizada por Bauman na versão original em língua inglesa.

designado e atribuído - e essas demandas tendem a ser constantes e firmes. "Ser saudável" significa na maioria dos casos "ser empregável": ser capaz de um bom desempenho na fábrica, de "carregar o fardo" com que o trabalho pode rotineiramente onerar a resistência física e psíquica do empregado (BAUMAN, 2001, pg.91).

Por outro lado, para Bauman o conceito de aptidão

significa ter um corpo flexível, absorvente e ajustável, pronto para viver sensações ainda não testadas e impossíveis de descrever de antemão. Se a saúde é uma condição "nem mais nem menos" a aptidão está sempre aberta do lado do "mais": não se refere a qualquer padrão particular de capacidade corporal, mas a seu (preferivelmente ilimitado) potencial de expansão. "Aptidão" significa estar pronto a enfrentar o não-usual, o não-rotineiro, o extraordinário - e acima de tudo o novo e o surpreendente. Quase se poderia dizer que, se a saúde diz respeito a "seguir as normas", a aptidão diz respeito a quebrar todas as normas e superar todos os padrões (BAUMAN, 2001, pg.91-92).

Desta maneira, a aptidão para Bauman seria mais uma vivência subjetiva e individual que a saúde, a qual pode ser definida mais objetivamente. Aqui também há uma face oposta à saúde, a doença é cada vez mais difusa, já não é mais um acontecimento excepcional com um começo e fim demarcado. Agora é entendida como uma ameaça sempre presente.

É assim que os corpos relacionam-se com estados de doenças, como fala Bauman ou Ortega, os corpos são relacionados a estados permanentes de doença, é assim como Sacchi e Saliba (2015) indicam que estes discursos relacionados a tarefas como praticar exercícios físicos, ter uma alimentação saudável, fazer exames regulares de prospecção de futuras doenças, etc. Estas tarefas são chamadas de imperativos de saúde os quais estão baseados na linguagem médica. O corpo aqui é olhado como se fosse um objeto imperfeito em uma constante procura da saúde perfeita.

Há outras perspectivas a respeito dos modelos corporais dos quais a medicina atual se baseia, para Rose (2007), o qual se baseia em estudos atuais de biopolítica, a perspectiva está em uma fase de transição entre um modelo de corpo molar e outro modelo de corpo molecular. O primeiro modelo tem dimensões apreensíveis ao olho humano, portanto, órgãos, fluxo sanguíneo, hormônios, etc. Portanto, em base a esta visão se atua e se investe em aspectos corporais visíveis, procurando

aperfeiçoar através de dietas, exercícios, tatuagens e cirurgia estética (SACCHI e SALIBA, 2015, pg. 109). O segundo modelo, o corpo molecular se baseia em propriedades derivadas das novas pesquisas científicas e médicas, estas são propriedades funcionais das proteínas, formação de elementos intracelulares particulares, canais iônicos, atividades enzimáticas, etc (SACCHI e SALIBA, 2015, pg. 109).

Ora, esses discursos parecem ganhar ainda mais peso nos contextos de praia, que segundo Malysse (2007), é atribuído a que nas cidades de praia com climas tropicais mais quentes, favorece uma “liberação do peso das roupas e uma tomada de consciência visual do corpo ao mesmo tempo mais direta e mais frequente”. O corpo desta maneira virá em si um acessório. Assim um corpo malhado, ou seja, um corpo acessório nunca virará um corpo nu.

Assim são muitas as razões de porque o corpo ocidental, o corpo latino-americano e também especificamente o corpo de praia brasileiro são atravessados pela série de discursos, de beleza, corpolatria, imperativos de saúde, novas apreciações de saúde ou simplesmente pelo fitness ou aptidão. Se bem muitos destas ideias e pressupostos apontam em diferentes direções destaco principalmente que as mensagens respeito ao corpo são ambíguos, estão em constante mudanças, são influenciados pelas novas ideias de saúde, pela moda e por uma estética específica, as três últimas causas estão em direta relação com aspectos midiáticos.

Estas mensagens ou expressões falam de um corpo ao que chamei de corpo hegemônico, um corpo em constante mudança e reconfiguração. É claro que pode se ver como há um grande poder sobre o corpo e a vida, um poder exercido em discursos que sujeitam aos indivíduos e limitam suas escolhas. Mas também há um poder ou uma chamada potência da vida, que pode ser exercida nas mesmas escolhas, nas micropolíticas da vida.

3.2 PRÁTICAS CORPORAIS E ATIVIDADE FÍSICA

Seguindo os estudos do campo da educação física, e também como foi dito no primeiro capítulo, existem duas nomenclaturas de atividades em relação ao corpo: as atividades físicas e as práticas corporais.

Segundo Crisorio (1998), a Educação Física no seu começo, entendida dentro do contexto dos projetos estado-nação era entendida através da anatomopolítica, baseada principalmente em questões disciplinares, na procura de indivíduos mais produtivos e ideais. Segundo Crisorio (1998), a Educação Física tradicional achava que se ocupava do corpo quando, na realidade, só se ocupou do organismo, isto é, porque a educação física tradicional está interessada nos caracteres biológicos mensuráveis, do caráter orgânico do corpo. Este caráter orgânico do corpo é olhado muitas vezes como o corpo natural, esquecendo das práticas e atividades culturais e sociais que tem por objeto ao corpo. Hoje estas atividades relacionadas ao caráter orgânico e mensurável do corpo dentro dos estudos da educação física seguem a linha do que podemos entender como atividade física.

Se bem para Crisorio (2015), a palavra física denota um caráter natural, uma natureza ou a natureza de um ser, porém, atividade física como sintagma tem um sentido próprio que faz referência a qualquer movimento corporal com um gasto energético, mas sempre com uma ênfase quantitativo. Assim, a atividade física são as atividades que tem por objeto o corpo, mas entendendo-o os seus caracteres mensuráveis e suas constantes biológicas. Atividades que tem por objetivo aumentar a massa muscular, queimar a gordura, tonificar, etc. As atividades físicas são medidas com essa quantidade de taxas e parâmetros, alimentado pelos discursos junto à uma linguagem da medicina que outorga um caráter científico de verdade.

Como foi visto anteriormente, muitas das atividades físicas estão relacionadas com os discursos midiáticos da estética assim como dos imperativos de saúde. No contexto das praias do sudeste brasileiro, há uma ênfase nas atividades físicas que tem por fim obter um corpo “malhado”, um corpo trabalhado associado à produtividade, um corpo acessório ao qual são atribuídos status sociais, de alguém que tem os recursos para poder obtê-lo.

É dessa maneira que desde uma perspectiva Foucaultiana pode-se atribuir às atividades físicas com fins estéticos como uma nova docilização dos corpos, que no contexto da atual sociedade de controle teria uma utilidade para o mercado e não mais para o Estado; mudando a ideia de corpo produtivo para um corpo consumidor. Segundo a pesquisa de Bracht et. al (2013), baseada nas perspectivas de Zygmunt Bauman, esta produção de corpos consumidores tem novos interesses em vivenciar sensações, prazeres, estética. Interesses organizados com base na sedução, por desejos sempre renovados.

Algumas atividades físicas têm esse interesse nos desejos, sensações e prazeres. Atividades físicas dentro das quais podem ser classificadas também as atividades de malhação próprias de uma academia, utilizam esta visão de um corpo que na praia é concebido em termos de volume. Termos como “massa corporal”, “gordura localizada”, “volume muscular”, etc. são parte da linguagem vinculada ao trabalho do corpo físico (MALYSSE, 2007). Muitas destas atividades estão limitando a prática do *BodyBuilding*, o que se encontra de moda em muitas das academias das zonas litorais do Brasil.

Modas respeito ao crossfit, à mudança de hábitos alimentares e o exercício exagerado respondem a uma lógica de *BodyBuilding*. O *BodyBuilding*⁴¹ é uma atividade corporal que visa ao corpo como uma espécie de máquina viva que tem que se aperfeiçoar para reduzir as limitações do organismo ao mínimo. A lógica do *bodybuilder* reafirma o dualismo cartesiano entre corpo e espírito. Encarregando-se do corpo próprio é como se recuperar o controle da vida assim como da própria existência (LE BRETON, 2013). Segundo a pesquisa de Malysse (1997) há uma amplidão considerável em relação ao fenômeno do *bodybuilding* tanto nos Estados Unidos como no Brasil.

Os *bodybuilders* estão preocupados em adquirir massa muscular, para isso é necessário levar um regime adequado, tanto em relação à alimentação como à série de exercícios físicos. A alimentação é meticulosamente calculada sob parâmetros estéticos ideais para o desenvolvimento das atividades de academia. Comumente

⁴¹ A tradução para a língua portuguesa seria construtor do corpo.

ajudados também pelo consumo de complementos nutricionais para o aumento de proteína, vitaminas ou minerais (LE BRETON, 2013).

É uma atividade que tem sido levada ao extremo por muitos indivíduos no contexto da praia brasileira. Para Sabino (2007), as práticas de *bodybuilding* e as academias de musculação das cidades brasileiras servem como usinas de produção da forma, fabricando corpos para serem consumidos pela lógica do mercado (p.145). Tal atividade dá conta das muitas mensagens respeito ao corpo que foram revisados e discutidos na primeira parte deste capítulo.

Como foi dito anteriormente, o conceito de atividade física remete a um entender do corpo próprio da educação física clássica aqui Crisorio indica

desde seu nascimento até agora, a educação física (*physica*) tem pensado a vida dos seres humanos - e dos seres humanos - em conexão imediata com a natureza, fechando o aberto que permite qualificar a vida humana, e com ela o corpo e a educação do corpo. De um corpo construído e significado que não coincide, nem se identifica, com o organismo (CRISORIO, 2007, pg. 76-77).

Embora Crisorio tenha pensado uma educação corporal que não nega ao organismo biológico, o termo atividade física para ele não dá conta dos processos históricos, culturais e sociais em relação ao corpo. Desta maneira Crisorio acha necessário quebrar o esquema de categoria da educação e do corpo em relação a esse organismo.

Nesse sentido Crisorio (2015) volta para um entender de um corpo político, um corpo plural o qual é distinguido por ele no conceito de Práticas corporais. Na literatura brasileira o conceito de práticas corporais adscrive um corpo que é atravessado por uma prática o qual é maioritariamente utilizado nas pesquisas relacionadas às ciências humanas e sociais. Segundo Lazzarotti et. al (2010), tal relação é devido a sua potencialidade conceitual, justificada pela procura de saídas no processo de construção da própria especificidade. Desse jeito, Crisorio (2015) em relação ao conceito, assinala que as práticas corporais assim como

os comportamentos e as formas de viver humanas não são prescritos em caso nenhum por uma vocação biológica específica nem impostos por uma

ou outra necessidade, muito menos são as práticas (formas de fazer, pensar, dizer) que tem por objeto o corpo para construí-lo e constituí-lo em ordem a essas formas de vida e nas que ele (o corpo) comporta-se, não obstante, de modo particular. Isto constitui imediatamente as práticas e os usos corporais em práticas e usos ante todo culturais, portanto, políticos (2015, pg 35).

Assim, nos aspectos da criação de subjetividades e das resistências aos corpos hegemônicos, as práticas corporais podem ajudar diretamente como se trata-se de um poder da vida, como uma potência da vida. Esta potência da vida tem direta relação com a rejeição de uma produção em massa de corpos produtivos, corpos aptos, corpos consumidores, entendendo estes últimos como consumidores como também objetos do consumo. Segundo Da Costa (2016), as práticas corporais são práticas alternativas no sentido que visam desarticular o corpo consumo.

3.3 DO SÍMBOLO AO DISCURSO: PRODUÇÃO DA CORPORALIDADE

Além dos simbolismos e as representações simbólicas próprias dos estudos de Le Breton ou Boltanski, a presente pesquisa tem um interesse na produção dos corpos individuais, embora estejam assujeitados a diferentes entramados sejam simbólicos, ou bem em outros níveis epistemológicos, aos diferentes discursos como também às redes de poder. Se bem Le Breton indica que os corpos são produzidos social e culturalmente, vou me interessar ao igual que Judith Butler de como os indivíduos vão criando suas próprias noções em relação ao corpo. O que a mesma autora chama de “materialização” dos corpos, rejeitando assim toda noção de um corpo natural ou de corpo pré discursivo.

Assim, há um interesse em como os indivíduos através das práticas corporais constroem seus corpos tomando elementos tanto dos discursos homogeneizadores assim como de suas próprias intervenções e (re)interpretações, desejos e vontades. Hoje são muitas as vertentes de ideologias e perspectivas para entender a vida, mas se apreciamos as mídias, as perspectivas do corpo “plural” desaparecem e o corpo torna-se um objeto conceitual único, com um sentido restrito como foi visto nas perspectivas de Crisório e a educação física/corporal (corpo fisio-anato-morfológico). Como foi dito anteriormente, há que lembrar que esta pesquisa não tem uma

oposição à biologia e suas disciplinas, senão que tem uma oposição ao caráter restrito, ao caráter homogeneizador da visão do corpo, à pretensão de uma visão única e por tanto hegemônica. Uma das problemáticas da visão do corpo hegemônico, é que “hacemos “como si”; como si el cuerpo fuera una cosa (lo es, no hay dudas) y pudiera saberse algo de él por fuera de toda mediación”⁴²(RODRIGUEZ; SERE, 2015, p. 90). Naturalizando desta maneira um tipo de corpo ideal, de um corpo perfeito que as pessoas têm como tarefa atingir.

Assim no seu sentido mais epistemológico, o corpo não é só carne, ossos e órgãos, este é um entender de um corpo ligado ao orgânico e é preciso entender que não há uma configuração deste somente, e que pode ser analisado desde outras perspectivas e disciplinas. Segundo Galak (2009), o corpo não é dado, não é natural ou simplesmente biológico. As pessoas não nascem com um corpo. Para Galak (2009), há um organismo, no qual existem diferentes sistemas da qual a educação corporal não pode nem deve desentender se, mas isso não é só o corpo. O corpo individual, do interesse da presente pesquisa, é construído no discurso assim como o corpo das disciplinas é construído na precisão dos discursos e conceitos que o compõem.

Foucault ressalta como em algumas sociedades não tinha diferenciação entre as doenças da alma ou espírito e as doenças do corpo, incluindo nesta categoria as sociedades pós cartesianas. Assim Foucault mostra certas ligações de como foi se constituindo o corpo na modernidade para enfim pensar na materialização e a “possessão” deste. Isto último entendido como um dado histórico e transitório (CASTRO, 2009). Pelbart (2003) indica que o corpo é uma realidade biopolítica, ou seja, a primeira relação que tem a biopolítica com o corpo é sua própria criação e o posterior assujeitamento pelos diferentes biopoderes assim também as estratégias biopolíticas como a medicina. O corpo aqui é entendido como foi mencionado por Galak (2009) como um corpo discursivo.

Se bem Foucault reconhece um poder judicial, o qual distingue tanto um indivíduo como uma sociedade, as tecnologias modernas de poder, atingem não ao corpo

⁴²Tradução livre do autor: É que fazemos “como se”, como se o corpo fosse uma coisa (ele é, não há dúvidas) e pudesse saber algo dele por fora de toda mediação.

social como é definido pelos juristas, senão um corpo múltiplo, o que Pelbart (2003) chama de corpo da multidão, o corpo biopolítico coletivo. É esse mesmo corpo da multidão que é criado no transcurso da modernidade para ser atingido pelas diferentes tecnologias do poder, para ser gerenciado e controlado, para ser corrigido, reformado e receber certo número de qualidades e transformar-se num corpo com a capacidade produtiva.

Hoje há outro corpo se bem atingido pelas tecnologias de poder, é atingido por uma quantidade diferente de mensagens, não só com fins produtivos senão mais bem com fins voltados para o mercado, fins voltados para o consumo. Onde há uma regulação diferente, mais difusa, como fala Deleuze (1992) aqui o marketing volta-se um instrumento de controle social. As pessoas não serão mais confinadas como nas sociedades disciplinares, mas sim serão endividadas. Este tipo de mecanismo mais sutil é próprio da sociedade atual, uma sociedade de controle.

O contexto da praia brasileira entraria na classificação dos novos regimes de controle os quais são lisos e abertos, o poder é exercido através de sistemas de comunicação, redes de informação, atividades de enquadramento e é como que interiorizado e reativado pelos próprios sujeitos, no que os autores chamam de um estado de alienação autônoma (PELBART, 2003. pg. 81-82). Estas novas modalidades de controle operam com mecanismos de monitoramento difusos, flexíveis, móveis e ondulantes.

Segundo Pelbart (2003), os corpos não aguentam mais a disciplina nem o adestramento, o que fala da normação dos corpos além da normalização que atinge sobre os diferentes aspectos da vida, de um poder sobre estes mesmos. Esta sutileza em relação aos mecanismos e modos de controle deixa um espaço à vontade dos indivíduos, uma potência em relação às escolhas da sua vida e também às escolhas do seu corpo. Em concordância a como foi dito de “materializar” um corpo próprio. Há uma potência micropolítica, em quanto às práticas da vida, a certas formas de vida, uma capacidade de resistência aos discursos e suas realidades hegemônicas.

Essas discussões a respeito da materialização e a produção de corpos, como estes são atingidos, como alvos e objetos de poder abrem mão para os análises do último capítulo, onde se problematiza a respeito da potência da vida e como as pessoas entendem seus corpos.

3.4 PRÁTICAS ENTRE A NATUREZA E A CIDADE

Nessa seção vou me aprofundar nas pesquisas e o material já existente em relação a atividades e práticas nas praias do litoral brasileiro principalmente. Aqui a praia entendida como um espaço intrincado entre o espaço urbano e a natureza. O que pode se encontrado e que pode ajudar para entender o trabalho de campo de melhor jeito.

A Praia como espaço dentro do contexto urbano pode ser entendida em parte às políticas públicas em relação ao entretenimento e lazer. Aqui o lazer segundo Carvalho et. al. (2007) corresponde a uma problemática principalmente urbana, própria do mundo ocidental e especialmente das grandes cidades. Aqui entendo o lazer como

cultura - compreendida no seu sentido mais amplo - vivenciada (praticada ou fruída), no "tempo disponível". É fundamental como traço definidor, o caráter "desinteressado" dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A "disponibilidade de tempo" significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 2005, p. 28).

Insiro muitas das atividades da praia dentro de um contexto de lazer na natureza como indica Gonçalves (2009), atividades que surgiram de um entendimento que pode-se remontar desde o século XIX. Esta experiência com a natureza teria elementos os que se entendem de um jeito transgressor ligados a uma tradição romântica: ruptura, rebeldia em relação a uma ordem social entendendo estes lugares como de potencial criação. Estes entendimentos segundo Gonçalves (2009) estão tanto relacionados aos entenderes modernos de cidade como de natureza em si, aqui há uma

popularização do hábito de se buscar no "campo" para o divertimento, atribuindo-lhe usos de lazer, ilustrar um amplo e complexo conjunto de

mudanças relacionadas, de modo mais geral, às próprias ideias e concepções sobre natureza, o que não pode ser dissociado do novo modelo de cidade ou mais ainda, de modernidade (Gonçalves, 2009, pg. 42).

A praia entra diretamente nestes entenderes de natureza no limite da cidade, ou seja, pode ser considerado como um espaço natural ou com características atribuídas ao que se entende como natureza dentro do espaço urbano das cidades.

Por outro lado entendo os esportes realizados na praia nas conceitualizações de Gonçalves e Alves (2007). Os autores realizam uma caracterização dos esportes na natureza com características específicas fora da competitividade. Aqui os esportes como o surf, onde também poderiam entrar o voleibol de praia, futebol e futevôlei são realizados por praticantes regulares sem necessariamente estar interessados no elemento competitivo e que pelo contrário podem realizar tais esportes com finalidades de divertimento, possibilidade de prazer ou enriquecimento espiritual.

Gonçalves e Alves (2007) indicam também que os esportes na natureza estão mais vinculados a comportamentos cooperativos, onde há um deslocamento do elemento competitivo do outro, gerando assim uma sorte de “autocompetição”. Aqui a natureza é visada nos seus elementos como os rios, montanhas ou o mar. Estes elementos são os adversários que tem que ser “vencidos”, os competidores têm que vencer a natureza.

Segundo Pina et al. (2011) as pessoas buscam na cidade certos espaços específicos com pessoas que tenham objetivos em comum, normalmente com objetivos relacionados a preencher horas destinadas ao não-trabalho, diversão ou distração que pode ser denominado de lazer. A praia entraria nesses entenderes de espaços relacionados ao tempo livre, aqui Pina et. al. indicam

O tempo livre que as tribos observadas preenchem com jogos de recreação, passeios, atividades físicas e de relaxamento, teria sob o prisma sociológico, duas vertentes para possíveis análises considerando uma visão maniqueísta. Por um ângulo, os estudos sobre o ócio apontam os elementos primordiais a esta atividade, que resumidamente ficam caracterizados como oportunidade do desenvolvimento intelectual humano e progresso da cultura. Por outro ângulo, o controverso lazer é considerado mais uma criação forçada da sociedade capitalista, marcado pelas características da cultura consumista de massa (PINA et. al., 2011, pg. 45).

Aqui há um entender do tempo livre em relação a duas direções com o mesmo contexto, a cultura ocidental de massas atual. Aqui o primeiro enfoque entraria numa direção relacionada ao produtivismo das atividades físicas ou esportes. A outra direção é a do lazer onde não há um desenvolvimento produtivo e as práticas e atividades tem uma característica desinteressada do tempo livre.

Por outro lado Costa et. al. (2006) caracterizam a praia como um lugar de acolhimento, de fraternidade, de enfrentamentos, de realizações, facilitando assim a integração.

Tais aspectos podem nos ajudar a contextualizar e compreender as motivações dos frequentadores no espaço de praia. O próximo capítulo corresponde ao trabalho de campo em si, onde são desenvolvidas as metodologias e técnicas vistas anteriormente em direta relação com os objetivos da presente pesquisa.

CAPÍTULO 4

PRODUÇÃO NA ORLA: ANDANÇAS NO CAMPO

*Me escondo en un restaurante italiano
Hablo una lengua que no me pertenece
Apesto, bebo un vino que apenas y puedo pagar
Y me alejo, me alejo de lo que se puede alejar uno
Me cuelgo del techo como una pared de bricolaje
Si tengo estructura que alguien me la diga
Soy una casa vacía llena de gente*

David Rivera Batista

Neste último capítulo abordarei a produção de dados resultantes do trabalho de campo na orla da Praia de Camburi. Nessa produção, irei descrevendo, de acordo com o trabalho que foi feito, certas impressões, e as maneiras como o objeto da pesquisa em questão foi abordado, dialogando também com autores apresentados e outros que ajudam a entender as questões de forma aprofundada. Também é destacável a importância da influência que o próprio trabalho de campo exerce não somente sobre a escrita mas também em como vai direcionando a pesquisa segundo o que ele mesmo vai revelando ao longo do tempo.

A escrita desse capítulo se referencia principalmente em duas partes baseadas no diário de campo e nas entrevistas. Assim, indo de fora pra dentro, começarei primeiramente pela caracterização geral de diferentes aspectos, o local, as pessoas, as atividades, certas impressões e também como fui desenvolvendo o campo em si. Na segunda parte do capítulo se encontram principalmente as categorias de análises trabalhadas desde as falas dos entrevistados utilizando os trechos desenvolvidos por estes. Tais categorias respondem principalmente ao que foi visto no último capítulo e se relacionam com saúde, estética, espaço urbano e corpos. As categorias de análise têm diferentes pressupostos ou entendimentos que serviram como pano de fundo entre os quais se destacam as relações entre atividade física e saúde, a praia vista como um espaço natural dentro do contexto urbano e certos imperativos de saúde.

4.1 ETAPA 1: ANDANDO PELA ORLA

Atravessei a orla muitas vezes ao longo da pesquisa e sentei inúmeras vezes para escrever, pensar e observar. Mas também para sentir, para deixar me afetar de certa maneira, para engolir pouco a pouco os acontecimentos e também a modo de intervalo para tentar observar tudo com novos óculos, e assim dar conta do que acontecia como se tivesse sido a primeira vez que me encontrava ali, e também claro, para me aprofundar em temas que ainda não tinha resolvidos.

O trabalho de campo se realizou de uma maneira assistemática, ou seja, comecei ir para o campo de maneira aleatória em diferentes horas e diferentes dias, porém, muitas destas vezes resultaram de forma infrutífera por conta de não conseguir encontrar muitas pessoas ou também por momentos que não resultaram relevantes para a mesma pesquisa, como nos dias que tinham um pouco de chuva ou algumas sextas-feiras à noite quando as pessoas não costumam ir muito para a praia. Dessa maneira fui me aprimorando e indo principalmente em horas da noite nos dias de segunda a sexta-feira e nos finais de semana, quando a praia tem a maior ocorrência de pessoas. Porém, nos finais de semana é comum ver diversos grupos heterogêneos, não somente relacionados com as práticas às quais eu estava estudando, como famílias, jovens, adultos, etc, realizando também diferentes atividades de recreação e lazer.

Assim, em sua amplitude, a praia de Camburi resulta ótima para realizar diversos tipos de atividades, desde o mais lúdico ao funcional: andar, falar, jogar, praticar esportes, tocar algum instrumento musical, beber cerveja ou água de coco são práticas normais que acontecem ao longo da orla. Para localizar melhor, a praia fica mais afastada do resto do município pelo aeroporto e pelo o Porto de Tubarão. Embora esteja num dos eixos vias da parte continental da cidade, que segue pela beira-mar, é um lugar que se afasta da maioria dos bairros do município. Assim, a praia de Camburi fica na continuidade de três bairros, principalmente: Jardim da Penha, Mata da Praia e Jardim Camburi.



Figura 2 - Praia de Camburi vista do kiosque 1.
Fonte: Acervo do autor.

Na figura 2, mostra-se uma foto tirada desde o extremo sul da praia até a metade desta, principalmente a zona sul onde se pode observar os prédios de Mata da Praia e o começo da zona do aeroporto ao fundo.

4.1.1 CARATERIZAÇÃO DA LOCAÇÃO DA PESQUISA

A orla está dividida em duas partes principais. A primeira, de sul ao norte, é formada pelos primeiros 2,5km⁴³ de extensão que vão desde o quiosque 1 até a pista de skate junto ao pier central da Praia, localizado justamente à altura da Avenida Adalberto Simão Nader. Este território atravessa a orla na altura dos bairros Jardim da Penha e Mata da Praia. Nesta parte, a praia se encontra acompanhada de diversos prédios e apartamentos mais altos no bairro de Mata da Praia. A outra segunda divisão é localizada desde a Avenida Adalberto Simão Nader até o fim da avenida da beira-mar, chamada Dante Michelini. Esta parte corresponde a outros 2,5km de extensão. Esta segunda divisão acompanha ao longo de sua extensão o

⁴³ Distância aproximada.

bairro de Jardim Camburi assim como uma parte que corresponde à área aeroporto de Vitória, Eurico de Aguiar Salles.

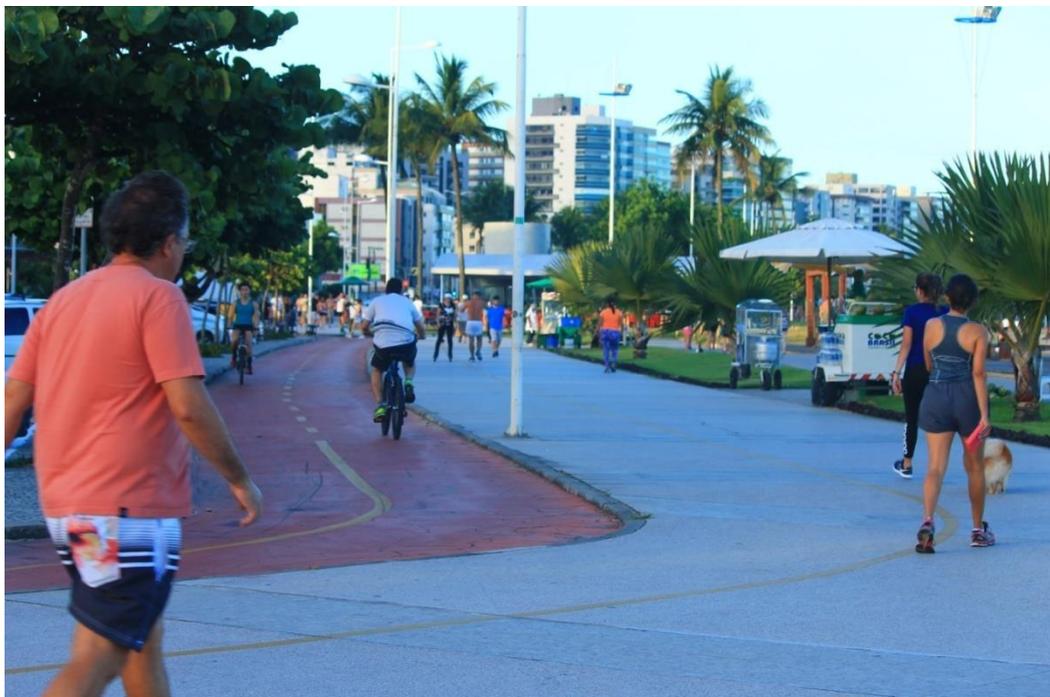


Figura 3 - Uso do espaço na orla.
Fonte: Acervo do autor.

Embora as duas extensões de território tenham suas próprias características e infraestruturas, também compartilham elementos destacáveis. Manterei essa divisão ao longo do capítulo tanto pela comodidade na pesquisa como também por causa da marcada divisão de atividades que há entre uma extensão e outra, o que fui notando ao longo do campo. Também acho importante destacar que a zona de areia (na qual se realizam a maior parte das atividades) encontra-se principalmente na zona sul, assim como os quiosques demarcados.

A orla encontra-se bem iluminada à noite e possui uma infraestrutura completa, com lixeiras e placas. Ainda que da orla não possua um sistema de segurança próprio, não é incomum ver policiais ou guardas civis andando pela calçada.

Como foi dito anteriormente, a orla possui uma zona pavimentada, a calçada para pedestres, na qual se encontra demarcada para a prática de running, patins e skates, ao lado ciclovia. Esta última está na parte mais próxima à rua, delimitada e marcada em vermelho em quase toda sua extensão salvo por pequenos trechos que

podem ser mais elevados marcados de outras cores para a passagem de pedestres. Acho importante destacar que embora exista uma calçada tanto na zona norte como na zona sul da praia, só na zona sul há uma demarcação clara de atividades dos pedestres. Também achei importante destacar o fato de que a zona sul possui um tipo de azulejo enquanto a zona norte possui outro tipo.

Na parte pavimentada encontram-se os quiosques e boa parte da infraestrutura da orla: lixeiras, bicicletários, as duas Academias Populares da Pessoa Idosa, e os pontos do serviço Bike Vitória⁴⁴, nomeados de sul a norte com os nomes Ponte de Camburi, SOE Camburi, SICOOB Praia de Camburi, Baia de Skate - Praia de Camburi, SOE Jardim Camburi e Parque Zé da Bola. Há também duas edificações que pertencem ao serviço de orientação ao exercício, um na zona sul e outro na zona norte.

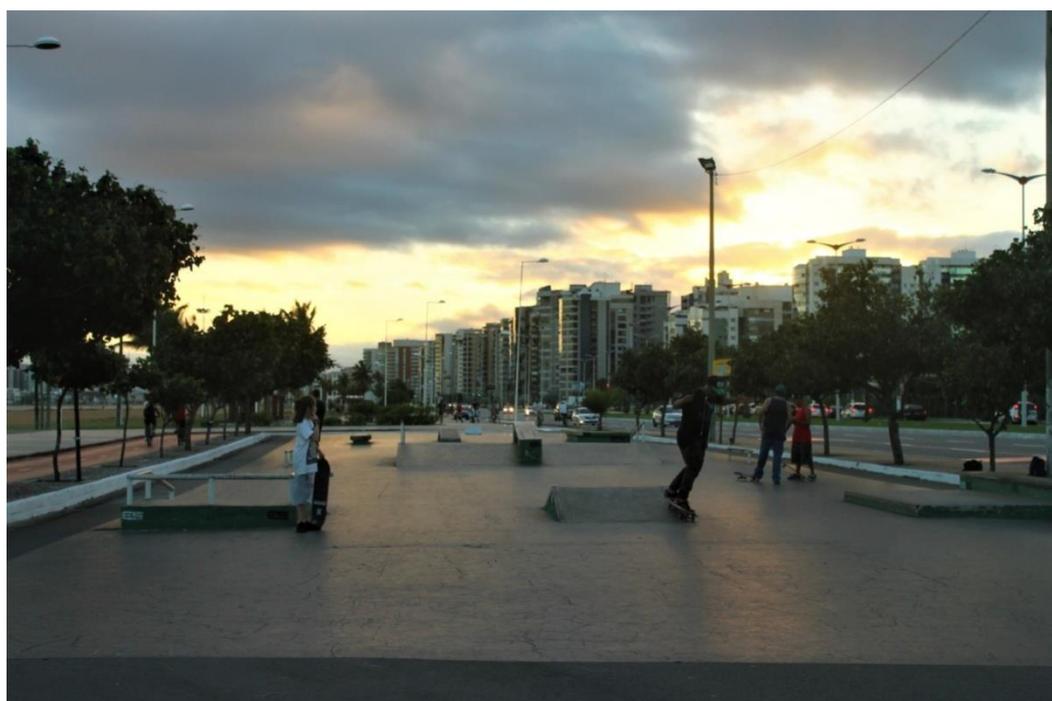


Figura 4 - Baia de Skate.
Fonte: Acervo do autor.

⁴⁴O Sistema Bike Vitória é composto por Estações inteligentes, conectadas a uma central de operações via wireless, alimentadas por energia solar, distribuídas em pontos estratégicos da cidade, onde os Clientes cadastrados podem retirar uma Bicicleta utilizando o aplicativo em seu smartphone ou o cartão de transporte público da cidade, utilizá-la em seus trajetos e devolvê-la em qualquer Estação do projeto. Informação obtida da página <http://www.bikevitoria.com/sobre.aspx>.

No início da pesquisa, os sete quiosques localizados na zona sul da praia⁴⁵ encontravam-se fechados, mas ao longo dela, abriram novamente como parte do Festival Gastronômico de Verão, geridos pelos bares da Grande Vitória que ganharam o último festival Roda de Boteco⁴⁶. Apesar de não serem diretamente do interesse da pesquisa, são uma modificação que se fez notar no desenvolvimento desta, pela quantidade de pessoas e também como atividades alternas de lazer.

A zona norte possui outros três prédios principais que chamei de “centros”, os quais possuem dois quiosques (que funcionam como restaurantes ou botecos), unidos por um banheiro. Alguns destes quiosques encontram-se fechados e outros em funcionamento. Estes quiosques têm outra frequência de pessoas que se atribui, pela cercania, majoritariamente ao bairro de Jardim Camburi.

A orla possui outra parte importante: a praia em si, ou seja, a parte que contém a areia. Aqui é onde se realizam a maior diversidade das práticas e as atividades físicas, desde corrida futebol de areia, futevôlei, voleibol, etc. É aqui também, onde se posicionam a maioria dos circuitos de treinamento funcional. Na zona da praia em si, observa-se que a zona de areia é diferenciada n sua zona sul em relação à norte, sendo que na sul encontra-se a maioria da frequência de pessoas.

Esta zona não possui tanta infraestrutura pública como a parte pavimentada da calçada, mas tem elementos importantes para a realização de atividades diversas. Em sua ampla extensão possui suportes para colocar as redes de voleibol, traves de futebol, redes para a separação de zonas, além de lixeiras. Esta zona encontra-se em constante limpeza por meio de carros limpadores que por sua vez nivelam a areia.

Também há uma zona intermediária entre a zona da calçada e a zona de areia que às vezes não é muito marcada, ocupada pela vegetação ou pelas áreas delimitadas como mata atlântica. Aqui se encontra infraestrutura de chuveiros.

⁴⁵Demarcados com a letra K e com a numeração do 1 ao 7.

⁴⁶Informação obtida da pagina web da prefeitura de Vitória <http://www.vitoria.es.gov.br/noticia/abertura-do-festival-gastronomico-na-praia-de-camburi-sera-no-dia-12-de-dezembro-26201>.

Ao longo da zona sul, encontram-se entradas da Avenida Dante Michellini para o lado da calçada que se convertem em estacionamentos. Estes estão localizados ao lado de alguns quiosques como os de número quatro e o cinco. Outro fato a se destacar é a ausência de estacionamentos na zona norte. Embora existam, estes só encontram-se no canto da rua, deixando assim os carros em fila. Além disso, se separam certas partes da calçada como pontos de ônibus tanto da empresa Tabuazeiro como Transcol.

Por toda a orla encontram-se em seus diferentes trechos, delimitados ou não, plantas e vegetação variada. Alguns trechos bem delimitados (com varas e cordões) com parte da mata atlântica. Em sua maioria, a orla possui árvores como palmeiras, junto com vegetação mais baixa que nasce na areia como certos arbustos.

4.1.2 CARATERIZAÇÃO DAS ATIVIDADES

Com base no trabalho de campo, observações e escritos, elaborei um quadro que lista as atividades recorrentes que vi várias vezes ao longo da pesquisa e que também podem se encaixar na literatura revisada. Aqui só menciono as atividades que são realizadas na orla, sem mencionar as atividades próprias do Serviço de Orientação ao Exercício (SOE).

Atividades	Majoritariamente dias úteis da semana	Majoritariamente finais de semana	Durante toda a semana	Raramente
Acroyoga				x
Bicicross		x		
Calistenia			x	
Caminhada			x	
Ciclismo			x	
Corrida			x	
Futebol Praia			x	
Futevôlei	x			

Kitesurf		x		
Natação				x
Patins			x	
Slackline		x		
Skate			x	
Surf		x		
Treino funcional	x			
Voleibol de Praia			x	
Yoga				x

Quadro 1 - Lista de atividades.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Fazendo uma leitura do quadro, 8 das 19 atividades relevantes que contei são realizadas tanto nos finais de semana como nos dias úteis. Só vi duas atividades predominantes durante os dias úteis: Futevôlei e Treino Funcional. Relaciono isso com o fato de que a maioria das escolinhas de futevôlei, assim como os centros de treino funcional, só funcionam nos dias úteis da semana, só alguns poucos são abertos durante os finais de semana. Vi quatro atividades majoritárias durante os finais de semana, que associei à prática pelo lazer, como atividades por passatempo: Biccross, Kitesurf, Slackline (nas suas diferentes versões) e Surf. Só marquei três atividades com ocorrência raramente, devido ao fato de que não consegui ver uma continuidade clara por parte de seus frequentadores, por isso encaixei as atividades como o Yoga, Acroyoga e Natação.

Aqui surgiram algumas dúvidas em relação aos horários e às limitações que levaram minha escolha em relação às horas, destacando as altas horas de atividade durante os dias úteis e os finais de semana. Também acho necessário destacar que não registrei atividades que vi muito pouco e outras como os esportes náuticos em geral.

Assim, os dias de semana, de segunda a sexta em horários pela noite, 18h às 21h, são utilizados por pessoas estritamente para atividades com fins que chamei de “produtivos” ou “funcionais”. São as pessoas que utilizam o espaço com um fim de

modelar seus corpos ou “mantê-los” saudáveis. Poderia ser pensada como uma produção de corpos específica.

Durante o percurso do trabalho de campo, uma das minhas dúvidas recorrentes foram as categorias usadas na Educação Física de Atividade Física e Práticas Corporais, e seu fino grau de delimitação entre uma e outra. No início do trabalho de campo foi bastante difícil determinar essas diferenças pelas próprias práticas ou atividades em si. A principal diferenciação que comecei observar na praia foi de interesses ou as motivações dos indivíduos em relação às práticas que desenvolvem. Aqui umas das principais questões que chamou minha atenção foi o fato de como o mesmo espaço é utilizado em diferentes horários com diferentes usos e, portanto, pensando-o em diferentes contextos. Já entrando no trabalho de campo, as diferenciações entre atividade física e prática corporal não foram nada úteis, pois os sujeitos utilizam estes termos para falar de uma mesma atividade, e sua diferenciação teórica resulta muito infrutífera. Em concordância com Carvalho (2001) achei necessário trabalhar me baseando primeiramente nos sujeitos e depois nas práticas ou atividades. Primeiramente no que é dito ou falado, expressando assim os entendimentos dos próprios entrevistados em relação às práticas. E também, às vezes, tanto as sensações como os sentimentos não podem ser ditos ou expressados utilizando a fala.

Daqui em diante não utilizo os termos atividade física e prática corporal com uma clareza específica, deixando de lado este debate científico próprio da educação física. Assim entro em concordância com o texto de Damico e Knuth (2014)

Os estudos da atividade física carecem de estranhamento. O X da questão sobre a exaustiva doutrina atividade física e saúde limita-se a uma abordagem conveniente de avaliar na população os níveis de atividade física. Não olha para os sujeitos, não consegue se aprofundar além do cruzamento de variáveis e escassez de reflexão no plano cultural, social e político. No serviço de saúde, reproduz a noção das recomendações para a atividade física. Dado isso, o movimento pode ser de qualquer forma, a qualquer custo, subindo escadas, caminhando, limpando a casa, trabalhando pesado. Os estudos das práticas corporais partem de uma supremacia ilusória. A maioria considera o termo tão amplo que é incapaz de defini-lo, como se sua efetivação fosse óbvia, em que todos os elementos da cultura corporal se entrelaçassem e produzissem sujeitos mais conscientes de suas práticas e vivências. A hibridização dos conceitos na prática é algo ainda pouco suspeitado e afirmado nas instâncias acadêmicas; Os jogos de interesses colocam um dos termos como difundido

pela mídia, potente nas publicações, mas pobre enquanto possibilidade de emancipação dos sujeitos para sua saúde e condição de vida. O outro termo seria mais robusto em termos de significados, de trajetórias e não simples de visualizar no encontro com a singularidade dos sujeitos (Damico e Knuth, 2014. pg. 343-344).

Outra forma mais específica de pensar as práticas foi em relação ao mesmo campo, a mesma demarcação dos espaços tanto a demarcação dos bairros e dos grupos de pessoas como também de atividades pela falta (ou não) de infraestrutura. Assim, como descrevi anteriormente, a zona sul possui a maior frequência de pessoas, de atividades, de escolinhas, assim como de circuitos de exercício funcional e crossfit. A zona norte, embora possua infraestrutura como a pista de bicicross Danilo Simões, não tem tanto espaço na praia nem a quantidade de escolinhas ou pontos de exercício, mas possui um parque de treinamento com barras majoritariamente usadas por jovens com a finalidade de praticar calistenia e algumas quadras de futebol e voleibol, as quais também são utilizadas às vezes para realizar circuitos funcionais.

Este fato foi de uma grande importância para dividir as atividades, tanto nas entrevistas como nas pessoas que realizam atividades na orla, mas principalmente me ajudaram a ir pensando como exercício meus deslocamentos através desta.

4.1.3 LIMITAÇÕES AUTOANTROPOLÓGICAS

Me propus começar a interagir com os frequentadores de acordo com os objetivos da pesquisa. Entrando mais na disciplina antropológica, tive alguns problemas em relação a fazer trabalho de campo em espaços ou numa cultura conhecida. Fazer trabalho de campo e produzir informação no campo tem quase sempre momentos de saturação, o que vivenciei nessa experiência na orla. Cheguei a momentos em que experimentava uma sobre-exposição às temáticas da pesquisa nos quais não conseguia ter um olhar além. Isso também por se tratar de um lugar de práticas que viraram recorrentes ou comuns. Precisei paulatinamente dar respiradas e intervalos de descanso para (re)pensar o campo e às vezes entrar na seguinte fase da pesquisa. É como o que alguns autores muitas vezes dizem de que a pesquisa é conduzida pelo próprio campo. Estes problemas têm relação como o que Strathern

(2014) indica como um dos pressupostos da autoantropologia. Essa autoantropologia é relacionada ao estudar uma cultura (ou nesse caso certas práticas de uma cultura) na qual se criou a mesma pesquisa, como é o caso do presente trabalho.

A primeira questão que vivenciei foi ter que passar por um processo de tornar complexo o comum. Embora muitas das práticas sejam conhecidas por nós, estas falam dos estilos de vida, questões sociais ou econômicas. É com uma relação que concerne mais a este trabalho, aos modos de como as pessoas percebem ou entendem os corpos em relação às práticas e suas significâncias tanto dentro como fora da orla. Strathern (2014) indica que os antropólogos que trabalham num terreno similar podem chegar a um melhor entendimento por causa da menor quantidade de barreiras culturais que as diferenciam.

O outro problema que indica é a mistificação desnecessária que resulta da autoantropologia, o que termina gerando outros problemas para resolver e pensar. Estes pontos especialmente marcaram grande parte do meu estudo na orla. Na hora de fazer as entrevistas realizar as análises dos dados, e produzi-los, chega um momento em que começa ser viciante e a escrita fica meio saturada, ainda assim acho que é parte do processo. Também é necessário explicitar, fazer constar questões que acontecem no campo por mais óbvias que nos pareçam. É o próprio campo quem vai nos dirigindo em questões mais ou menos interessantes ou relevantes para o desenvolvimento das diferentes temáticas.

4.1.4 INTERAGINDO COM AS PESSOAS

Se bem nas primeiras visitas na praia não parecia haver muita diferenciação entre os frequentadores, com o passar do tempo fui notando as diferenças não somente pelas horas em que realizei o trabalho de campo, mas também pelos dias que fiz o trabalho de campo. Marcando notoriamente desta maneira as pessoas que freqüentam a praia nos dias de semana, em que parecem ter uma rotina mais delimitada (nas horas específicas entre as 18:00hrs às 21:00hrs), dos

frequentadores que vão nos finais de semana, que têm um caráter mais variado e com diferentes finalidades em relação ao lazer.

Também notei que nos dias de semana há uma diferenciação entre quem realiza uso da orla em si, do seu espaço propriamente como tal, e outros que usam a ciclovia com um fim de locomoção ou de deslocamento dentro da região, os quais não têm necessariamente um fim de lazer nem esportivo, assim que entendo estas práticas de deslocamento mais como um meio que como um fim em si. Notei isto tanto nas roupas como nos implementos dos ciclistas.

Os frequentadores da praia em si, as pessoas que realizam atividades de lazer ou esportivas, realizam comumente estas com uma vestimenta adequada. A grande maioria veste roupa esportiva misturando-a com roupa de praia. Isto me pareceu muito particular, sobretudo, a destacar nas horas de pico de semana onde todo mundo parece uniformizado na hora de fazer atividades na praia (sejam ou não atividade físicas ou esportivas). Assim passear com cachorro ou simplesmente conversar com os amigos são atividades que são realizadas por pessoas que vestem roupas esportivas nas horas específicas.

Esta uniformização pode ser entendida como uma disciplinarização dos corpos, mas num contexto novo, como em parte assinala Deleuze das atividades em espaços abertos próprias das sociedades de controle. A mesma praia pode ser entendida como um espaço utilitário em relação a certas práticas, mas também como fui percebendo pouco a pouco, corresponde a um espaço de sociabilidade com parênteses entre seu particular utilitarismo. Vou falar destes aspetos mais adiante e com maior cuidado.

Na hora de começar a fazer as entrevistas semi-estruturadas e falas, estas foram se dando principalmente pelas minhas escolhas feitas durante o mesmo campo, pelas tardes e, sobretudo pelas noites principalmente. Aqui me dediquei principalmente a passear pelo calçadão ou pela ciclovia realizando observações procurando para ver quem poderia ter a disposição para responder as perguntas. Em alguns casos ao me aproximar e perguntar para um grupo, os mesmos indivíduos que faziam parte deste me assinalavam qual era o integrante mais “apto” ou com mais experiência para

responder. Em outros casos, falava com pessoas na hora do seu descanso para não as atrapalhar durante suas atividades. Também as próprias práticas por ser pouco comuns foram me direcionando na hora de realizar falas ou entrevistas, ou seja, mais de uma vez tive que aproveitar as vezes que olhava práticas não tão comuns⁴⁷ para ir falar com os praticantes.

Começando a caracterização dos entrevistados, realizei um quadro que permite ver as características gerais dos participantes. É claro que as falas foram muito mais enriquecedoras para a pesquisa e que este exercício só é a modo de caracterização geral. Dentro do quadro utilizei nomes fictícios para a nomeação dos entrevistados os quais serão mantidos pelo resto do capítulo.

	Nome	Sexo	Idade	Ocupação	Escolaridade	Bairro
1	Leo	Masculino	27	Estudante	Superior incompleta	Jardim da Penha
2	Ramona	Feminino	30	Auxiliar administrativo	Superior incompleta	Vila Velha
3	Andrés	Masculino	48	Representante comercial	Superior Completa	Ilha de Santa Maria
4	Agustina	Feminino	73	Aposentada	Superior Completa	Jardim da Penha
5	Carlos	Masculino	64	Aposentado	Meia completa	Jardim Camburi
6	Lucas	Masculino	51	Mecânico de manutenção	Técnica completa	Jardim Camburi
7	Julia	Feminino	38	Bióloga	Superior completa	Manguinhos
8	Giselle	Feminino	33	Segurança	Técnica completa	Jardim Camburi
9	Luiza	Feminino	30	Professora	Pós-	Jardim da

⁴⁷Aqui entendo as práticas pouco comuns como práticas sem horários fixos, e sem uma marcação paulatina do seu desenvolvimento pelos mesmos frequentadores.

					graduação	Penha
10	Ricardo	Masculino	51	Dentista	Pós-graduação	Mata da Praia

Quadro 2- Caracterização dos entrevistados.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Realizando uma leitura com base nos dados do quadro 2, pode-se observar que os entrevistados estão em igual proporção de homens e mulheres. Também tentei entrevistar, como se pode notar nas idades, uma população de diferentes faixas etárias e, portanto com diferentes ocupações: aposentados, estudantes e trabalhadores. Do mesmo modo, pessoas com diferentes níveis de escolaridade. E, por último, e diferente do esperado, não somente pessoas dos bairros Jardim da Penha, Mata da Praia ou Jardim Camburi (ou mais próximo à zona continental de Vitória), mas também pessoas de outros municípios como Serra e Vila Velha, além de outros bairros como Ilha de Santa Maria, localizada no mesmo município de Vitória.

As entrevistas semi-estruturadas foram uma técnica parte da metodologia descrita. No campo, não me limitei a realizar somente as perguntas que tinha presente no roteiro. Muitas vezes tive que pular algumas perguntas por já terem sido respondidas de antemão pelos mesmos participantes. A modo de “tirar” mais informações dos entrevistados, e conseguir entender melhor as mensagens, motivações das atividades e, por que não, também das filosofias de vida que estas pessoas tinham, fui criando perguntas no momento em que os mesmos participantes falavam e assim proporcionava uma maior oportunidade para eles se expressarem, motivando para que eles dessem respostas mais longas. Assim, foi se dando, não uma entrevista enquadrada, senão que uma verdadeira fala onde fui direcionando (ou tentei direcionar, em alguns casos) para que se voltasse à nossa preocupação com a praia, as atividades e as motivações deles. Aqui, dependendo do entrevistado e de maneiras diferentes, botei foco em outros temas realizando perguntas baseadas nas mesmas falas dos participantes em relação a temas como a saúde, a estética e os corpos. Também esclareci aos participantes o fato de não haver respostas erradas nem certas, só em relação ao que eles achavam dos temas em si.

Isso também para mostrar uma certa “neutralidade”, além de evitar induzir respostas⁴⁸.

A recepção dos entrevistados em geral foi bastante boa, ou seja, em nenhum momento os participantes me negaram uma resposta, salvo pelos pequenos esclarecimentos das mesmas perguntas, assim muitos deles conseguiram se expressar para além das temáticas pautadas. Foi aqui que fui surpreendido devido ao que esperava em geral outras respostas. Em geral, as respostas foram de um caráter particularmente similar, com algumas variações claramente, pela idade, e pelas experiências de vida ou histórias que iam me relatando. Um dos problemas que mais se apresentavam era o fato da pressa que algumas pessoas tinham⁴⁹, principalmente pelo fato de perguntar no momento mesmo das atividades ou posteriormente sem ter combinado a entrevista anteriormente. Geralmente os homens tinham maior vontade para responder as perguntas e falavam com maior autoridade. As mulheres geralmente tinham mais pressa e senti em alguns casos sua preocupação por terminar logo para ir embora, mas só apressando na hora de responder, porque terminava perguntando tudo que estava estipulado no roteiro. Outro ponto destacável desse processo de entrevistas foi o fato de haver rejeições por parte dos frequentadores de escolinhas de futebol ou vôlei assim como dos centros de treino funcional. Na hora de abordá-los para perguntar se podiam responder a entrevista muitos me respondiam que tinham pressa para voltar para casa⁵⁰.

Então para ir pensando a informação dos entrevistados achei necessário trabalhar em diferentes tópicos, alguns ditos por eles e/ou (re)pensados por mim, os quais fui tentando organizar.

4.2 ETAPA 2: PENSANDO O CAMPO

⁴⁸Como a maioria das perguntas não eram fechadas, não teve muito problema com induzir respostas devido a que a sempre pedia a justificativa das respostas que os participantes me entregavam, aqui tentei majoritariamente trabalhar com as mesmas palavras dos entrevistados.

⁴⁹Alguns falando diretamente que tinham que ir embora para a casa, ou pressa para terminar algum tipo de tarefa.

⁵⁰Também aconteceu um caso específico onde um homem me negou toda possibilidade de falar com ele, respondendo que “não tinha nada para me dar” fazendo alusão a entregar dinheiro.

4.2.1 AS ATIVIDADES

A primeira questão a analisar foi o fato de porque os frequentadores se encontravam especificamente na praia. A ligação foi diretamente com as atividades que eles realizavam e, é claro, parte do meu critério de escolha foram a roupa ou os acessórios que eles tinham na hora da abordagem para as entrevistas. Assim, para começar e como forma de exercício fiz um quadro para organizar os frequentadores em relação às diferentes atividades que eles realizam somente na orla de Camburi, sem contar como expliquei no começo, com as atividades realizadas pelo SOE. Além disso, uma das perguntas recorrentes foi se eles realizavam algum exercício ou atividade numa academia, o que foi importante para diversos tópicos e análises da presente pesquisa.

O quadro foi realizado com base nos frequentadores, as atividades que eles realizam, quantidade de vezes que eles frequentam a praia na semana e se participam ou não de uma academia atualmente.

Frequentador	Atividades na Praia	Vezes por semana	Academia
Leo	-Slackline -Longboard -Surf	4-5 vezes por semana	Não
Ramona	-Patins	Raramente	Sim
Andrés	-Ciclismo	3 vezes por semana	Não
Agustina	-Caminhada	5 vezes por semana	Não
Carlos	-Caminhada	5 vezes por semana	Não
Lucas	-Calistenia -Ciclismo -Caminhada -Natação	Todos os dias	Não

Julia	-Caminhada	3 vezes por semana	Sim
Giselle	-Circuito funcional	3 vezes por semana	Não
Luiza	-Futevôlei	2 vezes por semana	Não
Ricardo	-Circuito funcional -Surf	4 vezes por semana	Não

Quadro 3 - Atividades na praia.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Fazendo uma leitura do Quadro 3, a maioria dos entrevistados realizam diferentes atividades na praia e na maioria das vezes só um tipo de atividade. Todos os entrevistados vão para a Praia de Camburi pelo menos duas vezes por semana, salvo pela entrevistada Ramona que indicou que estava voltando a ir na praia de Camburi no verão depois de um ano, pois ela mora no município de Vila Velha. Por último, a maioria dos entrevistados atualmente não realizam atividades na academia salvo pelas entrevistadas Ramona e Julia.

Ainda que as atividades são importantes na presente pesquisa, estas mesmas não se foram apresentando com uma relevância muito grande, primeiramente porque a maioria dos entrevistados, dos frequentadores da praia, apresentaram as atividades como um meio mais que um fim. E em segundo lugar pelas limitações do tempo do campo para estudar e participar aprofundadamente das práticas.

Assim, fui repensando as atividades ao ver que muitas das classificações na literatura não se enquadraram dentro do que eu encontrei. As atividades realizadas não foram apresentadas com um fim de competição e sim como passatempo, diversão e deslocamento das atividades cotidianas, para além de questões como motivações em relação à saúde (que veremos mais adiante). Assim o entrevistado 1 responde à minha pergunta “Por que motivo você realiza longboard na praia?”:

Pelo passatempo, pelo passatempo, pelo mesmo motivo que os outros esportes, é passatempo mesmo, é pra não ficar em casa.... tempo hiperativo também, procurei uma atividade (Leo, 27 anos).

Aqui, embora Leo utilize a palavra esporte não se encaixa como um fim voltado somente para a competição, como alguns autores categorizam os esportes. Assim, as atividades foram se apresentando em razão de diferentes motivações, obrigações, relacionadas na maior parte dos casos a outros tópicos que serão descritos mais adiante no texto, como a saúde com elementos de sociabilidade.

4.2.2 PRAIA

Outro ponto importante dentro das falas dos entrevistados foi a caracterização da praia, pensada e destacada primeiramente na sua generalidade, como um local destacado para a realização de exercícios por suas características relacionadas com o fato de ser espaço aberto, ao ar livre e próximo à natureza. E em segundo plano, a Praia de Camburi como local especificamente destacado em relação a outras praias da região da Grande Vitória, sendo usada por pessoas pertencentes a outros municípios como Vila Velha e Serra. Isso se caracteriza por ter maior qualidades em relação a questões como a segurança, melhor infraestrutura e maior frequência de pessoas, principalmente. Assim, para a entrevistada 2, que vem especificamente de Vila Velha para a Praia de Camburi indica:

A melhor orla pra praticar esporte é essa daqui [...] tipo assim, pela paisagem, a visão dela é bem mais ampla, a questão da estrutura, é bem melhor do que lá (Falando de Vila Velha) [...] bem mais, entendeu? segurança é bem melhor do que lá, entendeu? por isso que a gente prefere mais em pular de cá, não só eu como minha amiga mas várias pessoas que a gente conhece vem mais pro lado de cá pra poder praticar esse tipo de esporte que lá do lado mesmo, da estrutura do local entendeu? (Ramona, 30 anos).

De um jeito similar a entrevistada 7, quem mora na localidade de Serra indica

Morei oito anos em Camburi (Jardim Camburi) e aí eu praticava esportes aqui, agora eu tô morando em Manguinhos mas eu continuo vindo pra cá fazer exercício [...] porque aqui eu gosto é bem muito próximo ao mar, e aqui como é muita reta o calçadão acho que beneficia mais para quem corre mas eu corro em Manguinhos também só que lá não tem calçadão né? então aqui fica melhor pra mim (Julia, 38 anos).

Embora a praia seja parte do espaço urbano e tenha intervenções urbanas, esta se relaciona aos conceitos de natureza, muitas vezes assinalada como uma forma de escapar da “rotina” ou do trabalho, como foi descrito por Gonçalves (2007) sobre a separação natureza-cidade. Em acordo com isso, o entrevistado 6 explica as diferentes qualidades de diferentes atividades na praia sejam atividades físicas ou não

Eu venho pra pedalar, pra dar uma caminhada, para ver o visual, dar uma nadada, pô, caminhar na areia é bom demais, e esse clima de praia é gostoso, te energiza, te dá força pra você trabalhar, pra você enfrentar o seu dia a dia, as crises familiares, o desemprego [...] o exercício, essa qualidade de vida, melhor sua, ela te dá maneiras variáveis de você viver bem a vida, entendeu? Lidar com tudo (Lucas, 51 anos).

Se bem muitos dos frequentadores indicam e destacam as características do local para todo tipo de atividades e muitos indicam como positivo ir para a praia qualquer que seja o motivo, estes entendimentos do espaço da praia e sua proximidade com a natureza estão em direta relação com o que Gonçalves (2007) trabalha na oposição de cidade-natureza, em que a cidade é visada como um lugar de lucro, produtividade e ganância desmedida. A praia como natureza seria um espaço com elementos inversos, onde prima o orgânico e corresponde a um espaço sanitário de cura.

A partir deste ponto, vou me focar de agora em diante principalmente nas motivações dos sujeitos que freqüentam o espaço de praia.

4.2.3 SAÚDE

A questão saúde é outro dos principais tópicos que atravessam a presente pesquisa, e o maior a meu ver em relação às motivações de ir para a praia para fazer atividade física. Nesse caos, todos os entrevistados que responderam sobre suas motivações mencionaram motivo de saúde. Aqui me perguntei que tipo de saúde. Para minha surpresa, encontrei diferentes relações com este termo tanto no seu sentido específico, mais estrito, como no mais amplo, mas todas em relação ao que pode ser entendido como um estado de bem-estar.

Os exercícios e a atividade física são relacionados na sua maioria como uma finalidade específica para “manter” a saúde. Há um grande pressuposto nesse entender de saúde, que como bem lembrou Da Costa (2016), é um estado de saúde que vai se perdendo, mantendo ou ganhando quase como se fosse um valor variável se a gente fica ou não sem realizar os diferentes imperativos de saúde, isto pode ser exemplificado nas falas do entrevistado 1.

Com certeza (em relação à pergunta “acha necessárias as atividades para o melhoramento da saúde) tanto melhoramento como a manutenção mesma da saúde, é essencial [...] vamos supor, se você, fica parado em casa acaba virando um sedentário atrofiando, faz mal, essa é a manutenção para se manter saudável né? [...] procurar o que gosta aí e fazer, alguma atividade (Leo, 27 anos).

Ou seja, aqui a saúde é entendida como uma característica que não é fixa, não se mantém por si só no tempo e que, pelo contrário, você vai perdendo se você não realiza certa “manutenção”. Aqui as atividades são vistas como maneiras de recuperar ou realizar essa manutenção da saúde, dependendo do esforço posto nas atividades ou no tempo dedicado. Além disso, muitos dos frequentadores assinalaram que eles sentem esta perda de saúde com o decorrer do tempo, a perda de saúde é vista praticamente como uma doença que vai mostrando diferentes sintomas, exemplo disto pode ser visto nas falas com o entrevistado 5

Eu fiquei por exemplo duas semanas fora, duas não, três no interior do estado e não fiz exercício, quando voltei de lá, foi complicado, já tava bem complicado, tava sentindo muita dor nas pernas, já sentia falta de ar, aí tive que começar aos poucos mas agora já tô normal (Carlos, 64 anos).

Assim, a saúde, ou melhor, um estado de saúde ótimo para os frequentadores vai se construindo com diferentes recursos, em que entram as atividades físicas, o tempo de adesão na atividade, se alimentar de uma forma adequada, e deixar certas práticas ou certos produtos que usualmente não estão de acordo com o que é entendido como “saudável”, como é o caso dos anabolizantes e hormônios. Desta maneira, o entrevistado 3 indica

As pessoas quanto mais elas mostram o corpo mais tentam cultivar esse corpo, a beleza física deles, entendeu? as vezes até usando anabolizante, ou hormônios [...] particularmente eu não uso e não recomendo [...] porque eu sei que vai me fazer mal, assim [...] é um bem hoje que eu **vou pagar**

caro amanhã, vai me gastar meu fígado meu estômago e tal sei lá e aí causar um câncer, logicamente que já nossa alimentação é deficitária, nos dias de hoje em geral é deficitária aí você ingere mais veneno ainda, é complicado (Andrés, 48 anos, grifo nosso).

Aqui, em relação à saúde, há dois pressupostos, um mais importante que outro. Primeiramente, Andrés entende que as pessoas por si só têm uma alimentação deficitária e isso acrescentaria na perda de saúde, ou seja, as pessoas têm que se esforçar para conseguir se alimentar de um jeito certo, de um jeito saudável. O segundo pressuposto, que a meu entender é de maior importância, é que se entende que se você não segue certas indicações para ter uma vida saudável, seja não realizando algum tipo de exercício ou consumindo produtos que fazem mal para o corpo você e seu próprio corpo vão “pagar” as consequências destas práticas “ruins”. Isto pode ser visto também nas falas do entrevistado 6. Aqui ele indica

Eu sempre falo para os meninos, malha não só pra ficar bem de corpo, malha para ter uma vida saudável, evita as drogas, evita bebida, cara que é impossível, mas evita fazer as coisas erradas, porque você lá na frente **vai ser cobrado**, não tem jeito, é cobrado tá, é caro, é um boleto que a gente fala que vem futuramente, é um boleto muito caro, então se você faz atividade física por exemplo uma coisa boa, futuramente você vai ser um cara saudável (Lucas, 51 anos, grifo nosso).

Então, tanto Andrés como Lucas têm um conceito de saúde como um conjunto de regras a seguir, regras que têm que se manter, em que há práticas entendidas como pouco ou nada saudáveis (práticas erradas) e práticas saudáveis, certas. Um pressuposto que pode ser entendido até quase como moral.

Nesse mesmo sentido de práticas erradas e regras, o Entrevistado 6 fala em relação ao uso de anabolizantes e certas práticas não-saudáveis

Cara, tem muito cara que toma anabolizantes, tomar anabolizantes não te dá, ele não te dá a resistência, ele te dá o tamanho a força, mas aquela vontade de malhar não dá, porque anabolizante incha e só inchar não é o suficiente, você tem que ter resistência, e isso não, você não consegue e tem cara que quer tudo muito rápido, amanhecer já fortão e não é assim, cê tem que malhar, tem que se dedicar é no mínimo dois anos para você pegar um corpo legal, no mínimo dois anos, então é um sacrifício tem que abrir mão, abrir mão de muitas coisas, tem que abrir mão de sair as vezes, de de acordar... de ficar na rua até mais tarde, de beber se for um cara que bebe, tem que se...problemas de saúde, tem que abrir mão de bebidas alcoólicas, o médico recomenda muito isso de saúde né? (Lucas, 51 anos).

Ainda que comece falando de como se pode obter um corpo malhado, ele explica as limitações dos anabolizantes. Assim, o entrevistado entende um corpo corretamente trabalhado como um corpo saudável, e para obtê-lo é necessário seguir fielmente os imperativos dos conselheiros modernos.

Um ponto interessante dentro das falas foi o fato de que muitos dos entrevistados indicaram sua entrada nas diferentes experiências e práticas corporais por conta de doenças, exames de saúde, taxas ou problemas de saúde de familiares. Aqui, entra principalmente a figura do médico, que como um conselheiro indica aos frequentadores fazer algum tipo de exercício para reduzir as taxas de colesterol, hipertensão ou outras doenças associadas a um estilo de vida mais sedentário. A própria entrevistada 7 indica como ela começou fazer atividades seguindo as “ordens” do seu médico

Na verdade porque o médico **mandou** mesmo [...] não porque eu queria não, foi porque o médico mandou [...] foi porque eu tenho problema de refluxo né? então uma das coisas né? Problema digestão, aí o médico pediu pra eu correr ou caminhar porque eu ia melhorar, me disse (Julia, 38 anos, grifo nosso).

Aqui pode-se notar a fala do médico mais como imperativo que como conselho, os conselhos têm um caráter mais livre, você pode segui-los ou não. Neste caso, o imperativo é claro, a entrevistada 7 não queria fazer exercício mas como o médico mandou, não tinha outra alternativa, ela tinha que fazer se ela quisesse se recuperar dos seus problemas estomacais. Assim, do mesmo jeito, a entrevistada 8 assinala:

Eu ia porque precisava até por questão de saúde porque eu estava com a pressão alta então médico **exigiu** que eu fizesse um exercício né? Porque senão ia piorar minha situação e comecei ir na academia né? (Giselle, 33 anos, grifo nosso).

Aqui, a mesma entrevistada acrescenta

Eu não tinha motivação, mas assim, eu acho que aos...repetições os exercícios né? ...não sei, não tava motivada mais..é? e como verão começou aí eu via oportunidade de vir pra praia que é muito melhor de fazer exercício [...] porque se eu ficar sedentária aí eu vou ficando estressada e vai olhando estresse com a parte que eu tenho já de de...hipertensão, né? Genético, então vai piorando minha....né? tudo né? então prefiro... e ao ar livre então é muito melhor fazer exercício (Giselle, 33 anos).

Nem todos os entrevistados mas sim alguns, num momento antes de começar realizar atividade física se viram na “obrigação” de realizar estes imperativos no que segundo Alves e Carvalho (2010) é puxado por um sentimento de culpa num nível de percepção na relação entre atividade física e saúde. Aqui todos os entrevistados relacionaram as atividades físicas com o desenvolvimento da saúde diretamente. Mas como contraponto, e não necessariamente como contradição, muitos dos entrevistados vivenciaram processos positivos em relação aos seus problemas médicos, tanto no estado de ânimo como nas melhoras gerais dos seus corpos⁵¹, assim como o entrevistado 3 explica:

Eu tenho uma espécie de apneia do sono, e onde você para de respirar quando você dorme aí você eu curei isso, durmo melhor, como melhor, vivo melhor, as taxas, eu faço exame todo o ano, coração, taxa, todo baixíssimo, não tem coração, tem nada (Andrés, 48 anos).

Dentro das melhoras corporais ou da saúde, os entrevistados indicam também certas melhoras emocionais ou mentais que trazem os exercícios e a atividade física o que no meu olhar vai além dos imperativos, os frequentadores vivenciam as contribuições que as mesmas atividades entregam, aqui a entrevistada 4 indica:

Sim, com certeza, tanto emocional né? Q físico mesmo, pra manter a forma senão vem a obesidade né? Vem a depressão, se você fica só em casa e automaticamente você se vá sentir só e começa a depressão ansiedade né? Caminhada é tudo de bom, esquece tudo (Agustina, 73 anos).

Do mesmo jeito, o entrevistado 3 acrescenta suas melhoras de saúde nas características mentais em relação ao seu trabalho e suas pressões cotidianas

Me sinto melhor, você, quando trabalho, meu trabalho é um pouco estressante, o dia inteiro com telefone, internet, se você tá, tipo assim, como trabalho com comercial o dia inteiro no computador, é um telefone fixo, é dois fixo, um celular e internet meio tal tal, e viagem de cliente, aqui não, aqui você para tira isso da sua mente, você esquece disso aí, deixa telefone em casa, trago nada, vem pra cá só pra pedalar eu sou assim de sentir a brisa do mar só, pessoal pedalando e Camburi é um lugar muito bonito, vê pessoal paquerando, pessoal no pagode, pessoal jogando capoeira, pessoal conversando, pessoal andando de skate aí, pessoal no patins, pessoal simplesmente andando então cê dá uma desligada do mundo, eu chamo higiene mental pra caramba (Andrés, 48 anos).

De um jeito similar a entrevistada 9 explica

⁵¹Estes dois fatos nas palavras dos mesmos frequentadores.

Em relação ao melhoramento da saúde...é essencial né? Eu pratico por isso, eu acho que não é só questão de saúde física também corporal né? Que cê falou de práticas corporais né? Pois eu acho que tem a ver também com saúde mental né? Qomo eu falei com você, é um momento também que eu tô aqui que eu consigo abstrair das minhas questões, enfim, tô mais voltada pra mim então eu acho que ela tem, tá diretamente relacionada com isso tanto com, tanto com a necessidade de nosso corpo né? De tar assim, se desenvolvendo e de tar em fim, tanto com nosso, com nosso mental, com nosso psico nosso, é isso (Luiza, 30 anos).

Aqui, pode-se entender os imperativos de saúde como uma característica do exercício do poder Foucaultiano sobre os corpos dos frequentadores (especificamente do poder pastoral) e do que eles entendem como sua saúde. Saúde tanto em termos específicos como em sua amplitude, além do organicista. Aqui pode-se ver as relações produtivas do poder, não simplesmente como um limitante e de maneira coercitiva, mas também de um jeito produtivo, produtor de novas subjetividades, criação de novos entendimentos tanto de seus corpos, sua saúde, se baseando nos seus desejos e sensações, o que estaria relacionado com a potência de vida e um discurso de saúde e bem-estar em que sua pouca delimitação permite aos indivíduos relacionar atividades até contraditórias ao bem-estar. Atividades ou práticas como o próprio consumo de drogas ou entorpecentes que entraram num plano pouco definido e contraditório com o fato de se sentir bem como pano de fundo.

Ainda que alguns frequentadores tenham uma ou outra preocupação pela sua saúde e desenvolvam uma ou outra prática de saúde num sentido ampliado⁵², para outros a busca por saúde ou de se manter permanentemente saudável virou um estilo de vida. Assim, o que se poderia chamar de saúde como estilo de vida é o cumprimento destes imperativos dos conselheiros modernos ou em termos de Foucault, cumprir com os desígnios do poder pastoral.

Em relação às atividades e o que foi dito anteriormente acerca das melhoras além do físico a entrevistada 9 fala

⁵²Aqui entendo sentido ampliado de saúde como uma saúde além do sentido organicista da qual fala Ortega (2008) acerca das taxas e caracteres mensuráveis, entrando num entender geral de bem-estar onde se consideram questões como saúde mental, sensações, desejos, etc. Sem entrar necessariamente no debate teórico de este conceito senão em relação ao que é falado pelos mesmos entrevistados.

As atividades geralmente são pela manhã bem cedo, ou no final da tarde assim então são horários que não atrapalham, ou a gente já acorda já faz uma atividade já tá super disposto pro dia né? Ou então depois de um dia bem agitado a gente consegue sair um pouco de nossa né? De nosso tumulto de dia a dia e relaxar, então a prática aqui na praia pra mim tem esse intuito também sabe? Não só de atividade física **senão a necessidade do meu corpo** né? Que preciso, sinto necessidade disso como também o momento em que eu desligo né? Eu desligo das minhas atividades, desligo de uma sala de ar condicionado de pessoas falando em fim, aqui eu me concentro só em isso né? Eu tô aqui na praia no ambiente e tô desenvolvendo as atividades, então pedindo pra fazer eu tô fazendo que isso é bom pro meu corpo mas ao mesmo tempo eu estou abstraído né? Aproveitando aquele espaço (Luiza, 30 anos, grifo nosso).

Aqui o destacável é como a entrevistada indica a separação entre as necessidades do seu corpo de suas necessidades de se abstrair, se desligar e também de relaxar. Como Luiza faz a diferenciação entre o que ela precisa separado do que seu corpo precisa como se fosse um elemento separado de um eu, aqui dando conta de um entender dualista entre o corpo e um eu psicológico, além deste. Isso seria parte do que indiquei como entendimentos de uma saúde ampliada, saúde além do corpo biológico organicista.

Em um sentido similar e seguindo as mensagens dos especialistas dos corpos e da saúde, o entrevistado 6 vai além de simplesmente fazer exercício ou ter alguma rotina de atividade física, cumprindo na plenitude os diferentes imperativos para, como foi dito anteriormente, realizar a manutenção da sua saúde, chamando esses cumprimentos até de necessidade de um jeito similar à entrevistada 9. O entrevistado 6 indica a necessidade de tarefas em relação à saúde que seu “próprio corpo pede”. Desse jeito explicita

Eu trabalho na empresa onde que, eu trabalho com área de mecânica, a gente pega muito peso, e é pra mim é essencial porque eu carrego ferramentas, eu sou mecânico, não tem jeito, trabalho com caixa de ferramentas e isso é uma das coisas que mais me deixa, sem aquele cansaço habitual dos dias, das outras pessoas que trabalham comigo, pessoas que tem minha idade por exemplo no meu trabalho eles não aguentam trabalhar um terço do que eu trabalho por exemplo, não fazer musculação e por não ter uma atividade física nenhuma por exemplo eu não bebo, não fumo, não sou um cara de noitadas, sou um cara mais tranquilo, então tudo isso arrecada em você uma melhoria física mental é ótimo, se eu saio daqui e pra casa dormir voltar eu posso sair daqui volto, revoltar e malhar de novo porque eu vou ter essa disposição porque isso me ajuda, o tempo me ajuda né? meu corpo tá habituado a malhar, **meu corpo ele pede isso, beber água, se alimentar bem**, eu evito comer frituras, eu evito comer frituras, tem um monte de coisas que eu faço hoje...que eu fazia

antigamente que eu não faço mais hoje como beber, não bebo mais, eu não como mais frituras, evito coisas que pesam, doces eu não bebo refrigerante não bebo há quatro anos, só suco água mineral, água de coco, e isso ajuda muito claro que nem todo mundo consegue né? mas é uma coisa minha é particular meu, pra mim ta sendo bom, que ta me ajudando na minha fase de envelhecimento que eu tou envelhecendo querendo ou não, e na minha saúde que é mais importante, tem que envelhecer com saúde né? não adianta ser, ficar aí velho todo acabado né? então é bom cêtar na saúde em dia não se tornar um cara de 30 anos acabado né? as vezes um cara de 30 anos que não consegue fazer mais nada eu acho que tô bem pra minha idade né? graças a deus (Lucas, 51 anos, grifo nosso).

Aqui o entrevistado 6 explica grande parte do seu estilo de vida saudável que para ele faz sentido e o ajuda para se desenvolver nas suas práticas diárias e em seu cotidiano como trabalhador principalmente em relação ao seu envelhecimento.

Mesmo que a saúde não seja a única razão para as pessoas irem para à praia, nessa pesquisa se apresentou como o principal motivo para as pessoas realizarem uma atividade física na Praia de Camburi. Uma necessidade de bem-estar como principal motor de suas motivações. Parece simples mas não é uma noção totalmente compartilhada e completamente fechada por parte dos entrevistados. A saúde é relacionada com este estado de bem-estar onde o que é entendido como corpo e como é entendido o corpo encontram-se no centro destes entendimentos. A noção de saúde atualmente está sujeita aos entendimentos do corpo por parte dos entrevistados, o que Foucault explica e que pode ser entendido como uma estratégia biopolítica criada na modernidade por parte das instituições relacionadas com questões higiênicas e, porque não, eugênicas. O último a analisar e que as vezes parece óbvio é como surgiu a relação de atividade física em direta relação com a saúde. Como esta relação pode ser entendida com base no mito da atividade física-saúde, como bem aponta Carvalho (1993), isto se relaciona a todo um bombardeio informacional entre elementos comerciais que conduzem a um estado de bem-estar como um ser saudável apoiado pelas tecnologias e atualmente pelas *mass media*.

4.2.4 ACADEMIA VERSUS PRAIA

Algo muito em comum que notei entrevistando os praticantes foi justamente o fato de que muitos deles encontram-se na praia por uma necessidade que vai justificada na maioria das vezes pela saúde, como foi visto no tópico passado, que se bem,

para eles poderia ser trocada por atividades de academia, a grande maioria indicou as múltiplas vantagens da praia sobre a academia, além de expressar, às vezes, sua rejeição direta contra o contexto de academia. Aqui nas falas com o entrevistado 1 perguntei o motivo pelo qual ele não faz atividade em academia, no que ele respondeu:

Não, num lugar fechado assim eu evito fazer atividade, não que evito né? Porque não me sinto a vontade, se tenho a praia aqui pra quê? Seria bom né? Pra ter preparo, sim, claro mas, é muito cara a academia aqui no bairro nem com as questões de procurar outra só com as atividades ao ar livre mesmo [...] é muito fechado a academia não é tão legal [...] prefiro as atividades ao ar livre mesmo, melhor [...] pelas sensações de estar mais perto da natureza né? Mais longe da cidade assim, do dia a dia (Leo, 27 anos).

Como foi visto, a praia é vista como um lugar mais próximo à natureza⁵³, isso resulta uma característica mencionada recorrentemente pelos entrevistados. Outro dos aspectos é a comparação academia-paga com a praia-não paga. Aqui o entrevistado 6 indica porque ele não vai mais para a academia

Hoje não faz parte mais pra mim eu não tenho não tenho mais aquele pique, rotina, eu não consigo mais essa rotina sabe por quê? Eu lembro quando eu pagava academia às vezes eu trabalhava até 10-11 horas da noite, eu não ia, aí ficava me mordendo de raiva falando porra não malhei hoje mas paguei, aqui não (na praia), você pode não pagar e pode vir sair 10 horas da noite e vir malhar eu já fiz isso, vim malhar meia noite, vem meia noite malhar tava afim de malhar vim malhar, peguei minha vem ...da empresa vim e malhei, então essa é a diferença, a rotina da academia é que te prende demais, e eu não gosto mais de rotina, eu cortei a rotina da minha vida, cada dia eu gosto de fazer uma coisa diferente, tem que mudar cê não pode ficar vida toda sempre seguindo uma norma um livro, como se fosse uma rotina diária de acordar fazer aquilo, dormir, cê se perde, tem muitas coisas pra você aprender fazer, aprender a abrir a mente pra várias coisas (Lucas, 51 anos).

O entrevistado 6 traz outros elementos na comparação de academia vs. praia, aqui indica as flexibilidades da praia em relação à academia, também faz a comparação:

Porque o horário é melhor, disponibilidade, sete horas, para oito horas, eu posso vir no horário que eu quiser, não tem disputa de aparelhos, tem vários tipos de pessoas, ambiente, o tempo, local é melhor, o ar é melhor e não precisa ficar disputando aparelho, você vem a hora que você quiser, pode vir aqui de madrugada a malhar que a barra vai tar aqui, ela não vai fugir e nem vai tá fechado, é a diferença de uma academia, que você paga também né? Cê morre no custo [...] aqui não tem custo, seu único custo é vir aqui e

⁵³Natureza entendida desde os entendimentos de espaço urbano por Gonçalves (2007).

tomar conta do equipamento, cê preservar do equipamento que é a melhor coisa que tem, a gente cuida dos aparelhos aqui (Lucas, 51 anos).

Assim o entrevistado 6 acrescenta o fato da praia ser um lugar liberado, aberto, um lugar que não fecha mas também um lugar onde você não tem que pagar para fazer uso dos equipamentos. Este é um motivo recorrente nas pessoas que tentam começar fazer uso da academia e pagam os primeiros meses, mas que terminam não indo como é o caso do entrevistado 3 e da entrevistada 4

Eu precisava de uma resistência aeróbica entendeu? E como eu não tinha tempo em meio de semana, aí eu comecei a, eu não gosto muito de correr não gosto de academia [...] entrava na academia pagava mensalidade, ia um dia por mês abandonei comecei pedalar e pedal apaixonei até hoje (Andres, 48 anos).

Atualmente não estou em academia particular não, [...] é porque eu tenho viajado muito, e aí a gente começa de repente falta um mês inteiro né? Aí não vale muito a pena ficar pagando porque faltou muito (Agustina, 73 anos).

Aqui o entrevistado 3 indica pessoalmente porque não gosta da academia depois de ser perguntado se ele realiza atividade numa academia

Não, academia eu não consigo ficar parado tipo assim, já ficou parado o dia inteiro e tal tal, então a academia [...] respeito quem gosta mas eu particularmente me sinto meio enclausurado e eu não consigo ver, eu gosto ver, eu gosto de sentir ar, sentir brisa, entendeu? Ver o mundo correr e academia é uma coisa muito estática e pra mim dá tédio (Andrés, 48 anos).

Em outro caso, a entrevistada 9 indica seu afastamento de Vitória e do contexto de praia ao ir morar no interior por conta do trabalho. Ela teve uma experiência em que freqüentou uma academia, como indica

Eu acho assim eu tive uma experiência com academia o ano passado... que foi boa, né? Eu gostei muito da academia de Alegre e tal, os professores e educadores físicos muito dedicados foi muito bacana, foi o que eu precisava no momento mas eu acho muito melhor ao ar livre não sei primeiro que eu já gosto já é uma praia, né? Então pra mim esse clima é muito gostoso, esse vento enfim, é muito mais agradável do que você tá numa sala fechada com som alto e ar condicionado eu, eu tenho essa percepção né? Eu acho que é muito melhor assim esse contato, gosto muito de pé no chão também então eu gosto muito desse contato particularmente na areia dos esportes na areia que eu gosto de jogar descalça em fim, gosto desse contato com areia mesmo, e os horários são também super agradáveis né? (Luiza, 30 anos).

Além disso, acrescenta elementos em relação às práticas coletivas que na academia não se encontram

Eu acho que academia é mais individualista, as pessoas vão fazer lá porque os aparelhos são individuais, né? Então quando você depende de alguém por exemplo, você depende do seu educador físico para estar te orientando né? No profissional especializado para tá orientando, mas aqui se você observar, olha as práticas são coletivas os treinos são coletivos então eu não tenho como pegar uma bola e sair jogando sozinha dependo do outro também. né? [...] Tem atividades que são desenvolvidas na academia, por exemplo na academia lá que eu fiz, tinha aula de dança, circuitos, essas coisas assim que você consegue até ter uma certa interação com outras pessoas mas mesmo assim é individual né? Cê tá num espaço coletivo mas você tá fazendo as suas atividades individualmente, acho que isso é um diferencial das práticas daqui, né? Do vôlei, do futebol, do futevôlei, aí cê joga em equipe, né? Então você precisa tá socializando com outras pessoas pra poder conseguir desenvolver o seu trabalho (Luiza, 30 anos).

Aqui Luiza indica elementos de sociabilidade que no seu modo de ver são superiores nas atividades coletivas da praia. Ela entende que a praia é um lugar sem tanto individualismo. Ela, como praticante de futevôlei, realiza a maioria das suas atividades de forma coletiva, o que é um elemento muito mais prazeroso pelo fato da interação com outras pessoas, à diferença da academia onde a maioria das atividades possuem um caráter individualista.

Acho importante também entender os olhares das entrevistadas Julia e Ramona, que são as únicas que realizam atividades em academia. Ramona indica sua opinião na diferenciação entre praia e academia

Cê fala de questão de praia, eu nunca, nunca fiz, funcional em praia mas eu acho bem interessante, que já, na academia é essa coisa monótona é, todos os dias as mesmas pessoas, já se...aberto já vem pessoas diferentes já se anima mais entendeu? Eu acredito que é bem legal (Ramona, 30 anos).

Ainda quando ela vai para academia, considera as atividades monótonas. Foi assim que com um grupo de academia decidiram atuar em outros espaços, como a praia

Não é nada definitivo, é mais pelo verão que a gente resolve andar, deve ter mais ou menos uns três anos (Ramona, 30 anos).

Devido a um grupo nosso da academia [...] aí nos juntamos e viemos, uns vinham de patins outros vinham com long, skate, não tem? Aí se reuniram e deu nisso aí (Ramona, 30 anos).

Por outro lado, tentando entender as motivações da entrevistada Julia, ela indicou

Eu faço academia que em nosso condomínio tem academia com todos os aparelhos, então eu faço academia lá (Julia, 38 anos).

Aqui na praia tem dois anos que eu corro e na academia tem um ano, porque tem um ano que tô morando lá (Julia, 38 anos).

Ela indica que começou fazendo atividades na praia e que agora, por conta de seu condomínio possuir uma academia, ela resolveu ir. Ela indica sua diferenciação entre academia e praia em relação às atividades que ela desempenha

Aqui na praia eu faço mais exercício aeróbico né? Que é corrida ou caminhada e na academia eu faço musculação porque aqui na praia não tem como eu fazer, fazer musculação aqui na praia então é, são tipos de atividades diferentes, aí eu faço na academia a reforço muscular e na praia eu faço a parte aeróbica que é da corrida (Julia, 38 anos).

Mas perguntando especificamente para ela qual dos dois espaços ela prefere, aqui ela indica

Ai a praia é bem melhor, a gente vê pessoas, a gente tem o vento, tem o mar, então anima a gente muito mais, tem mais pessoas também né? Eu prefiro mais do que fora que dentro da academia (Julia, 38 anos).

Outro ponto no meu interesse foi acerca das atividades pagas na praia, pois estas representam uma outra opção em que se enquadram as diferentes escolinhas (beach soccer, futevôlei e voleibol) além dos circuitos funcionais e centros de treinamento onde se destaca principalmente a participação de profissionais da área da Educação Física. A entrevistada 8 saiu da academia para ir para praia, onde ela começou fazer circuito funcional. Perguntada se o custo-benefício é melhor, ela indica

Olha, não assim, porque aqui que eu faço três vezes na semana, e na academia eram seis dias de segunda a sábado, às vezes até no domingo tinha, só que eu acabava não indo, então pra mim é que com esses três dias eu aproveito muito mais, no final das contas acho que vai equiparar o valor, porque são três vezes na semana só mas pra mim os benefício foi...foi melhor (Giselle, 33 anos).

Aqui, acrescentando as razões de fazer circuito

A gente veio por indicação aí minha irmã começou fazer com ele o ano passado e ele o custo, né? O valor é menor...né, Drissella? (A irmã dela a qual estava presente na entrevista). ele fez um desconto e tal, que tinha outra amiga também que fazia e ela também tem essa experiência de fazer lá na frente, lá perto de casa mas ela não gostou, e ele a gente se identificou mais (Giselle, 33 anos).

Giselle já pagava pela academia, e a irmã dela recomendou para fazer um circuito funcional em específico. Ao irem juntas receberam um desconto, além de se sentirem mais identificadas que em outros circuitos, mesmo que estes estejam mais perto da casa dela em Jardim Camburi. De maneira similar, o entrevistado 10, que também pagava por academia indica

Aí eu comecei porque eu fazia musculação era um pouco entediante e eu fiz, eu faço para me preparar para ter um desempenho melhor no esporte que eu gosto de fazer que é o surf (Ricardo, 51 anos).

Eu sempre fiz academia vida toda, só que na academia já fazia um trabalho de resistência né? Fazia um trabalho similar ao funcional mas não era igual ao funcional, mas fazia um trabalho de resistência voltado voltado pro surf, só que aí era meio entediante e aí minha esposa queria fazer uma coisa meia diferente aí fizemos uma aula experimental no funcional, nós dois gostamos aí fazemos cada um um trabalho específico (Ricardo, 51 anos).

Ricardo também estava acostumado a pagar por academia, ainda que tenha freqüentado durante mais de 30 anos, ele sente as atividades como entediantes. Trocou as atividades de academia por circuitos na praia, onde também tem a companhia de sua esposa.

Assim, a academia, no olhar dos entrevistados, é caracterizada como um lugar fechado, monótono, entediante, onde alguns não se sentem à vontade, é estritamente pago e é individualista demais. A praia não só se apresenta como um meio onde as pessoas podem suprir a academia para realizar suas atividades em relação somente ao desenvolvimento de sua saúde, mas também apresenta elementos próprios de diversão, lazer, desestresse, deslocamento, além de ter opções de atividades, sejam estas pagas ou não. Aqui também podemos enquadrar a praia como uma multiplicidade de opções de consumo para a realização de

atividades, tenham elas o fim que seja, com diferentes características como práticas individuais, coletivas, com instrutor, sem instrutor, o que pode ser mais fácil para as pessoas escolherem alguma atividade específica.

4.2.5 SOCIABILIDADE

Outro tópico importante a se destacar na presente pesquisa foi a sociabilidade que se encontra nas diferentes práticas e atividades realizadas na praia. Este tópico de análise, especialmente, foi se dando pouco a pouco. As primeiras semanas de inserção no campo não fui capaz de aprofundá-lo por causa do meu enfoque nas práticas e as atividades mais que nas relações sociais em si. Então comecei a levar em conta sobretudo as pessoas que realizam caminhada ou corrida junto com outras pessoas. Notei muitos casais trotando ou fazendo caminhada pela calçada, pessoas de diferentes idades, pessoas idosas e jovens. Este fato foi o primeiro que começou a me desvendar que inclusive em horas de alta frequência e de diferentes atividades físicas a praia não se fecha para a sociabilidade em razão de um simples utilitarismo, o que me fez repensar a “produtividade fechada”⁵⁴ que achei que encontraria por conta da literatura revisada, em que muitas vezes se explicam as relações das práticas com base na própria prática e não em um caráter centrado no sujeito da relação. Essa sociabilidade foi muito mais clara na hora de falar com os participantes por conta deles indicá-la como uma motivação a se destacar da praia, não somente com amigos mas também como uma capacidade de interagir e socializar com outras novas pessoas, gerar novas redes e novas amizades.

A modo de exercício, elaborei um quadro de atividades em relação à sociabilidade que as pessoas apresentam, se eles realizam atividades com alguém e se realizam com quem realizam.

Frequentedor	Atividades com pessoas	Com quem faz atividades
Leo	Às vezes, depende da	Amigos

⁵⁴Aqui entendo esta “produtividade fechada” como atividades em ordem de um utilitarismo sem dar tempo para outros espaços de sociabilidade.

	atividade	
Ramona	As vezes	Amigas
Andrés	Nunca	-
Agustina	Nunca	-
Carlos	As vezes	Filha, sobrinhos
Lucas	Nunca	-
Julia	Sempre	Esposo
Giselle	Sempre	Irmã
Luiza	Nunca	-
Ricardo	Depende da atividade	Esposa

Quadro 4 - Atividades com pessoas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Realizando uma leitura do quadro 4, atividades com pessoas, as pessoas não têm uma conduta clara em relação a realizar atividades sozinhos ou com algum acompanhante. Fazendo uma leitura superficial, os frequentadores mais jovens realizam atividades com acompanhantes como amigos, enquanto o resto pode escolher ir na praia com familiares. Se bem para alguns frequentadores, a praia é um escape da rotina, eles gostam de presença das pessoas ainda quando freqüentem a praia sozinhos.

Entrando nas falas são diversos os casos, o entrevistado 6 indica

Eu gosto de vir sozinho [...] sozinho em casa, aqui todo mundo é amigo, é uma sociedade, aqui é uma sociedade, a gente tem um grupo no instagram, no face, no celular tem um grupo (Lucas, 51 anos).

Assim, Lucas indica como ele, vindo sozinho para a praia, se sente como se fosse em sua casa, com as pessoas que ele conhece. Ele destaca também como os jovens ajudaram para ele nas atividades de calistenia, que agora está acostumado a realizar. Lucas esclarece como aprendeu desenvolver certas atividades com os jovens que frequentam com ele as barras localizadas à altura de Jardim Camburi. Lucas acrescenta

Terminar todos os dias fazer uma coisa diferente, e tem ajuda desses meninos né? Que vem a rapaziada aí que sempre te dão um apoio, te dão uma coisa nova, tô sempre agregando a rapaziada mais jovem elas tem coisas mais novas, veem muita internet e elas agregam pra mim que tô mais velho, eu por exemplo não tenho costume de internet, eles tem, tem espaço para mim até exercício novo que é bom pra isso, e aprendi muito, tenho músculos que hoje eu tenho que eu não tive a vida toda malhando em academia, porque eu não consegui trabalhar ele e aqui eu consigo trabalhar ele porque eu aprendi com a rapaziada (Lucas, 51 anos).

O entrevistado 6 acrescenta as diferenças do contexto social da praia com as academias em relação às pessoas frequentadoras de uma com a outra.

Tudo mundo se fala, todo mundo é amigo, cê pode ver aqui todo mundo é amigo, todo mundo se fala, é melhor do que academia, a academia dá muita gente que não se fala, muito metido, o pessoal é metido cada um tem sua vida em particular, tem seu horário, pressa, aqui não, aqui a gente tem tempo pra tudo, pra pensar, brincar, contar piada, malhar junto, ajudar o outro, aqui acho mais legal nisso, aqui é mais sociável, é mais sociável (Lucas, 51 anos).

Lucas indica que a academia é procurada muito mais por conta de uma funcionalidade, pelos horários e pela pressa que para ele as pessoas de academia têm. Indicando também que na praia as pessoas são mais abertas na hora de socializar.

O entrevistado 1 por sua parte indica que as atividades na praia são uma boa opção para se reunir com os amigos

Passatempo, diversão, muita diversão, com amigos também é melhor coisa, sentir só você e seus amigos na praia fazendo um surf, é a melhor coisa (Leo, 27 anos).

O entrevistado 3 indica o social como um das principais motivações para ir na praia, depois da saúde. Aqui ele indica

Principalmente por saúde, social mesmo, a pessoa gosta de juntar turma vem pra cá, é uma maneira de ficar mais social entendeu? então você sai da empresa e vai pra casa e ver televisão internet mais computador mais telefone você acaba ficando nesse círculo vicioso você fica como se fala tele...televiciado, em computador, em internet, em telefone, entendeu? e as pessoas não param de pensar não param de absorver a vida mesmo, ver a vida, entendeu? tras de uma tela (Andrés, 51 anos).

A entrevistada 8 costuma ir à praia para realizar um circuito funcional junto com sua irmã. Perguntei a ela se iria aos circuitos sozinha, ela respondeu

Não, viria também, viria sozinha, eee acho bem melhor socializar aqui na praia do que na academia [...] não sei, acho que é o clima né? Estar na praia o ar livre, mais agradável [...] o ar, o mesmo mar aqui (Giselle, 33 anos).

Aqui, Giselle vê a praia como um lugar de socialização, pelos menos melhor em relação à academia pelas características que a praia tem, ao ar livre. Um ponto interessante dentro desta sociabilidade é como ainda quando os indivíduos procuram se deslocar do seu cotidiano, estão relativamente abertos para diferentes relações que podem se dar no espaço de praia. Aqui destaco principalmente certa resistência às entrevistas por parte dos frequentadores de serviços pagos na praia, muitas vezes em função de um utilitarismo do tempo em relação à prática. Na hora de perguntar para algumas pessoas se podiam realizar a entrevista indicaram falta de tempo. Aqui como estratégia me propus falar com os professores dos circuito funcional para conseguir alguém entre os alunos para responder a entrevista.

Assim a sociabilidade se apresenta como um ponto a favor dentro do espaço da praia, tanto como local em si como em sua oposição em relação à academia. Há certas pessoas no meu ponto de vista que mantêm certo utilitarismo do tempo em seu individualismo, ainda quando realizem atividades de caráter coletivo. Esta característica resulta um ponto importante na hora de escolher que atividade realizar.

4.2.6 ESTÉTICA

Outro tópico importante que foi descrito pelos diferentes entrevistados foi a questão estética das atividades e práticas corporais. Embora possa parecer há uma rejeição por parte dos entrevistados a fazer atividades com uma motivação e um fim estético, muitos deles não negam o fato⁵⁵ de que tanto na praia como na academia têm pessoas que realizam atividades com um fim marcado por uma estética específica

⁵⁵Isto é em grande parte como uma percepção por parte de alguns dos entrevistados.

como a descrita no capítulo passado da presente pesquisa. Este tópico pode ser bem controverso, sobretudo pelas mesmas apreciações dos entrevistados, há entendimentos de estética, beleza e corpo em falas carregadas de discursos com juízos de valor, em que é difícil não aderir a um discurso em específico.

Se bem que nenhum dos entrevistados mencionou que realiza atividade física por conta de uma necessidade estética (e é difícil esperar encontrar isso pelos juízos de valor que se têm relacionados) e como foi dito, pelo contrário, muitos rejeitam estes interesses. Aqui uma das minhas maiores interrogantes foi lidar por um lado com a rejeição por parte dos entrevistados do que poderia ser dito como uma “finalidade estética” da atividade física, questionando se de fato eles falaram a verdade e se eles realmente fazem as atividades com uma finalidade na saúde. Mas vou trabalhar mais com o que foi dito pelos entrevistados, mais do que pelo não dito, sem necessariamente entrar nas mudanças de opinião ou contradições que possam apresentar.

Assim, ao perguntar muitas vezes pelos interesses pessoais de realizar práticas, todos os entrevistados falaram da importância da saúde acima dos interesses estéticos, como é o caso do entrevistado 6

A estética é normal, porque é uma consequência do que você faz, mas eu hoje eu pra mim não malho pra minha estética, eu malho pra minha saúde [...] a minha saúde é mais importante, tem uma certa idade, então não é mais isso, já passei quando tinha 20 e poucos anos, po me olhava no espelho e a gente se achava o máximo, mas hoje não, hoje me olho no espelho e vejo um cara saudável de 50 anos, pô, isso que é legal (Lucas, 51 anos).

Assim, Lucas indica que ele não está interessado agora em ser uma pessoa com um corpo, com uma estética que pode ser entendida como específica das *mass media*. Ele indica que está muito mais interessado em sua saúde. Porém, ele vê a estética como algo “inevitável”. Aqui continua

Então pra mim a estética é normal, tem que ter estética, não tem como se não malhar e não ficar bem, é muito difícil é comum cê ver uma mulher que malha ela vai querer mostrar, é normal (Lucas, 51 anos).

Então embora Lucas, tenha seu interesse na saúde, na idade dele não acha estranho que os jovens, principalmente, tenham um interesse pela estética. Aqui a entrevistada 4 também relaciona aos jovens a uma cultura específica de corpo, onde se prioriza e se valoriza mostrar e exibir

Os jovens gostam muito de academia, porque tem um culto ao físico, tem se valorizado muito o físico né? Então os jovens são muito apegados a isso né? Supervalorizando e também acho que é um pouco de exibição gostam de se mostrar ahaha, né? Turminha fica se exibindo muito acho na academia (Agustina, 73 anos).

Aqui Agustina indica especificamente que na academia as pessoas gostam de se exibir. A entrevistada 2 aponta motivações estéticas que surgem durante o verão

Você vê que nesse período de pré-carnaval pessoal tá todo fissurado, é corrida, é dieta, ninguém se preocupa no [...] no ano tudo se preocupa com isso, questão de alimentação de atividade física, é só a maioria isso aí nessas datas, então seriam mais estéticas (Ramona, 30 anos).

Aqui Ramona acusa que há pessoas estão muito interessados nas questões estéticas já que segundo ela vê um aumento de pessoas fazendo todo tipo de atividades na praia na época de verão e sobretudo no período pré-carnaval.

Alguns dos entrevistados falam também de estéticas ou corpos específicos, como se cada atividade outorgasse um corpo com características específicas próprias para a atividade em questão. A entrevistada 9 indica sua percepção acerca das atividades, a estética e os padrões impostos pela sociedade

Você por exemplo inicia uma prática uma atividade física em busca da saúde digamos assim né? Ninguém nasce sarada né? A gente vai pra uma prática em sim, queria, eu gosto e tem essa questão do padrão da beleza da estética que é imposto na nossa sociedade então tem um padrão do corpo perfeito que é aquela barriga sarada aquela coxa sarada né? Enfim, o que se coloca como deve ser e aí eu acho que eu não sei, aqui não vejo tanto entende? Nessas atividades assim eu não vejo tanto esse, é claro que a gente admira a uma pessoa que joga há bastante tempo a gente vê no corpo dela o resultado dessa prática mas não é que numa academia por exemplo em que as pessoas estão o tempo todo lá no espelho né? Olhando desenvolvimento da atividade vendo se aquilo trouxe alguma transformação e algum resultado, que é o que se espera que se tenha na academia que é busca por essa estética, esse padrão de beleza que é imposto na academia, isso me desconforta um pouco, também algumas atividades assim coletivas são desenvolvidas na academia, eu gosto muito que eles falam que são aeróbicas, mas atividades com aparelhos que você fica puxa peso, malha coxa, levanta coisa de bumbum eu não gosto muito disso, eu

acho o que a busca é isso, esse padrão de be...de corpo né? Que você tá buscando [...] é uma rotina sacrificada que você vai né? Cê cada vez mais passando seu limite né? Chegamos seu limite passando para adquirir que é desejada num corpo que é desejada, aqui naturalmente você adquirindo um corpo que é moldada pelo esporte, se a gente joga aqui na areia por exemplo um futebol naturalmente a coxa vai ficar mais definida né? O bumbum vai ficando mais definido um pouco menos os braços mas ainda assim fica, né? Diferente de academia que você fazer uma atividade direcionada para ficar com braço em caso dos homens sarados e tal (Luiza, 30 anos).

Pode-se observar que para Luiza embora exista esse padrão de beleza próprio das academias, existe por sua vez um corpo específico “modelado” pelo esporte que daria conta de outro tipo de estética. Este corpo modelado pelo esporte é visto de uma maneira diferente que o corpo meramente trabalhado numa academia, o que para Luiza resulta mais admirável.

Com um entendimento de corpo similar o entrevistado 1 indica como o slackline pode ser uma prática sem a necessidade de um corpo específico

Não, não tem. não tem nada formado assim porque é um esporte novo, eu já tive colega de lá de Vila Velha que que ele era bem acima do peso e ele anda super bem manda mesmo as manobras de tudo mundo de todos os atletas aqui no estado mandam e não tem muito isso não tem muito a estética certa pra fazer slackline esse nem um pouco cerca padrão (Leo, 27 anos).

Aqui, o entrevistado 1 rejeita o entendimento de um padrão estético geral para a pratica do slackline, esta pode ser relacionado também com o que falou a entrevistada 9 acerca do padrão de beleza, assim como a fala de Leo poderia entender que o peso seria um desabilitante para algumas outras práticas e que não seria tanto problema na prática do slackline.

Como foi dito, os diferentes entrevistados rejeitam em sua maioria as relações entre as atividades e os padrões de beleza, não ligando ou não tendo interesses nessas questões e assim relacionam os “fins estéticos” das atividades com qualidades como vaidade, superficialidade e ego. O entrevistado 4 indica os exageros das atividades

O exagero é geralmente porque quer ficar com a bundinha meia empinada faz...fica ali se batendo horas e horas por causa de... né? Pra ter a coxa mais grossa um pouquinho, sei lá, esses exageros assim que eu acho absurdo né? Porque que o exercício é importante não resta dúvida, agora tem que ter o cuidado pra não ficar só na academia o dia inteiro né? Tem

tantas outras coisas interessantes para fazer na vida né? Ler, ouvir músicas né? Tem gente que fica aí quatro horas cinco horas por dia numa academia (Agustina, 73 anos).

Aqui Agustina acusa os interesses de trabalhar e exaltar certas partes específicas do corpo que entram em concordância com os padrões de beleza. O entrevistado 6 fala das suas experiências pessoais com a valorização de um corpo específico

Anteriormente era só ser um corpo pra mostrar esteticamente, pra você chegar num lugar e chamar a atenção, eu tinha isso, eu chegava num lugar e gostava que tudo mundo olhasse para mim, que isso encheu meu ego, valorizava meu ser, mas na verdade era um vazio imenso, era só uma coisa minha eu...eu chegava em casa e não tinha nada mas aquilo ali é uma coisa que você quer no momento da época da vida, que achar que ter um corpo você é o cara, chegar num lugar todo mundo te elogia, fala mal fala bem mas fala de você, era aquilo que eu queria, hoje não ligo pra isso, fala mal de mim ou fala bem, não me importa, importa que eu esteja bem, a minha mente mudou pra isso, hoje eu preocupo comigo com que outros falam eu não me preocupou mais não tenho mais essa cabeça pra isso, eu tenho mais outras coisas para mim me preocupar do que essas, meu trabalho minha vida, minha família, outras coisas que me agregam muito mais valor, e deus, que acima de tudo é deus, eu sou muito espiritualizado né? Cara, acho que sem Deus a gente não é nada, não é nada que você não queira na vida que se deus não permitir, tem pessoas que não tem uma espiritualidade na vida elas não tem nada, mas diante desses um corpo bonito isso não te traz nada, isso é o melhor, né? Beleza (Lucas, 51 anos).

Pessoalmente acho este trecho um dos mais interessantes da pesquisa, com uma abertura destacável e de caráter pessoal por parte do entrevistado. O entrevistado indica abertamente seu antigo interesse em ser o centro dos olhares através de uma estética específica, como esta acrescentava o ego dele e como isto não deixou finalmente, na perspectiva do entrevistado, algo muito positivo. Pelo contrário, representou uma sensação de sensações vaidosas e vazias sendo o centro de atenção.

O entrevistado 1 tem sua própria opinião das atividades em relação à estética e à saúde.

As pessoas estão lá mais procurando um corpo mesmo não, claro que tem aquelas que estão lá por saúde também, mas, pensando na sua saúde, mas a grande maioria com certeza está mais voltada no corpo alguns até recorrem a coisas né? Que fazem mal pro nosso organismo é...pra ter um corpo vamos dizer assim mais do padrão da sociedade [...] hormônios é disso, tem muita gente que recorrem essas coisas inclusive até muitos estudantes de educação física, eu vejo, é comum, é engraçado você vê pessoas que estuda saúde fazendo mal à própria saúde assim, sabendo

que está fazendo, tem gente que prioriza muito a estética e como se fosse a coisa mais importante da vida mais não é, né? (Leo, 27 anos).

Para o entrevistado está claro que existe um corpo padrão que é aceito pela maioria da sociedade, que existe uma busca deste corpo por diferentes pessoas e que muitas destas saem do que ele considera como saudável. De acordo com seus entendimentos, a saúde tem um valor maior que a própria estética, o que ele confirma dizendo.

Os entrevistados relacionam a estética a uma beleza padrão específica, um corpo representado pelas atividades de academia ou ao menos assim expressam na fala. É um corpo específico que a meu ver está geralmente relacionado a questões da alta modernidade como o consumo, individualismo e desejos mais que nos entendimentos biopolíticas. Aqui é claro que há entendimentos convergentes em relação a como o corpo é concebido em relação à alta modernidade e à modernidade clássica⁵⁶. Se bem há uma estreita linha entre o que pode ser entendido como uma atividade de saúde ou uma atividade relacionada com as motivações de trabalhar com base nos padrões estéticos de beleza das mídias, não há simplesmente elementos em comum mas também elementos ambivalentes.

4.2.7 RESISTÊNCIAS OU AMBIVALÊNCIAS?

Depois das entrevistas e certas análises, voltar ler certos autores ajuda na hora de entender os processos de produção corporal e motivações que podem acontecer no fundo destas práticas e do contexto da cultura de consumo ocidental. Se bem muitos dos frequentadores da praia em geral, entrevistados e não entrevistados, podem afirmar não realizar atividades de praia com fins estéticos, há uma produção corporal específica, uma estética não delimitada, e diluída em entendimentos contraditórios de saúde, beleza, dietas, e conhecimento médico ou científico aleatório.

Como foi dito por Ortega (2008), encontrei definições, técnicas ou não, sujeitas a caracteres mensuráveis, a linguagem médico-fisicalista em relação às taxas de

⁵⁶Ou modernidade sólida em palavras de Bauman.

colesterol, à pressão arterial, taxas de gordura corporal, glicemia, etc, que para os entrevistados são a prova confiável e científica de suas melhoras de saúde. Este tipo de melhoras descritas e as falas de alguns entrevistados me lembraram as reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade através do corpo por Silva

A gestão do desejo no interior do consumismo que o mercado cria esta ambigualmente vinculada ao ideal cultivado de um ser perfeito, que é permanentemente exigido dos indivíduos; ambíguo porque se deve consumir tudo e, ao mesmo tempo, manter uma postura de controle e autodeterminação, inclusive para se obter o “corpo ideal”, como denominado por essa autora (Bordo). Todas as atitudes que se esperam dos indivíduos na transformação das suas dimensões corporais - a dieta, o exercício intenso, a capacidade de suportar a dor e a exaustão - são cobranças de comportamentos que demonstrem a capacidade de autodeterminação e força de vontade, metáforas culturais de uma expectativa normalizante de corpo e comportamento que reforça, a heteronomia pela dependência do Outro (SILVA, 2001. p. 59).

Mas não é a única visão de corpo e saúde que os entrevistados têm. Muitos deles indicam que a realização de atividades físicas na praia traz para eles uma saúde que não somente se expressa nestes caracteres mensuráveis mas também em sensações positivas que podem ser observadas na vinculação de um ideal cultivado, de um ser perfeito ou de uma maneira certa de agir com a própria saúde.

O exercício que trabalha entre um imperativo e um desejo, a atividade como um mal necessário, uma rotina que pode ser “entediante”, mas que encontrando uma maneira escapa da necessidade e obtém um caráter prazeroso. Aqui é onde entram as diferentes formas de consumo e opções dentro da alta modernidade que permitem aos indivíduos desenvolver singularidades como os gostos.

Voltando o foco aos entendimentos dos frequentadores, notei que uma das principais limitações acerca dos estudos dos corpos é justamente a apropriação de parte dos frequentadores do conceito de corpo. A apropriação e uso deste conceito não é sempre clara, já dependem dos diferentes conhecimentos que os frequentadores tenham desde o senso comum ou entendimentos mais específicos de saúde, biologia, religião, etc. O corpo em si é visto como uma multiplicidade fora dos entendimentos desde um olhar foucaultiano de produção corporal. A maioria das falas dos entrevistados dão conta de um corpo biológico, de um entender de um

corpo entidade, e do que Sacchi e Saliba (2015) falam da separação entre a concha organicista externa de um eu psicológico interno.

Assim, o corpo em geral tem sido visto pelos entrevistados como um objeto, o lugar onde se guarda o eu psicológico interno, um eu interno que também dá conta do que pode ser entendido como o soma e a psique próprias da antiga Grécia. A separação da alma, do espírito, da consciência ou da mente é presente hoje. A entrevistada 9 indica

Acho que as pessoas tem um corpo, eu não sou meu corpo, eu utilizo meu corpo para poder desenvolver as minhas atividades, né? Meu corpo é uma ferramenta minha certo? De trabalho de socialização enfim, do que for necessário do que... eu, né? Busco desenvolver aqui não sei não sei com que que você vai lidar, né? Nessa pesquisa, né? Se é com questão de concepção religiosa ou com questão de..enfim, mais antropológica não sei qual é a sua finalidade, mas pensando até mesmo na questão religiosa muitos muitas religiões tem essa ideia, né? De que a gente vem com um corpo pra que seja possível viável desenvolver uma atividade aqui na terra, certo? Seja um trabalho em fim o que for, eu acredito nisso, não necessariamente nessa concepção religiosa mas bate, né? Então pensando no físico também porque há todo um contexto né? É físico é mental é então eu não tenho, meu corpo não tem autonomia, preciso de várias, como que eu posso, engrenagens trabalhando juntos, né? [...] Eu preciso de tudo trabalhando, por exemplo, pensando nessa questão da atividade física a gente pensa muito no desenvolvimento dos músculos por exemplo, entendeu? Mas meu corpo não são só músculos, né? Eu preciso que meu cérebro, né? Mande os sinais certos que todo meu corpo funcione em harmonia, então preciso que todos os meus órgãos trabalhem em harmonia, certo? Então não é só pensando em atividades físicas, assim só na questão muscular... (Luiza, 30 anos).

Aqui o corpo é visto como uma ferramenta que não tem autonomia própria senão que através da mente, e a mente, assim como a consciência, é entendida para além do cérebro. São espaços que podem ser entendidos como metafísicos, como indica literalmente o entrevistado 10

O corpo não tem consciência, né? Quem comanda o corpo é sua consciência, sua consciência não é corporal, né? Sua consciência é metafísica, né? A sua metafísica quem manda a sua física, comanda do seu cérebro aqui, aqui diz o que você vai fazer comanda sua atividade a sua, quando seu corpo tá em declínio, né? A sua mente ainda continua em atividade, então a mente é mais importante do que o corpo (Ricardo, 51 anos).

De um jeito similar o entrevistado 3 indica

Ela é uma parte de sua cabeça, como é um braço, meu corpo em geral é parte da minha cabeça, mas o mestre é minha cabeça o centro é minha cabeça, não vai ser meu corpo que vai ditar a minha cabeça quem sou, a minha personalidade [...] eu tenho um corpo e ele faz parte da minha cabeça entendeu? Não é que minha cabeça faz parte do meu corpo (Andrés, 51 anos).

Estes entendimentos de corpo repositório tem ajudado para configurar não somente a ciência, senão também toda uma área de consumo que tem por trás mensagens repetitivas da medicina: Cuida do teu corpo. Aqui, embora estes entrevistados falem da prioridade da mente sobre o corpo, eles têm esses pressupostos de saúde e corpo na hora de fazer atividades na praia.

Por outro lado, a entrevistada 7 lembra dos padrões sociais e como o corpo se encontra num plano controverso

Eu acho que elas têm um corpo [...] porque no caso assim, as pessoas elas gostam muito mostrar o que elas tem, né? Então muita gente malha porque querem um corpo bonito, não um corpo saudável, então é assim é como se a gente vivesse num país que rotula o corpo que você tem, você vê um corpo bonito um corpo escultural, tem aquele padrão que você quer seguir, então tipo assim, nosso país ele é praticamente, ele rótulo isso, né? Você tem que ter esse tipo de corpo, então muita gente que não consegue só emagrecer, eles tentam fazer isso na academia, na na área no circuito, então acho que é mais estética mesmo, a pessoa é um corpo (Julia, 38 anos).

Embora Julia termine indicando que a pessoa é um corpo, não nega nesta frase o dualismo cartesiano nem o eu psicológico interno. Quando ela indica que a pessoa é um corpo indica que as pessoas seguem os padrões estéticos dos *mass média* e os padrões de beleza ocidentais realizado atividades em academia. Para Julia, tentar seguir os padrões estéticos dos *mass media* indicaria que a pessoa dá prioridade ao seu corpo no aspecto estético acima da saúde. Assim, a própria existência desta pessoa se encontra definida pela estética do corpo, havendo uma desvalorização moral neste fato. Para Julia, estas pessoas priorizam o corpo em relação à mente.

Por outro lado, a entrevistada 4 relaciona diretamente sua visão de ter ou ser um corpo a uma perspectiva cristã, aqui ela fala

As pessoas tem um corpo que deve ser valorizado, né? Eu disse que Deus nos criou para ser felizes e dentro de cada um existe um Deus, né? Deus habita em cada um de nós, e esse corpo tem que ser valorizado, né? Não

ser destruído com drogas, com exce...nem o excesso nem de nada, então a vida é importante e temos que cuidar desse corpo que deus nos deu e ser agradecidos por sermos perfeitos principalmente (Agustina, 73 anos).

Embora Agustina tenha uma perspectiva religiosa, há um solapamento em relação aos entendimentos modernos de corpo, em que o organismo é visto como um depositário. Estes entendimentos, segundo Silva (2001), dão conta de um processo moderno de secularização em que os indivíduos reforçam seu individualismo, se identificando com sua dimensão corporal. Acho realmente importante como os entendimentos entregues por especialistas como os médicos ou os educadores físicos permitem às pessoas uma salvaguarda moral, além de saber o que é certo e o que é errado, em direta relação com o que Foucault chama de poder pastoral. Porém os indivíduos não se encontram atados entre a culpa e o poder pastoral, há sempre uma potência na hora de agir de mãos dadas com a responsabilidade.

De modo reflexivo, olhando a pesquisa do início ao fim, em relação com o encontrado no trabalho de campo, não acho totalmente útil utilizar a palavra resistência de um jeito estrito. Os sujeitos não apresentam resistências simplesmente isoladas em oposição a certos entendimentos, pelo contrário, apresentam diferentes entendimentos intrincados. Isto me fez lembrar muito mais o que Bauman (1999) fala sobre as características da modernidade líquida e suas ambivalências.

Levando em conta uma das falas com o entrevistado 3, que começa falando, como vimos anteriormente, do porquê ele prefere a praia do que a academia, indica

Eu particularmente não gosto do ambiente de academia, porque é um lugar fechado assim, esse lugar que você tá ali, o pessoal levantando pesos ali e tal taltaltaltal eu gosto de andar, de ver disposição ver mas não quanto eu corri, quanto que eu andei ou quanto pedalei, sem mensurar distância, entendeu? Cê consegue parece, eu consigo absorver mais disso na academia, ficar levantando peso, caminhando na esteira (Andrés, 48 anos).

Esta é uma das poucas falas em que o entrevistado fala diretamente em fazer uma atividade física ou exercício sem outorgar nela um “espírito” de superação nem de autocompetição mediante a utilização de taxas, ou em seu caso, de medir distâncias. Aqui o entrevistado o faz porque gosta de andar de bicicleta mesmo, e o

ciclismo para ele não tem uma motivação além das sensações, do emocional e do experiencial para ele.

Por um lado achei interessante a proposta do entrevistado como parte de uma criação específica de sua subjetividade. Pessoalmente ele começou fazer ciclismo por conta de uma necessidade médica, mas tal atividade virou, além de uma atividade de saúde, uma atividade de lazer ou dispersão, da própria rotina, o que ele considera mesmo como parte de sua saúde. Ou seja, ele entende e cumpre certos entendimentos médicos, mas na hora de agir ele encontrou e supriu tal mandato do jeito que ele gostava mais. Aqui indica

A academia era mais uma coisa de **obrigação** [...] pra mim é obrigação entendeu? Não é aquela coisa, eu tinha que fazer porque tinha que fazer uma atividade física mas não era uma coisa que eu gostava (Andrés, 48 anos, grifo nosso).

Depois disso, Andrés revela o que para ele é um ponto chave no desenvolvimento do ciclismo

O ciclismo em si, é pra jovens, pra velhos, é pra criança, pra mulheres, homens, não tem não tem uma faixa etária, não tem um grau, não tem uma escolaridade, não tem um parâmetro, como se fala preto, branco, rico, pobre, moreno, mulato, indígena, quilombola, hetero, gay, todo mundo pode praticar não tem uma, como se fala, não tem um limite, quem quiser praticar é coisa tranquila saudável (Andrés, 48 anos).

Aqui o entrevistado indica certa universalidade da prática do ciclismo. O ciclismo para ele teria outro grau de liberdade em sua prática. Porque ele gosta do ciclismo e não da natação são perguntas que ele pode responder, mas na verdade, entrando num plano de subjetividade, posso responder simplesmente por que ele gosta. De um jeito similar, o entrevistado 1 caracteriza a prática do slackline de forma bastante similar a como Andrés caracteriza a prática do “pedal”

É pra todo tamanho, tipo, idade, claro que com a idade, quando a pessoa não sabe muito tem que ter o preparo, né? A segurança toda envolvida aí também, e o slackline trabalha todo o corpo, né? (Leo, 27 anos).

A praia, e as práticas podem ser entendidas como opções dentro da grande gama de produtos de consumo. Sejam como motivações de lazer, de saúde,

entretenimento ou estética, podemos enquadrar as escolhas dentro deste grande tópico, que se faz notar também neste contexto não menos diverso. Os gostos e a diversidade de opções na atualidade às vezes entram num plano de subjetividades. Estas singularidades de cada pessoa não são simples de desvelar porque não há necessariamente uma racionalidade para explicar como se chegou ao fato de uma pessoa indicar “gostei da prática X”. Esse plano subjetivo escapa de certa racionalidade mas isto não significa que não se pode enquadrar dentro de uma generalidade de gostos conduzidos por questões de classe, cultura e sociedade. O certo é que as subjetividades, no fim das contas, não são necessariamente caracteres fixos.

A entrevistada 2 na hora de responder à pergunta “Por que motivo você anda de patins?”, respondeu simples e claramente

Porque eu gosto, é um gosto particular (Ramona, 30 anos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizando uma síntese a modo de encerramento da pesquisa, são muitas as arestas que foram se dando no decorrer desta e em especial com o trabalho de campo. Tentar explicar certas motivações dos indivíduos a grosso modo não é simples, ainda mais quando as singularidades são relativamente heterogêneas e o único elemento em que os mesmos indivíduos convergem são na realização de atividades e no local que praia representa para eles.

O trabalho de campo foi decisivo para bem e para mal, na hora de direcionar a pesquisa, e as temáticas que vão aparecendo. Assim, ocorre que ao longo do campo começam a aparecer e se mostrar maiores interrogantes em relação a temas mais profundos, temas que não podem ser respondidos de um jeito tão simples e que vão junto a temas maiores. Temas em relação à sociedade onde se desenvolvem, temas de raça e temas de classes sociais. Enquanto a pesquisa apresenta por sua vez diferentes limitações na hora de continuar, direcionar e responder com outras etapas e interrogantes da pesquisa. O presente trabalho teve problemas especialmente em relação à administração do tempo.

Acho que há muitas limitantes em relação aos entenderes de produção corporal, os indivíduos resultam de uma mistura, uma amálgama de desejos, subjetividades, próprias, externas, internas, pessoais e gerais, que é difícil muitas vezes realizar leituras através destes corpos, os quais às vezes vão se complexificando. Corpos em relação a desejos, assim como indivíduos submetidos a seus próprios desejos.

Os entendimentos foucaultianos de poder repressivo não estão mais presentes, não de um jeito estritamente repressivo. Os entendimentos estão inseridos outorgando o poder ao indivíduo-sujeito, ao sujeito-cidadão. Há poder para as escolhas, mas há também uma forte responsabilidade, e as práticas trabalham com essas sensações de culpabilidade e pressão moral. As pessoas sabem porque encontra-se explícito em certas classes sociais e em certos grupos, que é saudável e que está certo, que significa não ser saudável e assim levar uma saúde “errada”. Este tipo de

suposições tem em si uma carga social específica, não é toda sociedade que possui este tipo de entendimentos.

Outras limitações correspondem ao mesmo espaço, que resulta uma discriminante em relação a classe social e outras questões como raça, que são elementos importantes dentro das análises da história brasileira. Surgem mais perguntas em relação a outros grupos e aos entendedores periféricos.

A pesquisa entrou em considerações com termos como esporte, atividade física e práticas corporais, sobre os quais há toda uma discussão teórica dentro da área da educação física. Entrando em relação com o que se viu no campo, a pesquisa não entrou muito nos elementos esportivos, mas sim nos entendimentos de atividades na natureza e práticas com fins não-competitivos pela diversão e o lazer. Deste modo, considero desnecessária a disputa científica sobre termos usados, como no caso da atividade física e das práticas corporais, quando no campo estas disputas não fazem muito sentido, já que as pessoas utilizam ambos conceitos às vezes como equivalentes. Não estou negando a conceitualização teórica própria da ciência mas estou me voltando para o que eu acho mais importante, o sujeito sobre a prática, porque é este quem a realiza.

Posso resumir este enfoque da presente pesquisa na troca da frase “Que (nós pesquisadores) podemos falar das práticas e atividades?” por “Que eles praticantes e exercitadores podem nos falar das suas práticas?”. Assim, tentei situar o sujeito no centro da problemática, em oposição a certos estudos que enfatizam as dinâmicas nas práticas ou no esporte. Estudos que focados nas atividades em si, mas que nas subjetividades, as motivações, desejos ou aspectos pessoais. Concordando com Carvalho (2001) acho necessário repensar os sujeitos dentro das práticas, o contexto e os elementos mais singulares e individuais, mas do que as práticas entendidas como um elemento homogeneizador em si.

Por conta deste enfoque e da mesma elaboração da pesquisa e o pouco aprofundamento nas práticas em si, não entrei em grupos específicos com suas regras específicas e os casos comprometidos com as práticas e a competição. Pelo contrário, nos encontramos frente a um perfil de frequentador específico, alguém

que precisa fazer algum tipo de exercício por conta das sugestões médicas. Estes sujeitos terminam utilizando a praia não simplesmente para cumprir os mandatos de saúde senão que tentam se aproximar a um estado de bem-estar através do lazer, diversão ou relaxamento. Isto se encaixa, em parte, com o que Carvalho (1993) indica como o mito da atividade física/saúde, isto principalmente pela crença imposta de que através da atividade física as pessoas vão recuperar ou melhorar seu estado de saúde e também porque não, encontrar um estado de bem-estar. Os frequentadores lidam com estes conhecimentos indo para a praia fazer todo tipo de atividade com esta crença: realizar atividade física faz bem para a saúde. Impulsionada e amparada em conhecimentos científicos e médicos. Nada muito diferente do dito por Carvalho.

O que sim acho interessante é como os frequentadores entram em uma série de entendimentos da modernidade e também da alta modernidade. Assim possuem e utilizam conceitos de saúde próprios das instituições modernas enlaçados com termos como corpo, criados como um entender dentro de uma estratégia biopolítica específica. A sua vez trazem elementos da alta modernidade, elementos impulsados pelo individualismo, os desejos e motivações do neoliberalismo atual, primando o consumismo e o bem-estar. A saúde entra em um plano de bem-estar onde o consumo tem uma tarefa primordial. Silva (2001) indica esta procura de corpo e saúde como parte do novo arquétipo de bem-estar e de felicidade.

De um jeito similar, entendimentos de padrões de beleza ou estética são entendidos como elementos trazidos e sobre-explorados na alta modernidade, entram em zonas de solapamento com entendimentos como saúde, autoestima e bem-estar. Estes tipos de solapamento e contradições no entendimento de Bauman (1999) correspondem a ambivalências próprias da alta modernidade. Há necessidades novas e criadas e sujeitos individuais no meio da zona de consumo, mesmo quando o conhecimento e os mandatos de certas instituições modernas fazem sentido e ainda exercem seu poder pastoral dentro de áreas delimitadas como a medicina e outros entendimentos de saúde.

É assim que os indivíduos têm toda essa classe de entendimentos agrupados como se fossem caixinhas, algumas que encaixam perfeitamente e fazem todo sentido

com outros entendimentos, mas há outras jogadas ou mal encaixadas como da dualidade cartesiana, que muitos dos frequentadores expressam.

Como foi dito, isso não é o resultado de novas análises mas se de uma multiplicidade de fatores e entendimentos para que uma pessoa em específico de certa classe social e com certa história de vida termine utilizando o espaço de praia como se fosse parte da natureza dentro do espaço urbano para organizar seus desejos relacionados a uma saúde ampliada. Ou seja, há muitos entendimentos e relações que os frequentadores realizam na procura deste estado de bem-estar como um fim.

Ainda que haja elementos como saúde e a estética específica das mídias, o que é considerado por estas como o que é belo pode ser separado, como dois elementos alheios um do outro. Há no imaginário coletivo o que me lembra a dissertação de Carvalho (1993) de que a beleza é saudável. Há um entendimento base bombardeado pelos *massmedia* de que a beleza é parte da saúde. O único que fica mais claro é que estes tipos de entendimentos convergem em mensagens claras e contraditórias ao mesmo tempo.

A beleza, a saúde, os corpos convergem num plano de consumo, em que os produtos estão de acordo com os desejos, as vontades individuais. E as vontades, por sua vez, podem estar ou não submetidas às mensagens do mercado. Tudo pode valer na procura da saúde perfeita, na procura de um estado de bem-estar, tanto o permitido como o não permitido, porque as mensagens e instruções são muitas, são ambivalentes e contraditórias. Por sua vez, a maneira de cumprir tais instruções, ou seja, as formas e os meios de chegar nesse estado de bem-estar são ainda mais variadas. Aqui é onde as atividades de praia se enquadram, dentro de certas mensagens na procura de um bem-estar, na procura de se sentir bem. Não é para isso que as pessoas experimentam tanto, consomem tanto e fazem tanto?

REFERÊNCIAS

- ALVES, F; CARVALHO, Y. Práticas corporais e grande saúde: um encontro possível. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 229-244, outubro/dezembro, 2010.
- ALVES, M. Para pensar o público e o privado: Foucault e o tema das artes de governar. In: RAGO, M; VEIGA-NETO, A. (orgs) **Figuras de Foucault**. 2da ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- ASSMANN, S. Por uma política da vida a partir da relação entre corpo e vida. In: FRAGA, A; DE CARVALHO, Y; GOMES, I. (orgs.) **As práticas corporais no campo da saúde** – São Paulo, Hucitec, 2013.
- ASSMANN, S. et. al. Do poder sobre a vida e do poder da vida: Lugares do corpo, Biopolítica. **Temas & Matizes**, N°11, p. 19-27, jan\jun, 2007.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1999.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2001.
- BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**: Os usos sociais do corpo – São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- BRACHT, V. et. al. Do corpo produtivo ao corpo consumidor. a Educação Física na modernidade líquida. In: VAREA, V; GALAK, E. (Editores) **Cuerpo y Educación Física**: Perspectivas latinoamericanas para pensar la educación de los cuerpos - Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Biblos, 2013.
- CARNEIRO, G. **Corporeidade, consumo e identidades políticas: Estratégias de empoderamento feminino negro realizadas pelo coletivo das pretas na cidade de Vitória/ ES**. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2017.
- CARVALHO, N. et. al. **Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana**: o caso da RMC - Região Metropolitana de Campinas. Curitiba, PR: OPUS, 2007.

CARVALHO, Y. **O mito da atividade física/ saúde**. 1993. disponível no site: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/274844/1/Carvalho_YaraMariadeM.pdf

CARVALHO, Y. Atividade física e saúde: onde está e quem é o “sujeito” da relação? **Revista Brasileira de ciências do esporte**. v. 22, n. 2, p. 9-21. jan, 2001.

CASTRO, E. Biopolítica y Gubernamentalidad. **Temas & Matizes** , N°11, p. 8-18, jan\jun, 2007.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault** - Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. -Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CORREIA, C. **Compreensões do corpo a partir de frequentadoras de uma academia para mulheres de Vitória/ES**. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2016.

CRISORIO, R. Actividad(es) física(s) versus prácticascorporales. In: GALAK, E; GAMBAROTTA, E. (editores) **Cuerpo, educación, política**: Tensiones epistémicas, históricas y prácticas - Ciudad autónoma de Buenos Aires: Biblos, 2015.

CRISORIO, R. Educación Física y Biopolítica. **Temas & Matizes**, N°11, p. 67-78, jan\jun, 2007.

DAMICO, J; KNUTH, A. O des(encontro) das práticas corporais e atividade física: Híbridações e borramentos no campo da saúde. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 01, p. 329-350, jan/mar, 2014.

DA COSTA, R. Políticas da vida e pedagogia do corpo. In: **As práticas corporais no campo da saúde**: pesquisa interinstitucional e formação e rede. Org. CARVALHO, Y; GOMES, I; FRAGA, A. - 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2016.

DA COSTA, V. et. al. Esportes de praia. In: DA COSTA, L, (org.) **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro, Confef, 2006.

DE SANT´ANNA, D. Cuidados de sí e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: **Políticas do corpo**: elementos para uma história

das práticas corporais. Org. SANT'ANNA, de. D. - 2; ed: São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter PálPelbart. - São Paulo: Ed. 34, 1992.

DI DOMIZIO, D. **Cuerpo Di Domizio** – Revista Motricidad y persona, No 13, 2013.

DREYFUS, H; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica) - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

DUARTE, A. Biopolítica e resistência; o legado de Michel Foucault. In: RAGO, M; VEIGA-NETO, A. (orgs) **Figuras de Foucault**. 2da ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

EDMONDS, A. No universo da beleza: Notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG. M et. al. **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. -2da ed. - Rio de Janeiro: Record, 2007.

ESTEBAN, M. **Antropología del cuerpo**: Género, itinerarios corporales, identidad y cambio – Barcelona: EdicionsBellaterra, 2004.

FARIAS, P. Corpo e classificação de cor numa praia carioca. In: GOLDENBERG. M et. al. **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.-2da ed. - Rio de Janeiro: Record, 2007.

FIRME, B. **Do fora à pele: notas de uma presença estranha em um estúdio de tatuagem**. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2013.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no College de France (1975-1976).-São Paulo: Martin Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. El sujeto y el poder– **Revista Mexicana de Sociología**, Vol. 50, No. 3. Jul – Sep., 1988.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: A vontade do saber. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Microfísica del poder**. 2a ed.- Madrid; Las ediciones de la piqueta, 1979.

FOUCAULT, M. **Nacimiento de la Biopolítica**: Curso en el Collège de France: 1978-1979 - 1a ed. - Buenos Aires; Fondo de Cultura Económica, 2007.

FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População**: Curso dado no Collège de France (1977-1978).-São Paulo; Martin Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão.-Petrópolis, Vozes, 1987.

GALAK, E. El cuerpo de las prácticas corporales; **Educación Física**. Estudios críticos en Educación Física. La Plata, Al margen, 2009.

GALAK, E. Hacia una (re)politización de los cuerpos. Educación Física, higienismo, eugenesia y Estado. In: CAMBLOR, E. et. al (coordinadores) **Prácticas de la Educación Física**. Universidad Nacional de la Plata, 2014.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas** – 1.ed., 13. Reimpr. – Rio de Janeiro, 2008.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**; tradução de Raul Fiker – São Paulo; Editora UNESP, 1991.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8va ed.- Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOLDENBERG, M; SILVA, M. A civilização das formas: O corpo como valor. In: GOLDENBERG, M et. al. **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.-2da ed. - Rio de Janeiro: Record, 2007.

GONÇALVES, C. **Entre o mar e a montanha**: esporte, aventura e natureza no Rio de Janeiro. Niterói: EdUFF, 2007.

GONÇALVES, C. Para uma história do lazer na natureza. In: GONÇALVES, C; ALVES, E (orgs.) **Em busca de aventura**: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza. Niterói: EdUFF, 2009.

LAZZAROTTI, A. et. al. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física; **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 11-29, janeiro/março, 2010.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: Antropologia e sociedade – tradução Marina Appenzeller, - 6ª ed. – Campinas, SP; Papyrus, 2013.

LE BRETON, D. **Antropología del cuerpo y modernidad** – 1ª ed. – 1ª reimp. – Buenos Aires; Nueva visión, 2002.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo** – tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. 5. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MACHADO, R. A política da vida e a saúde. In: FRAGA, A; DE CARVALHO, Y; GOMES, I. (orgs.) **As práticas corporais no campo da saúde** – São Paulo, Hucitec, 2013.

MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG. M et. al. **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. -2da ed. - Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARCELLINO, N. **Pedagogia da animação**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2005.

MARTINEZ, A. **La construcción del cuerpo en las sociedades contemporáneas** – Papers: revista de sociología, No 73, 2004.

OLIVEIRA, A; GOMES I. As estratégias modernas e o corpo consumidor: do produtor disciplinado ao colecionador de sensações. **Temas & Matizes**, N°07, p. 41-50, jan-jun, 2005.

ORTEGA, F. **O corpo Incerto** – corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro, Garamond, 2008.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia** – Rio de Janeiro; Relume-Dumara, 1995.

PELBART, P. **Vida Capital**: Ensaios de biopolítica. Ed. Iluminuras, São Paulo, 2003.

PINA, L. et al. As “tribos” da orla: investigando os grupos sociais nos momentos de lazer. In: SOUZA, D. et al. (orgs) **Projeto Orla**: Estrutura, equipamentos e usos da Orla na Praia de Atalaia em Aracaju/ES. Aracaju, 2011.

REVEL, J. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. -São Carlos: Claraluz, 2005.

ROSE, N. **Politics of life itself** - biomedicine, power, and subjectivity in the Twenty-first Century. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2007.

RODRÍGUEZ, R; SERÉ, C. La anatomía es el destino: La educación física y el saber del cuerpo. In: VAREA, V; GALAK, E. (Editores) **Cuerpo y Educación Física**: Perspectivas latinoamericanas para pensar la educación de los cuerpos - Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Biblos, 2013.

SABINO, C. Anabolizantes: Drogas de Apolo. In: GOLDENBERG. M et. al. **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. -2da ed. - Rio de Janeiro: Record, 2007.

SACCHI, L. SALIBA, G. Política da própria vida, cultura somática e os imperativos contemporâneos de saúde. In: GOMES, I; FRAGA, A; DE CARVALHO, Y. (orgs.) **Práticas corporais no campo da saúde**: uma política em formação – Porto Alegre, Rede unida, 2015.

SILVA, A. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. – Campinas, SP: Autores associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SOARES, C. Pedagogias do corpo; Higiene, ginástica, esporte. In: RAGO, M; VEIGA-NETO, A. (orgs) **Figuras de Foucault**. 2da ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

STRATHERN, M. **O efeito etnográfico**. São Paulo, Cosac Naify, 2014.

VEIGA-NETO, A; SARAIVA, K. Educar como arte de governar. In: **Currículo sem fronteiras**, v.11, n.1, pp.5-13, Jan-Jun, 2011.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo, Cosac Naify, 2010.

WIKIN, Y. **A nova comunicação da teoria ao trabalho de campo**. São Paulo, Papyrus, 1998.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA
(PARA FREQUENTADORES DAS PRATICAS NA PRAIA DE CAMBURI)

- Dados de identificação

Nome do/a entrevistado/a:

Ocupação:

Idade:

Escolaridade:

Bairro de residência:

- Sobre a pratica que realiza

Há quanto tempo que você vem na praia?

Que praticas você realiza?

Há quanto tempo que você realiza essa pratica?

Quantas vezes por semana você realiza essa pratica?

Por que você realiza essa pratica?/Como você conheceu essa pratica?

Você vem para a praia com alguém? Quem?

- Outras questões

Acha necessárias as atividades físicas para o melhoramento da saúde?

Você realiza atividade numa academia?

Que acha das atividades de academia?

Você acha que as pessoas são um corpo ou tem um corpo?

